



# Die Kultur hinter der Mauer

Überlegungen über eine neue Auffassung von Kultur im Bereich  
des Fremdspracheunterrichts

Wissenschaftliche Arbeit zur Erlangung des Grades

Mestre em Letras

der Bundesuniversität von Paraná (UFPR)

und Master of Arts der Universität Leipzig

im Fach Deutsch als Fremdsprache

eingereicht am: 2013

von Rosane Inês Chapiewsky

Erstgutachter: Prof. Dr. Paulo Astor Soethe

Zweitgutachterin: Prof. Dr. Ursula Renate Riedner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

# **Die Kultur hinter der Mauer**

Überlegungen über eine neue Auffassung von Kultur im Bereich  
des Fremdspracheunterrichts - (A CULTURA POR TRÁS DO MURO

- CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA NOVA ABORDAGEM DE CULTURA  
NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA)

CURITIBA

2013

ROSANE I. CHAPIEWSKY

# **Die Kultur hinter der Mauer**

Überlegungen über eine neue Auffassung von Kultur im Bereich  
des Fremdspracheunterrichts - (A CULTURA POR TRÁS DO MURO

- CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA NOVA ABORDAGEM DE CULTURA  
NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Paraná, como requisito  
parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de  
concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa:  
Alemão como Língua Estrangeira.

Orientadores: Prof. Dr. Paulo Astor Soethe

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ursula Renate Riedner

CURITIBA

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata sexcentésima sétima, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda ROSANE INÊS CHAPIEWSKY. No dia vinte e sete de março de dois mil e treze, às oito horas e trinta minutos, na sala 1012, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná foram instalados, em regime de conferência-web, os trabalhos da Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores Doutores: PAULO ASTOR SOETHE, Presidente, URSULA RENATE RIEDNER e RUTH BOHUNOVSKY designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de tese intitulada DIE KULTUR HINTER DER MAUER. ÜBERLEGUNGEN ÜBER EINE NEUE AUFFASSUNG VON KULTUR IM BEREICH DES FREMDSPRACHEUNTERRICHTS – (A CULTURA POR TRÁS DO MURO. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA NOVA NOÇÃO DE CULTURA NA ÁREA DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA), apresentada por ROSANE INÊS CHAPIEWSKY. A sessão teve início com a apresentação oral da Mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, a Candidata apresentou sua defesa. Na seqüência, o Professor PAULO ASTOR SOETHE retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da Candidata. Em seguida, o senhor Presidente declarou **APROVADA** a Candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia vinte e sete de março de dois mil e treze. xxxxxxxxxxxxxxxx

Dr. Paulo Astor Soethe

Dr. Ruth Bohunovsky

Dr. Ursula Renate Riedner

Rosane Inês Chapiewsky



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

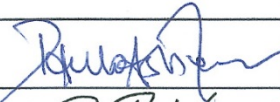


## PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de ROSANE INÊS CHAPIEWSKY para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados PAULO ASTOR SOETHE, URSULA RENATE RIEDNER e RUTH BOHUNOVSKY argüiram, nesta data, a Candidata, a qual apresentou a tese:

DIE KULTUR HINTER DER MAUER. ÜBERLEGUNGEN ÜBER EINE NEUE AUFFASSUNG VON KULTUR IM BEREICH DES FREMDSPRACHEUNTERRICHTS – (A CULTURA POR TRÁS DO MURO. CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA NOVA NOÇÃO DE CULTURA NA ÁREA DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA)

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a Candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
PAULO ASTOR SOETHE		aprovada
URSULA RENATE RIEDNER (U LEIPZIG)		APROVADA
RUTH BOHUNOVSKY		aprovada

Curitiba, 27 de março de 2013.

  
Teresa Cristina Wachowicz  
Coordenadora  
Matrícula SIAPE 2169997



"Ich wollte die Mauer dadurch sichtbarer machen"

"ihr den Mythos nehmen"

Thierry Noir



# INHALTSVERZEICHNIS

---

<b>Resumo .....</b>	<b>i</b>
<b>Zusammenfassung .....</b>	<b>ii</b>
<b>EINLEITUNG .....</b>	<b>1</b>
<b>TEIL 1 THEORETISCHE GRUNDLAGEN .....</b>	<b>4</b>
1.1 Theoretischer Hintergrund .....	5
1.1.1 Bedeutungs- und wissensorientierter Kulturbegriff .....	5
1.1.2 Kommunikationsgemeinschaft als Bezugsgröße für soziale Gruppe .....	7
1.1.3 Kulturelle Deutungsmuster .....	10
1.1.3.1 Kulturelle Deutungsmuster – kulturelles Gedächtnis .....	13
1.1.3.2 Kulturelle Deutungsmuster - soziales Wissen .....	15
1.2 Hintergrund zum kulturellen Textverstehen .....	17
1.2.1 Textbegriff und Kommunikation .....	18
1.2.2 Textverstehen: Erkennung der Leerstelle und Aktivierung des Vorwissens .....	19
1.2.3 Präsupponiertes Wissen und potenzieller Rezipient .....	22
1.3 Beiträge der Wissenssoziologischen Diskursanalyse .....	26
1.3.1 Kulturwissenschaftliche Textanalyse .....	26
1.3.2 Die Verbindung mit der Wissenssoziologischen Diskursanalyse .....	26
1.3.3 Diskursbegriff .....	29
1.3.4 ‚Kultur als Diskursfeld‘ .....	31
1.3.5 Die Bildebene .....	32
<b>Teil 2 METHODISCHES VORGEHEN .....</b>	<b>35</b>
2.1 Themenstellung: Die Berliner Mauer .....	35
2.1.1 Die Berliner Mauer als Untersuchungsgegenstand .....	38
2.2 Das Datenkorpus und Fragestellung .....	38
2.2.1 Aufteilung des Korpus .....	40
2.3 Analyseverfahren .....	41
2.3.1 Die Schlüsseltextanalyse .....	42
2.3.1.1 Die Makroanalyse .....	42
2.3.1.2 Die Mikroanalyse .....	43

2.3.2 Die Metatextanalyse.....	44
2.3.3 Die Hintergrundtextanalyse.....	45
<b>TEIL 3 DIE BERLINER MAUER ALS KULTURELLES DEUTUNGSMUSTER – EINE EXEMPLARISCHE ANALYSE .....</b>	<b>47</b>
3.1 ‚Mauer im Kopf‘ .....	47
3.1.1 Die Makroanalyse – Kontextualisierung und Vorstellung des Textsortenmusters .....	48
3.1.2 Makro- und Mikroanalyse - Die ersten Schritte zur Identifikation des Deutungsmusters .....	49
3.1.3 Metatextanalyse des Deutungsmusters ‚Mauer im Kopf‘ .....	52
3.1.4 Hintergrundtextanalyse .....	54
3.1.4.1 „Der Mauerspringer“ – Peter Schneider (1982) .....	54
3.1.4.2 ‚Getrennt vereint?‘ Katja Neller.....	56
3.1.4.3 ‚Mauer im Kopf‘ – Schlussfolgerung.....	58
3.2 ‚Die Mauer als Mythos‘ .....	60
3.2.1 Die Makroanalyse – Kontextualisierung und Vorstellung des Textsortenmusters .....	60
3.2.2 Makro- und Mikroanalyse – Die ersten Schritte zur Identifikation des Deutungsmusters.....	61
3.2.3 Metatextanalyse des Deutungsmusters ‚Mauer als Mythos‘ .....	63
3.2.4 Hintergrundtextanalyse.....	64
3.2.4.1 „Mythos Mauer: Wo verlief sie eigentlich?“ Deutsche Welle-TV.....	64
3.2.4.2 „Metapher Mahnmal Mythos“ – Professor Dr. Kaus-Dietmar Henke .....	66
3.2.4.3 Die Mauer als Mythos – Schlussfolgerung.....	68
<b>TEIL 4 AUSBLICK: PRAKTISCHE ANWENDUNG DER VORLIEGENDEN ARBEIT .....</b>	<b>70</b>
4.1 Praktische Implikationen, der brasilianische Kontext und Weiterentwicklungen .....	70
<b>TEIL 5 SCHLUSSBETRACHTUNG .....</b>	<b>75</b>
<b>ANHANG.....</b>	<b>79</b>
<b>LITERATURVERZEICHNIS .....</b>	<b>88</b>
<b>SELBSTÄNDIGKEITSERKLÄRUNG.....</b>	<b>92</b>



# Resumo

---

Palavras chave: cultura, estudos da cultura nacional, alemão como língua estrangeira, ensino de língua estrangeira, Muro de Berlim.

O conceito de cultura elaborado por Claus Altmayer (2004), voltado especificamente para o ensino de língua estrangeira, é o tema desta dissertação. O trabalho de Altmayer é apresentado em conjunto com a análise de alguns textos que foram publicados na mídia alemã em novembro de 2009, quando se comemoraram os 20 anos da queda do Muro de Berlim. A análise desses textos tem como objetivo reconstruir os padrões de interpretação implícitos (Deutungsmuster) referentes ao Muro de Berlim que foram encontrados neste material. Esse estudo foi realizado com o auxílio dos instrumentos de análise do discurso desenvolvidos pela sociologia. Ao final também se apresentam considerações sobre o reflexo da aplicação dessa abordagem de cultura no ensino de Língua Estrangeira, considerando-se especificamente o ensino de Alemão como Língua Estrangeira.

# Zusammenfassung

---

Schlüsselwörter: Kultur, Landeskunde, Deutsch als Fremdsprache, Fremdsprachenunterricht, Berliner Mauer

In dieser Arbeit geht es um den Begriff von Kultur im Kontext des Fremdsprachenunterrichts nach der Auffassung von Claus Altmayer (2004). Die Arbeit von Altmayer wird anhand der Rekonstruktion von zwei kulturellen Deutungsmustern dargestellt, die rund um die Feierlichkeiten des ‚20 Jahre Mauerfalls‘ im November 2009 in den deutschen Massenmedien erschienen sind. Die Rekonstruktion der Deutungsmuster findet im Dialog mit dem Instrumentarium der wissenssoziologischen Diskursanalyse statt. Anschließend werden auch Überlegungen über die Resonanz dieser Auffassung von Kultur im Fremdsprachenunterricht angestellt, insbesondere in Bezug auf das Deutsche als Fremdsprache.

# EINLEITUNG

---

Dass das Erlernen einer Sprache mehr als die Herausforderungen der Grammatik und der Zeichen bedeutet, ist schon längst klar. Die anderen Merkmale, die in diesem Kontext eintreten, lösen allerdings interessante Diskussionen aus, insbesondere was die Kultur im Kontext des Fremdspracheunterrichts betrifft. Seit der Berücksichtigung der Kultur in den 1990er Jahren in den ABCD Thesen gewann sie immer mehr Aufmerksamkeit in der theoretische Diskussion und dies spiegelte sich in der Fremdsprachendidaktik wider. Bei der Landeskunde lässt sich diese Diskussion bemerken, wenn die kommunikative und die interkulturellen Ansätze sich nicht mehr einfach um die Themen Politik, Geschichte und ‚Hochkultur‘ drehen, sondern einen Weg zu einer Integration zwischen der Arbeit mit der Sprache in Bezug auf das alltägliche Leben in der Zielkultur oder auf Fremdverstehen zu finden versuchen.

Mit entscheidenden Anregungen hat Claus Altmayer (2004) in seinem Buch ‚Kultur als Hypertext‘ einen anderen Blick auf die Diskussion über Kultur im Kontext des Deutschen als Fremdsprachegebracht. Schwerpunkte dieses Bandes und von vielen von seinen weiteren Artikeln sind zum einen die Transformation der Landeskunde in eine Kulturwissenschaft, die sich auf eine transdisziplinäre Forschungspraxis bezieht und zum anderen die entsprechende kulturtheoretische Grundlage. Der Autor geht davon aus, dass die Weiterentwicklung der Landeskunde bzw. Kulturwissenschaft in Zusammenhang mit einer anderen Konzeption des Begriffes Kultur steht, nämlich der Kultur als einem sprachlich-diskursiven Phänomen, der sich deutlich von einem homogenisierenden und nationalbezogenen Verständnis von Kultur abtrennt.

Kultur bedeutet in dieser Konstellation das Repertoire an gemeinsamem und kollektivem Wissen, mit denen wir die Wirklichkeit und die Welt wahrnehmen. Sie ist ein sprachlich-diskursives Phänomen, das als implizites Muster in der Sprache vorkommt. Altmayer bezeichnet diese Muster als kulturelle Deutungsmuster, sofern es sich dabei um „überlieferte, im kulturellen Gedächtnis einer Gruppe gespeicherte und abrufbare Muster von einer gewissen Stabilität handelt“ (2006a:51).

Die vorliegende Arbeit setzt sich mit den Überlegungen von Altmayer auseinander, insbesondere mit der Bedeutung von Kultur im Kontext des Fremdsprachenunterrichts und ihrer Erforschung in diesem Bereich. Zum einen soll geklärt werden, woraus die Kultur in diesem Kontext entsteht und zum anderen soll die mögliche Rekonstruktion der impliziten Deutungsmuster betrachtet werden. Die Rekonstruktion des Deutungsmusters ist dabei mit den Reflexionen und dem schon dafür verfügbaren Instrumentarium der wissenssoziologischen Diskursanalyse verknüpft. Auf diese Weise zielt diese Arbeit auf die Rekonstruktion von textuell-diskursiven Deutungsmustern ab, die sich mit der Thematik der Berliner Mauer befassen, rund um die Feierlichkeiten zum Jubiläum, 20 Jahre Mauerfall‘.

Es zeigt sich auch in dieser Konstellation, dass die Textrezeption eine sehr große Rolle spielt, da sie ‚Kultur‘ durch die Beschäftigung mit Texten und die Bearbeitung deren implizites Wissen und kulturelle Deutungsmuster zugänglich macht. All dies bedeutet, dass eine Textrezeption oder eine erfolgreiche fremdsprachliche Verstehenskompetenz mehr als den Erwerb von Grammatik und Wortschatz verlangt. Das Fremdverstehen bei der kulturwissenschaftlich orientierten Landeskunde basiert vorwiegend auf dem kollektiven Gedächtnis und auf ihren Aussageintentionen. Demzufolge soll der Rezipient eines Textes diese Merkmale als Kommunikationselemente zunächst identifizieren und sich danach anhand seines Vorwissens damit kritisch auseinandersetzen.

Der erste Teil der vorliegenden Arbeit stellt den ihren theoretischen Bezugsrahmen vor. So wird auf die Grundlage für das neue Konzept von Kultur (§1.1.1) im Fremdsprachenunterricht eingegangen. Die Herleitung von Begriffen wie kulturelles Deutungsmuster (§1.1.3), Kommunikationswissenschaft (§1.1.2) und kulturelles Gedächtnis (§1.1.3.1) werden in diesem Zusammenhang näher betrachtet. Darauf folgen die Definitionen von Text (§1.2.1) und Textverstehen (§1.2.2) angesichts des Erkenntnisinteresses der Kulturwissenschaft. Daran anschließend werden die Beiträge der wissenssoziologischen Diskursanalyse in diesem Bereich dargestellt (§1.3).

Im zweiten Teil wird die Grundlage für die Analyse und Rekonstruktion des kulturellen Deutungsmusters gebildet. Die Berliner Mauer wird als thematischer Bezugspunkt (§2.1) und als Untersuchungsgegenstand (§2.1.1) vorgestellt. Damit soll ein Überblick darüber

gegeben werden, wovon die Rekonstruktion von Deutungsmustern eigentlich handelt und dass die Datenquelle für einen solchen Ansatz vorwiegend aus den Massenmedien stammt. Im diesem Zusammenhang werden das Datenkorpus und die Fragestellung beschrieben (§2.2). Dabei geht es darum, systematisch mögliche Deutungsmuster über die Berliner Mauer zu benennen und diejenigen zu beschreiben, die für die Fremdsprachenlerner vermutlich nicht so auffällig sind oder nicht selbstverständlich wahrgenommen werden können. Im Rückgriff auf Nachbardisziplinen wie die Wissenssoziologische Diskursanalyse und hauptsächlich auf die Arbeit von Reiner Keller wird das methodische Vorgehen erläutert (§2.3). Im dritten Teil wird dann die Rekonstruktion der Deutungsmuster mit Hilfe einer dreistufigen Verfahrensweise durchgeführt.

Im vierten Teil wird dann kurzreflektiert, wie die Auseinandersetzung mit kulturellen Deutungsmustern sich in der Praxis widerspiegeln kann, da die didaktischen Überlegungen in diesem Bereich immer noch ein großes Forschungsdesiderat bei der Ausarbeitung der Kulturwissenschaft darstellen (Altmayer 2006a, 2006b, 2007b). Es wird an dieser Stelle eher versucht aufzuzeigen, dass eine andere Betrachtung der Kultur im Bereich des Deutschen als Fremdsprachenunterricht möglich ist. Betont wird nun, dass die Kulturwissenschaftliche Landeskunde keine oder nur wenige didaktische Vorschläge gibt, demgegenüber verfügt sie schon über genügend Reflexionen und Diskussionen in Bezug auf die stereotypisierende und homogenisierende Auffassung von Kultur im Fremdsprachenunterricht.

Abschließend soll im fünften Teil verdeutlicht werden, dass die größten Herausforderungen dieser Arbeit die Beschäftigung mit dieser Auffassung von Kultur und die dementsprechende Rekonstruktion von Deutungsmustern sind, trotz des fehlenden Instrumentariums dafür im Rahmen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde. Darüber hinaus soll auch behauptet werden, dass diese Vorgabe als Basis für einen weiteren Schritt dienen, nämlich die herkömmliche Berücksichtigung und Anwendung dieser Prämissen und Daten in der weiteren Forschung und in der Praxis von Deutsch als Fremdsprache. Daher widmen sich diese Arbeit und die hier durchgeführten Reflexionen nicht nur einem akademischen Ziel, sondern auch den Deutschlehrern, insbesondere in Brasilien, die sich im Bereich der Landeskunde weiterentwickeln möchten.

# TEIL 1 THEORETISCHE GRUNDLAGEN

---

Da es in der Landeskunde mehrere Auffassungen und Interpretationen von Kultur gibt, die nicht unbedingt so präzise sind, wie es wünschenswert wäre, wird am Anfang dieses Kapitels genauer beschrieben werden, was bei Claus Altmayer Kultur als Wissen und als sprachliches und diskursives Phänomen bedeutet (§1.1.1). Diese Einführung dient dazu, Missverständnisse zu vermeiden und die folgende kulturwissenschaftliche Diskursanalyse zu untermauern.

Darüber hinaus wird die Idee von Kommunikationsgemeinschaften in Hinblick auf Fremdsprachenunterricht als Bezugsgröße für soziale und kulturelle Merkmale statt als Konstitution von Identität durch eine geografische oder politische Bezugsgröße vorgestellt (§1.1.2).

Kultur soll an dieser Stelle bezüglich des kulturellen Deutungsmusters näher erläutert werden, indem zuerst der Fokus auf die sozialen statt die kognitiven Prozesse gelegt wird. Ebenso soll die Aufgabe der Kulturwissenschaft und ihr Interesse an der Deutung der Welt beschrieben werden (§1.1.3). Somit wird auch gezeigt, wie wichtig die Rolle der kulturellen Deutungsmuster unter diesen Umständen ist.

Dann wird auf den Zugang zu kulturellen Deutungsmustern durch Texte eingegangen. Damit soll die Kollektivität dieses Wissen hervorgehoben werden, im Gegensatz zu den individuellen Merkmalen wie sie gewissermaßen die kognitiven Schemata implizieren. So wird anhand der sozialwissenschaftlichen Auffassung vom kulturellen Gedächtnis betont, wie sich Kultur in diesem Bereich als ein sprachliches Phänomen kennzeichnet und insbesondere in sozialen Aspekten verankert ist (§1.1.3.1).

Im Anschluss wird auf die Frage nach der Übertragung von sozialem Wissen zwischen den Mitgliedern einer Kommunikationsgemeinschaft näher eingegangen. Damit wird die Textualität der Kultur im weitesten Sinn begründet (§1.1.3.2).

## 1.1 Theoretischer Hintergrund

### 1.1.1 Bedeutungs- und wissensorientierter Kulturbegriff

Die Problematik und die Komplexität davon, was unter Kultur verstanden wird, spiegeln sich auch im Forschungskontext des Fremdsprachenunterrichts wider. Daher spielt die Kultur eine wichtige Rolle bei der Weiterentwicklung der Landeskunde bzw. ihrer Transformation zu einer Kulturwissenschaft.

Das Paradigma der Interkulturalität hat die Diskussionen über die Landeskunde seit den 1990er Jahre stark beeinflusst. Als Ausgangspunkt für das Forschungsinteresse in diesem Bereich gelten immer noch die Überlegungen über das ‚Eigene‘ und das ‚Fremde‘, Fremdverstehen, Perspektivenwechsel und insbesondere über das, was sich hinter diesen Konzepten verbirgt, nämlich die Begegnung zweier unterschiedlicher ‚Kulturen‘ (Altmayer 2006a).

Diese Auffassung von Kultur stellt sich sehr problematisch dar, denn es wird

„ein essentialistisches und homogenisierendes Verständnis von ‚Kultur‘ bzw. ‚Kulturen‘ vorausgesetzt [...], wonach es sich bei ‚Kulturen‘ um reale, nach außen mehr oder weniger klar abgegrenzte und nach innen immer mehr oder weniger homogene, meist national oder ethnisch definierte Gruppen von Menschen handelt, die ‚objektiv‘ bestimmte Gemeinsamkeiten des Verhaltens, Wahrnehmens, Denkens und Fühlens aufweisen“ (Altmayer 2006a: 48).

In Bezug auf diese Kritik an einer simplifizierenden Definition von Kultur gibt es schon so etwas wie einen Konsens in der Forschung. Hu (2010) behauptet in Anknüpfung an Risager (2009), dass „seit den 1990er Jahren in den Kulturwissenschaften sowie verwandten Disziplinen eine Dekonstruktion essentialistischer Kulturkonzepte zu beobachten [ist]“ (Hu 2010: 1395). Im Gegensatz dazu lassen die weiteren Reflexionen, die zu einem neuen Verständnis führen sollen und andere Perspektiven für die Forschung öffnen, noch genug Platz für Diskussionen und Widersprüche. Auf diese Weise ist die Notwendigkeit einer Ausdifferenzierung erkennbar jedes Mal, wenn Kultur im Kontext der Fremdsprachenforschung thematisiert wird (Altmayer 2006a, Hu 2003, Rösler 1993).



Angesichts dieser Situation muss man darüber nachdenken, wie eine trennscharfe Abgrenzung eines solchen Verständnisses von Kultur aussehen kann, die eine Standardisierung von Verhaltens- und Denkweisen beinhaltet. Vielmehr stellt sich mittlerweile auch die Frage nach der Rolle der Subjektivität des Individuums im Hinblick auf die Lern- und Unterrichtsprozesse. Nach Angabe von Altmayer „[sind] Lerner nicht a priori Repräsentanten ‚ihrer‘ ‚Kultur‘ (...), Lerner sind zunächst und vor allem Individuen“ (Altmayer 2006a: 49).

Eine solche Annahme impliziert eine neue und umfassende Beschäftigung mit dem Individuum und seiner Beziehung zur Kollektivität, und genau das streben die theoretischen Überlegungen von Altmayer an, worauf auch die vorliegende Arbeit basiert.

Insofern bestehen die hermeneutischen Sozialwissenschaften auf eine Umkehrung des objektiven und kausalen Zugangs zur Welt hin zu einer eher interpretativen Wahrnehmung der Realität. Die hermeneutische Sozialwissenschaft verzichtet auf den einseitigen empirisch-analytischen Zugang zu sozialen Phänomenen und stellt dem entgegen eine verstehende Rekonstruktion der Bedeutungszuschreibung, durch die wir die Welt auch durch Kontextualisierungen nachvollziehen können.

In diesem Sinn, und im Sinne seiner semiotischen Auffassung von Kultur, meint Clifford Geertz<sup>1</sup>:

„dass der Mensch ein Wesen ist, das in selbstgesponnene Bedeutungsgewebe verstrickt ist, wobei ich Kultur als dieses Gewebe ansehe. Ihre Untersuchung ist daher keine experimentelle Wissenschaft, die nach Gesetzen sucht, sondern eine interpretierende, die nach Bedeutungen sucht“ (Geertz 1995:9).

Ein wie oben beschriebenes Kulturkonzept hat entscheidende Konsequenzen für den von Altmayer bearbeiteten bedeutungs- und wissensorientierten Kulturbegriff, so dass seine Diskussion über Kultur teilweise bei Geertz unterstützt ist. Altmayer begründet in

---

<sup>1</sup>Clifford Geertz gilt als Begründer der Interpretativen Ethnologie und anhand eines konkreten ethnographischen Fallbeispiels – des balinesischen Hahnenkampfs – fundiert er seinen semiotischen Kulturbegriff. Das Prinzip besteht darin, dass Kultur ein Gewebe ist, das gelesen werden kann und soll. Lesen heißt dabei verstehen und interpretieren. Daraus entsteht die Metapher ‚Kultur als Hypertext‘, Untertitel der Studie von Claus Altmayer.

Anlehnung an diesen sozialwissenschaftlichen Hintergrund seinen Begriff und behauptet, „dass uns die Welt da draußen, also das, was wir die ‚Wirklichkeit‘ nennen, nicht unmittelbar und ‚an sich‘ als ‚objektive‘, sondern nur als ‚immer schon‘ gedeutete Wirklichkeit zugänglich ist, dass wir diese Wirklichkeit also durch Sinngebungsprozesse in der sozialen Interaktion sozusagen selbst herstellen“ (Altmayer 2010b: 92).

Damit wird erläutert, dass Individuen durch ihre subjektiven Wahrnehmungen die Welt nachvollziehen können. Dazu muss die Auffassung über die Welt nicht jedes Mal neu elaboriert oder konzipiert werden, denn während das Zusammenleben in einer Gruppe die schon verfügbaren Deutungsmuster gelernt und sogar verändert werden können. Dazu Altmayer: „‚Kultur‘ als Vorrat an Deutungsmustern wirkt sich auf die Individuen nicht prägend oder gar determinierend aus, sondern funktioniert eher als eine Art offener Fundus, aus dem sich die Individuen für die Deutung und Bewertung von Situationen, Texten usw. bedienen können“ (Altmayer 2007b: 14). Damit können wir als Kollektiv jederzeit mit einer gewissen Flexibilität mit den Deutungsmustern umgehen. Deutungsmuster können von uns als Kollektiv ausgewählt werden, je nach Situation aus konkurrierenden Mustern, so wie die schon verfügbaren Muster auch jederzeit verändert und diskutiert werden können.

Mit diesem Kulturbegriff untermauert Altmayer einen Teil der verlangten Theoriebildung, der die Transformation der Landeskunde als Kulturwissenschaft bedarf. Eine Grundannahme für das Verständnis dieses Kulturbegriffs ist die klare Definition und der Beitrag der ‚kulturellen Deutungsmuster‘.

### **1.1.2 Kommunikationsgemeinschaft als Bezugsgröße für soziale Gruppe**

Durch die Auffassung, dass Kultur im Kontext des Fremdsprachenunterrichts sich nicht mehr auf Fakten, Verhaltensweisen oder nationalbezogene Eigenschaften beschränkt, ist es von zentraler Bedeutung, genauer zu zeigen, was bei einer Betrachtung von Landeskunde bzw. Kulturwissenschaft unter Kultur als kulturellem Wissen und Deutungsmustern verstanden wird. Dies führt zu einer intensiven Auseinandersetzung mit den kommunikativen Handlungen und ihren Eigenschaften.

Als erstes soll die Frage gestellt werden, wie die Bezugsgröße für dieses kulturelle Wissen definiert wird, wenn es um die Förderung des ‚Kulturellen‘ im Fremdsprachenunterricht geht.

Altmayer behauptet aber, dass weder die klassische Wissenssoziologie, bei der eine Gruppe durch ihren ‚Denkstil‘ oder besser gesagt durch ihre Ideologie verbunden ist, noch die moderne Kulturtheorie, wie sie Gruppen bzw. Nationen ethnisch definiert und beschreibt, die Überwindung von homogenisierenden und pauschalisierenden Charakterisierungen einer Gruppe gewährleisten kann (Altmayer 2004: 149). Die ‚äußerlichen Merkmale‘ sozialer Gruppen als identitäts- oder zugehörigkeitsbezogen spielen hier immer noch eine zentrale Rolle und das soll vermieden werden.

Deswegen greift Altmayer auf den Begriff von ‚Kommunikationsgemeinschaft‘ zurück. In dem Zusammenhang bezieht er sich auf Annelie-Potthoff (1997), die vorschlägt, die Idee von einer nationalen Zugehörigkeit durch kommunikative Konventionen zu ersetzen. Die Autorin beschreibt eine Kommunikationsgemeinschaft als

„Gruppe von Individuen, die jeweils über durch regelmäßigen Kontakt etablierte Mengen an gemeinsamen Wissen sowie Systeme von gemeinsamen Standards des Wahrnehmens, Glaubens, Bewertens und Handelns – m.a.W.: ‚Kulturen‘ – verfügen“ (Knapp-Potthoff 1997 zit.i. ebd.: 150)

Das aber heißt, dass die Basis für eine Zugehörigkeit nicht mehr an Nationen oder Ethnien liegt, sondern in der Kommunikation. Daraus ergibt sich der erwünschte Kontrast zwischen einer nationalbezogenen Annahme von ‚Kultur‘ und einer neuen Auffassung von Kultur, die hier in engem Zusammenhang mit sozialen Gruppen von Sprechern mit gemeinsamen kommunikativen Konventionen steht. Ebenso soll die Bezugsgröße für das ‚kulturelle Wissen‘ auch in kommunikativen Handlungen gekennzeichnet werden.

In Hinblick auf die ‚Kommunikationsgemeinschaft‘ ist es weiterhin sinnvoll zu bemerken, dass „Menschen nicht auf Zugehörigkeit zu einer einzigen Kommunikationsgemeinschaft angewiesen [sind], sondern (...), auf verschiedene Kommunikationsdomänen bezogen unterschiedlichen Kommunikationsgemeinschaften angehören können“ (Knapp-Potthoff 2010: 84).

Die entscheidenden Aspekte des Begriffes einer Kommunikationsgemeinschaft, wovon die Kulturwissenschaft insbesondere profitieren kann, sind zum einen die Bezugsgröße des kulturellen Wissens an kommunikativen Handlungen, so dass die territorialen Grenzen nicht unbedingt ins Spiel kommen müssen<sup>2</sup>. Und zum anderen kann eine Person zu mehreren Kommunikationsgemeinschaften gehören und auf Grund dessen auf einen äußerst heterogenen Fundus kollektiven Wissens für ihre Wahrnehmung der Welt zurückgreifen.

In der Tat versucht Altmayer durch den Begriff von Kommunikationsgemeinschaft, die Eigenschaften einer allgemein angenommenen nationalen Zugehörigkeit abzulehnen, so dass dies durch die Kommunikation in Bezug auf die verschiedenen Kommunikationsgemeinschaften, die sich im deutschsprachigen Raum bilden können, ersetzt wird. Man kann die Vermeidung von homogenisierenden und stereotypisierenden nationalen Eigenschaften nachvollziehen, diese Trennung sollte allerdings nicht so streng vorgenommen werden, wie es Altmayer in seinen Texten immer darstellt, da das Zusammenleben in einem Land unter allgemeinen Gesetzen funktioniert. Ein Land hat seine eigene Geschichte, auch seine Medien, die innerhalb eines der deutschsprachigen Länder über bestimmte Deutungsmuster verfügen können, die nicht unbedingt im ganzen deutschsprachigen Raum gelten werden. So kann man auch davon ausgehen, dass sich eine nationalbezogene Kommunikationsgemeinschaft bilden kann. Ein einfaches Beispiel dafür ist die Zeitung ‚Die Zeit‘, die täglich eine deutsche, eine österreichische und eine schweizerische Ausgabe im Internet veröffentlicht, wobei die

---

<sup>2</sup> Unter der Perspektive der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde soll die unmittelbare Zugehörigkeit zu einer Nation ausgewichen werden. Doch die natürliche Sprache macht für viele Nationalstaaten zweifelsohne eine identitätsstiftende Komponente aus. Daher konstituiert die Nation in vielen Fällen tatsächlich eine einzige sprachliche Kommunikationsgemeinschaft, der die Eigenschaften oder ‚kulturelles Wissen‘ einer bestimmten sozialen Gruppierung zugeschrieben werden können. Es ist ja darum nicht an sich irrelevant zu verstehen und zu berücksichtigen, dass sich die Lerner ja auch sehr oft im Unterricht für die Nation bzw. den Nationalstaat interessieren und nach sprachlichen Begebenheiten auf dieser Ebene fragen. Die Frage „Was heißt Brasilianer zu sein?“ Ist beispielsweise nicht immer eine Abstraktion, sondern hat mit dem Alltag von Lernern in Brasilien zu tun: mit Rechten und Pflichten, die einem Brasilianer als Bürger im Land zukommen; mit politischen Diskussionen innerhalb des Landes; mit Fragen der Gerechtigkeit in der Gestaltung des brasilianischen Gesellschaft usw. (Siehe dazu u. a. J. Habermas (1999), die Einbeziehung des Anderen, Suhrkamp).

Startseiten der verschiedenen Ausgaben sich mit unterschiedlichen Nachrichten beschäftigen. So zeigt sich der Versuch, drei unterschiedliche Zielgruppen anzusprechen, die andere Interessen haben und immer noch zum deutschsprachigen Raum gehören.

Dies impliziert nicht die Abwertung der Idee von Kommunikationsgemeinschaften. Im Gegensatz dazu sollen diese Überlegungen weitere Reflexionen im Bereich der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde unterstützen, die innerhalb des deutschsprachigen Raumes *auch* eine nationalbezogene Kommunikationsgemeinschaft akzeptieren können.

So fördert die Annahme der ‚Kommunikationsgemeinschaft‘ in Bezug auf das ‚kulturelle Wissen‘ weitere Überlegungen und Auffassungen zur Kulturwissenschaft. Altmayer setzt sich mit der Verständigung der Kommunikationsgemeinschaft auseinander und bezieht sie wie folgt in die allererste Aufgabe der Kulturwissenschaft ein:

„Die Kulturwissenschaft des Faches Deutsch als Fremdsprache hat mit dem lebensweltlichen Hintergrundwissen zu tun, von dem in deutschsprachigen kommunikativen Handlungen als einem den Angehörigen bzw. Teilnehmenden gemeinsam und selbstverständlich unterstellten Wissen implizit Gebrauch gemacht wird. Ihre Aufgabe besteht vorrangig darin, dieses implizite Wissen explizit und sichtbar und auf diese Weise für die Angehörigen anderer Kommunikationsgemeinschaften nachvollziehbar zu machen“ (Altmayer 2004: 150).

In der Ausarbeitung dieser Aufgabe der Kulturwissenschaft muss ausführlich erläutert werden, woran das implizite Wissen sich ersehen lässt und wie es in kommunikativen Handlungen zu erkennen ist. Darüber hinaus soll auch das Spannungsverhältnis zwischen dem impliziten Wissen und seiner Zugänglichkeit dargelegt werden.

### **1.1.3 Kulturelle Deutungsmuster**

An der Annahme, dass die Gemeinsamkeit und Zugehörigkeit von Individuen sich durch ihre Kommunikation bindet, orientiert sich die kulturwissenschaftliche Forschung auf der Ebene der Sprache bzw. der Texte, wobei wichtige Informationen für das Gelingen einer

„guten“ Kommunikation nicht unbedingt explizit geäußert werden. Dies soll hier im Hinblick auf die Deutungsmuster verdeutlicht werden.

Wie auch Altmayer (2006b, 2009, 2010b) in seinen Texten erwähnt, kommt der Begriff ‚Deutungsmuster‘ ursprünglich aus dem Kontext der hermeneutischen Sozialwissenschaften und wurde von Oevermann 1973 in die Sozialforschung eingeführt. Die ‚sozialen Deutungsmuster‘ wurden von Ulrich Oevermann als ‚Weltinterpretationen mit generativem Status‘ gekennzeichnet. Weiterhin behauptete er: „Im Unterschied zu den Regelsystemen der Linguistik und den logischen Strukturen auf den Stufen der Ontogenese der kognitiven Entwicklung handelt es sich hier jedoch nicht um erkenntnisanthropologisch universelle Strukturen, sondern um historisch wandelbare, je ‚unfertige‘ Systeme“ (Oevermann 1973: 9).

Die Idee des Deutungsmusters handelt von Deutungs- und Handlungsorientierung in der Alltagspraxis, so dass dadurch in spezifischen Kontexten die kollektive Konstruktion von Wertorientierungen und Sinnzusammenhängen gezeigt werden kann.

Eine komplementäre Idee von Deutungsmustern wird von Unger im Anschluss an Arnold (1983) erörtert: „Der Deutungsmusterbegriff benennt demzufolge einen spezifischen Funktionszusammenhang von Wissen, nämlich des Wissens als eines Handlung leitenden Orientierungs- und Rechtfertigungspotenzials“ (Unger 2007: 159). Das Deutungsmuster als Wissensbestand, meint er, „ermöglicht es dem einzelnen zugleich, identitätsstiftend seine Umwelt als einem sozialen Raum zu verstehen und in ihm zu agieren“ (Unger 2007: 160)<sup>3</sup>.

Die Idee des Deutungsmusters strebt eine Art von kollektiven Interpretationen und Typisierungen der Welt an, wobei die Mitglieder einer sozialen Gruppe durch ihre Deutungs- und Handlungsprobleme in der Alltagspraxis eine gemeinsame Lösung oder Deutung finden sollen, so dass eine allgemeine Orientierung für die Welt und für das soziale Leben in Anspruch genommen wird.

Die Ausgangsposition der Sozialwissenschaften bestätigt, dass „der größte Teil unseres Wissens und Handelns auf überlieferten second-hand-Erfahrungen [basiert]“

---

<sup>3</sup>Unger wurde in den Texten von Altmayer bei der Thematisierung von Deutungsmuster nicht zitiert.

(Soeffner 2004: 115), ebenso wird bei der Kulturwissenschaft angenommen, dass es sich „bei der uns zugänglichen ‚Wirklichkeit‘ nicht um eine ‚an sich‘ seiende, sondern um eine immer schon von uns *gedeutete* Wirklichkeit handelt“ (Altmayer 2004, 2006a, 2006b, 2010b). Hinzu kommt, dass diese Deutung der Welt nie fertig oder eindeutig ist, da die Individuen in einem permanenten ‚Deutungszwang‘ leben (Soeffner 2004: 126).

Aus diesen Prämissen der Sozialwissenschaften erarbeitet Altmayer das Kernkonzept seiner kulturwissenschaftlichen Überlegungen, nämlich die Betrachtung von Kultur in einem engen Zusammenhang mit den kulturellen Deutungsmustern.

Wenn hier die Deutungsmuster ins Spiel kommen, bezieht sich das also auf die ‚kulturellen Deutungsmuster‘, die als Wissensbestand betrachtet werden und sowohl Orientierung als auch Identität für die Mitglieder der entsprechenden Kommunikationsgemeinschaft bieten. In der Kulturwissenschaft wird dann festgestellt, dass diese Muster maßgeblich als ‚bekannt und selbstverständlich‘ vorausgesetzt werden (Altmayer 2006a: 51). Aber nicht alle Deutungsmuster stehen als Gegenstandsbereich für die Kulturwissenschaft, nur wenn die Deutungsmuster schon eine gewisse Ebene von Stabilität haben und damit in mehreren Situationen hervorgehoben werden, werden sie ‚kulturelle Deutungsmuster‘ genannt. In diesem Zusammenhang erwähnt Altmayer:

„Soweit es sich bei diesen Mustern um überlieferte, im kulturellen Gedächtnis einer Gruppe gespeicherte und abrufbare Muster von einer gewissen Stabilität handelt, spreche ich von ‚kulturellen Deutungsmustern‘, und den Bestand an ‚kulturellen Deutungsmustern‘, der einer Gruppe als gemeinsamer Wissensvorrat für die gemeinsame diskursive Wirklichkeitsdeutung zur Verfügung steht, nenne ich die ‚Kultur‘ dieser Gruppe“ (Altmayer 2006a: 51).

Es muss auch geklärt werden, welches Interesse zum einen die Sozialwissenschaften an den Deutungsmustern und der Wahrnehmung der Welt hegen und zum anderen, was die Kulturwissenschaft damit meint.

Dies impliziert, dass die Sozialwissenschaften ihren Fokus eher auf das Individuum legen und auch auf das soziale, politische und historische Leben im Allgemeinen. Im Gegensatz dazu interessiert sich die kulturwissenschaftliche Landeskunde vorwiegend für das Kollektiv in Hinblick auf die Sprache (vgl. Altmayer 2006b: 185), für die Widerspiegelung von Deutung- und Sinnzuschreibung in den Diskursen, da die Kultur hier als ein sprachlich



diskursives Phänomen dargestellt wird. Damit zielt die Kulturwissenschaft auf eine Form des Fremd- und Textverstehens ab, die im Fach ‚Deutsch als Fremdsprache‘ geschaffen werden soll.

Altmayer stellt das Erkenntnisinteresse und den Forschungsgegenstand der Kulturwissenschaft also folgendermaßen dar:

„Die Aufgabe der kulturwissenschaftlichen Forschung in Deutsch als Fremdsprache besteht vor allem darin, die im alltäglichen Sprachgebrauch in aller Regel implizit bleibenden kulturellen Deutungsmuster, die wir im Deutschen verwenden, zu rekonstruieren, d. h. sie auf die Ebene des Expliziten zu heben, sie sichtbar und damit auch lernbar zu machen“ (Altmayer 2007: 576).

Auf die oben erwähnten Aufgaben der Kulturwissenschaft basiert die vorliegende Arbeit. Die Rekonstruktion von spezifischen, auf das hier gewählte Thema bezogenen kulturellen Deutungsmustern ist der Schwerpunkt dieser Arbeit, und dazu folgen an dieser Stelle noch einige Erläuterungen über die Eigenschaften von kulturellen Deutungsmustern im Allgemeinen.

### **1.1.3.1 Kulturelle Deutungsmuster – kulturelles Gedächtnis**

Was den Begriff des kulturellen Deutungsmusters im Bereich der Kulturwissenschaft bzw. der Landeskundendidaktik des Faches Deutsch als Fremdsprache betrifft, so geht es nicht um die Ebene der Nation oder der ‚Nationalkultur‘. In der Ausarbeitung der kulturellen Deutungsmuster muss immer das Konzept der Kommunikationsgemeinschaft in Zusammenhang gebracht werden, wobei die gemeinsamen Sinnzuschreibungen durch die Sprache geschaffen werden. Damit sind die kulturellen Deutungsmuster nur durch die Sprache zugänglich. Die kulturellen Deutungsmuster sind in diesem Kontext „Muster, die in deutschsprachiger Kommunikation oder in deutschsprachigen Diskursen verwendet werden“ (Altmayer 2006b: 187).

Zur Einsetzung des Deutungsmusters im Sinne der oben beschriebenen kulturellen Ebene geht Altmayer auf einen anderen Begriff ein, und zwar den des ‚kulturellen Gedächtnisses‘. Das Konzept des ‚kulturellen Gedächtnisses‘ wurde von Jan Assmann und

Aleida Assmann begründet und nach der Reflexion von Maurice Halbwachs weiterausgeführt (vgl. Altmayer 2004, Assmann/Assmann 1994, Assmann, A. 2006)<sup>4</sup>. Vom Begriff des ‚kulturellen Gedächtnisses‘ geht eine ganze Theorie aus, die an dieser Stelle lediglich im Hinblick auf einige Aspekte beschrieben werden soll, die für das Entstehen einer neuen Kulturdefinition relevant sind. Zunächst ist das kulturelle Gedächtnis, wie das Konzept des kulturellen Deutungsmusters, immer an eine soziale Bezugsgruppe gebunden. Außerdem entsteht bei den Überlegungen von Assmann auch der Versuch einer Konnektivität zwischen den Individuen in Hinblick auf die Konstruktion einer ‚kollektiven bzw. sozio-kulturellen‘ Identität. Die Suche nach einer ‚konnektiven Struktur‘ (Assmann 2007: 16) wird bei Jan Assmann sowohl in einer Sozial- und einer Zeitdimension, als auch bei einer ‚kollektiven Selbstverstellung und Selbstdarstellung‘ nahegelegt (ebd. 2007: 130). Assmann bemerkt:

„Unter einer *kollektiven* oder *Wir-Identität* verstehen wir das Bild, das eine Gruppe von sich aufbaut und mit dem sich deren Mitglieder identifizieren. Kollektive Identität ist eine Frage der *Identifikation* seitens der beteiligten Individuen. Es gibt sie nicht „an sich“, sondern immer nur in dem Maße, wie sich bestimmte Individuen zu ihr bekennen. Sie ist so stark oder so schwach, wie sie im Bewusstsein der Gruppenmitglieder lebendig ist und deren Denken und Handeln zu motivieren vermag“ (Assmann 2007: 132).

Somit lassen sich die Merkmale von einer ‚kollektiven Identität‘ nicht als eine ‚sichtbare, greifbare Wirklichkeit‘ beschreiben, sie sind eher ein ‚soziales Konstrukt‘ (vgl. Assmann 2007: 132).

In diesem Sinn kann man auch bei Altmayer feststellen, wie die Gemeinsamkeiten oder die Bezugsgröße einer Gruppe nicht unbedingt auf objektiven Faktoren basiert sind. Er erklärt seinen Begriff von Kultur anhand vom ‚kollektivem Wissen‘, das in der Kommunikation einer Sprechergemeinschaft vorkommt. Altmayer (2004: 156) sagt: „Kulturelle Deutungsmuster, so können wir vorläufig sagen, sind nicht im kognitiven Apparat von Individuen, sondern im kulturellen Gedächtnis einer sich über eine gemeinsame Sprache konstituierenden Kommunikationsgemeinschaft verankert.“

---

<sup>4</sup>Jan Assmann und Aleida Assmann unterstützen auch die Überlegungen von Altmayer (2004) über kulturelles Gedächtnis.

### 1.1.3.2 Kulturelle Deutungsmuster - soziales Wissen

Das kulturelle Gedächtnis so wie das kulturelle Deutungsmuster ist ein Wissen, das „nicht auf die kognitive Ebene der Individuen reduziert werden kann und darf“ (Altmayer 2006b: 188), sondern vor allem ein soziales Phänomen. Dieses Wissen entsteht ‚zwischen den Menschen‘ (vgl. Assmann/Assmann 1994: 114).

Assmann/Assmann (1994: 117) erwähnen in diesem Zusammenhang, dass ‚die Rede von Kultur als nichtvererbbares<sup>5</sup> Gedächtnis uns über die biologische Dimension hinaus auf die symbolische‘ verweist. Dies bedeutet, dass die Sozialität des Menschen im Zentrum der Überlegungen über das kulturelle Gedächtnis steht.

Aus dem Kontrast zwischen biologischen und sozialen Merkmalen des Menschen ergibt sich die Frage nach der Übertragung von Wissen zwischen den Mitgliedern einer sozialen Gruppe. Was hier interessiert, ist die Überlieferung und die Zirkulation dieses Wissen auf einer größeren Skala, zwischen mehreren Mitgliedern einer Gruppe und nicht zwischen beispielsweise zwei Individuen.

Wird die Kluft zwischen biologischen und sozialen Merkmalen überwunden, bemerken Assmann/Assmann in diesem Sinn:

„Wenn Kultur nicht durch Vererbung gesichert oder zumindest abgestützt ist, dann rückt die Frage nach den Formen der Weitergabe von Überlieferungen und den Maßnahmen der Traditionssicherung in den Vordergrund. Tradition ist oft als ein Fundus bzw. als eine kulturelle Energie aufgefasst worden. Tradition wurde häufiger als eine Instanz beschworen, denn als ein komplexes Handlungs- und Institutionengefüge beschrieben. Unser Vorschlag, Tradition durch Gedächtnis zu ersetzen, ist geleitet von dem Interesse, an die Stelle voreiliger Antworten eine offene Frage zu setzen. Diese Frage lautet dann: *Auf Welche Weise und mit welcher Absicht wird ein für eine Gruppe als Gemeinschaft relevantes Wissen von einer Generation an die nächste übermittelt?*“ (Assmann/Assmann 1994: 117)

---

<sup>5</sup> Assmann/Assmann (1994) zitieren die Theorie der Nicht-Vererbbarkeit in Anlehnung an den russischen Semiotiker Juri Lotman. Es geht zusammenfassend darum, dass Kultur nicht in unseren Genen gespeichert sind und deswegen nicht vererbt werden kann.

Die weiteren Überlegungen um diese Frage entfalten sich in verschiedene Richtungen. Assmann/Assmann(1994) beschäftigen sich mit der oben kurz erwähnten Theorie des Sozialen Gedächtnis von Maurice Halbwachs, wobei hier eher die Überlieferung von Wissen zwischen den Generationen im Zentrum der Diskussion steht.

Insoweit wird bei der kulturwissenschaftlichen Landeskunde auch das Spannungsverhältnis der Kommunikation und Überlieferung von sozialem Wissen innerhalb einer Generation einbezogen.

Bezüglich des kulturellen Wissens haben die modernen Speichermedien heutzutage einen wichtigen Einfluss auf die Überlieferung von Wissen, denn das Wissen spiegelt sich in unterschiedlichen Variationen von Texten, wie Büchern, Zeitungen, Filmen, Werbungen, Liedern usw. wider. So wird davon ausgegangen, dass das kollektive Wissen, die Deutungsmuster, lediglich in den Texten vorhanden sind. Altmayer betont besonders diesen Aspekt, da er den Kern seiner Überlegungen darstellt:

„Kollektives Wissen existiert nur in ‚Texten‘ in der weitesten Bedeutung des Wortes, nämlich in sprachlich verfassten Texten im engeren Sinn, in Bildern, Denkmälern, Gebäuden, Filmen, Fernsehsendungen, multimedialen Präsentationen usw. Die Intersubjektivität und ‚Öffentlichkeit‘ der kulturellen Deutungsmuster, deren rekonstruierende Analyse die vorrangige Aufgabe der Kulturwissenschaft ist, besteht demnach darin, dass diese Muster grundsätzlich in der Form von ‚Texten‘ öffentlich zirkulieren und gespeichert sind. Kulturwissenschaftliche Analysen, so zeigt sich hier, gehen von Texten aus und kommen zu Texten zurück.“ (Altmayer 2004: 165).

Das Erkenntnisinteresse der kulturwissenschaftlichen Landeskunde ist es dann, Lerner des Deutschen als Fremdsprache zur Partizipation<sup>6</sup> an den Diskursen der Zielsprache zu befähigen (vgl. 2006a: 54)<sup>7</sup>. Das aber heißt, diese Lerner in Kontakt mit den verfügbaren

---

<sup>6</sup>Groenenwold (2005: 516) sagt: „Das übergreifende Lernziel des Fremdsprachen- und Landeskundeunterrichts ist die Partizipation an der Sprach- und Lebenswelt des anderen Landes. Die Methodik des Unterrichts entwickelt Lernangebote, die diese Partizipation reflexiv und nachhaltig machen.“ Altmayer greift auf diesen Partizipationsbegriff auf, jedoch geht er nicht näher auf die von Groenenwold beanspruchte methodische Konsequenzen für einen ‚partizipatorischen Fremdspracheunterricht‘ (Altmayer 2006a:54) ein, da bei Groenenwold es eher um eine ‚Landeskunde als Gegenwartskunde‘ geht (2005: 518).

<sup>7</sup> Hier stellt sich die Frage, ob die Diskursen der Muttersprache und der Zielsprache nicht in einer dialogischen Beziehung gebracht werden sollten. Das betrifft insbesondere die Lernenden des Deutschen als Fremdsprache, wenn sie die Diskurse über ihre eigene Realität auf Deutsch ausdrücken möchten. Dieses Thema wird im Kapitel 5 weiter problematisiert.

Deutungsmustern der Zielsprache zu setzen, damit sie sich kritisch damit auseinandersetzen können. Altmayer bemerkt in diesem Zusammenhang:

„Landeskundliche bzw. kulturbezogene Lernprozesse im fremdsprachigen Kontext sollten sich meiner Ansicht nach vor allem an dem Ziel orientieren, Lerner zum Verstehen deutschsprachiger Diskurse und zur Partizipation an ihnen zu befähigen, d.h. sie mit kulturbezogenem Wissen und kulturbezogenen Kompetenzen ausstatten, die sie in die Lage versetzen, zu verstehen und zu ihnen begründet (affirmativ oder kritisch) Stellung zu nehmen“ (Altmayer 2006b: 184).

So wird davon ausgegangen, dass die Kultur in den Texten vorhanden ist und maßgeblich in Zusammenhang mit den Texten erforscht wird. Diese Prämisse, dass die Kultur in den Texten vernetzt ist, gilt als Basis für die Begründung und Weiterentwicklung ihrer methodologischen Forschungsrichtungen, wie im nächsten Kapitel ausführlicher vorgestellt wird.

## 1.2 Hintergrund zum kulturellen Textverstehen

Wird Kultur im Rahmen der Kulturwissenschaft des Faches Deutsch als Fremdsprache als ein kollektiver Wissensfundus aufgefasst, wie im ersten Kapitel erörtert wurde, der sich insbesondere durch die stabilen und wiederholten Deutungsmuster kennzeichnet, dann befindet sich Kultur auf einer hohen Abstraktionsebene, die sich auf eine komplexe und dynamische Größe bezieht, nämlich die Sprache. Nun wird die Kultur als ein ‚sprachlich-diskursives Phänomen‘ (vgl. Altmayer 2006b) betrachtet, das sich durch kulturelle Deutungsmuster erkennen lässt und womit Wirklichkeitsdeutung und Einheitlichkeit von sozialen Gruppen geschaffen wird.

Eine Grundannahme des Kulturbegriffs bei der Kulturwissenschaft ist ihre Darstellung als implizites und vorausgesetztes Wissen, das immer textuell-medial und unterhalb der Textoberfläche repräsentiert ist. Kultur gilt in diesem Sinne als Basis für die kommunikativen Handlungen. Daraus ergibt sich die Frage, wenn Kultur immer textuell repräsentiert ist, was unter Text in diesem Kontext verstanden wird und wie man mit Kultur an dieser Stelle umgehen kann.

Für Altmayer ist die Kultur als kulturelles Hintergrundwissen nicht messbar oder mit Hilfe quantitativer Methoden zu erfassen, sie zeigt sich erst durch ein geeignetes Verfahren zur Rekonstruktion dieses impliziten Wissens (vgl. Altmayer 2004: 169). Hinzu kommt, dass kulturelle Deutungsmuster nur über qualitativ-hermeneutische Verfahren rekonstruiert werden können. Damit sollen sie für die Lernenden des Deutschen als Fremdsprache rekonstruiert und verfügbar gemacht werden.

### **1.2.1 Textbegriff und Kommunikation**

Wenn von Kultur im Rahmen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde die Rede ist, dann geht es vorwiegend um das kulturelle Wissen (Deutungsmuster), das in den Texten gespeichert ist und zur Wirklichkeitsdeutung einer Sprechergemeinschaft genutzt wird.

Für die Kulturwissenschaft spielen die Texte eine entscheidende Rolle, und deswegen ist es so wichtig zu definieren, was Text und Textverstehen in diesem Kontext bedeuten, da nur durch die Texte Kultur zugänglich wird. „Kulturwissenschaft, so zeigt sich, wird es also wesentlich mit der Analyse von ‚Texten‘ im Hinblick auf das ‚kollektive Wissen‘ zu tun haben, das in sie eingeht und von dem sie Gebrauch machen“ (Altmayer 2004: 167).

Texte beschränken sich hier nicht auf schriftsprachliche Kommunikationsangebote, wie z.B. Zeitungsartikel, Bücher, persönliche Textdokumente etc., sondern meinen auch „solche Texte, die außer von Sprache auch von anderen Zeichencodes, insbesondere von bildlichen Darstellungen, Gebrauch machen, beispielsweise Fernsehnachrichten, Plakate, Werbeanzeige, Cartoons, usw.“ (Altmayer 2004: 170).

Außerdem ist hier ein genauerer Textbegriff nicht unbedingt nötig. ‚Text‘ muss allerdings von ‚Nicht-Text‘ durch Textualitätskriterien unterschieden werden können, so dass „für den Augenblick uns ein eher alltägliches Verständnis [genügt], wonach es sich bei ‚Texten‘ um schriftlich fixierte und medial (...) vermittelte Formen der (sprachlichen) Kommunikation handelt“ (Altmayer 2004: 171).

Da sich das Erkenntnisinteresse der Kulturwissenschaft einerseits auf Kommunikation, also auf Diskurse richtet und sich andererseits mit den kulturellen Deutungsmustern und

ihrer Verwendung beschäftigt, ist es von großer Bedeutung sowohl mit umfangreichen Textsorten zu arbeiten als auch von einem offenen Gegenstandsbereich und einem Untersuchungsfeld auszugehen (vgl. Altmayer 2004: 171).

Weil Lernende der deutschen Sprache im Ausland außerhalb des Sprachunterrichts meist über die Massenmedien Informationen über Deutschland erreichen bzw. durch Instrumente der deutschen, sehr stark national bestimmten, auswärtigen Kulturpolitik, ist der kulturwissenschaftliche Anspruch zusammen mit der kritischen Auseinandersetzung des DaF-Lerners mit den deutschsprachigen Diskursen sehr bedeutend. Darüber hinaus zielt die Kulturwissenschaft auf eine kritische Auseinandersetzung mit fremdsprachigen Texten ab und betont infolgedessen die Rezeptionsperspektive von Texten beim Fremdsprachenlernen.

Das Interesse der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde liegt wesentlich in der Rezeption eines Textes statt in seiner Ausarbeitung oder Produktion (vgl. Altmayer 2004:171). Nachfolgend soll die Auffassung von Textverstehen in Hinblick auf eine rezeptionsorientierte Perspektive deutlich gemacht werden.

### **1.2.2 Textverstehen: Erkennung der Leerstelle und Aktivierung des Vorwissens**

Im Gegensatz zu einer früheren Auffassung von Kommunikation, die von einer Übertragung des Wissens vom ‚Sender‘ auf den ‚Empfänger‘ ausgeht und auf diese Weise die Rolle des Empfängers eher passiv darstellt und den Inhalt der Botschaft auf sich selbst reduziert sieht, beschäftigt sich die Kulturwissenschaftliche Landeskunde mit einem Verstehensprozess, bei dem sich die Bedeutung sowohl aus dem ‚Text‘ als auch aus einer konstruktiven Textrezeption entsteht, wovon auch die kognitive Linguistik und die Psychologie ausgehen.



Diese Disziplinen legen die Idee nahe, dass „ein Leser einem Text keine Bedeutung entnimmt. Er konstituiert vielmehr diese Bedeutungen anhand des Texts unter Rückgriff auf sein Vorwissen“ (Schnotz 2006: 223)<sup>8</sup>.

Im Anschluss gelten die Texte nicht mehr als eine autonome und abgeschlossene Einheit, ein Text ‚dient vielmehr als Auslöser für mentale Konstruktionsprozesse‘ (vgl. ebd.: 224). Dabei kommt das Vorwissen des Lesers ins Spiel. Gleichzeitig werden nicht alle Informationen in einem Text deutlich oder explizit geäußert, sie lassen sich jedoch anhand der verfügbaren Informationen des Textes und des Vorwissens des Lesers nachvollziehen. Es handelt sich dabei um Inferenzen (vgl. ebd.: 224).

Dies macht deutlich, wie Verstehensprozesse auf der Basis einer Interaktion zwischen Text und Leser abläuft. Das Verstehen wird auch in der kognitiven Linguistik als das Zusammenspiel zwischen bottom-up- (vom Text zum Leser) und top-down-Prozessen (vom Leser zum Text) dargestellt (vgl. Altmayer 2004: 153, 176; Schramm 2001: 50).

Auch Schramm macht dies noch einmal deutlich, in Anknüpfung an andere Autoren wie Christmann & Groeben, dass die Leser-Text-Interaktion „kein passiver Wissenstransfer [ist], sondern ein aktiver Prozess der Bedeutungskonstruktion“ (Schramm 2001: 50). Diese Stelle macht deutlich, dass der Text nicht als Aussage eines Anderen angesehen wird. Wenn man liest, ist man nicht allein. Die Sprache ist an sich *dialogisch*. Das wichtigste Deutungsmuster ist dasjenige, das sich nach der Person fragt, die den Text „spricht“.

Nach diesen Überlegungen soll die Kulturwissenschaft des Faches Deutsch als Fremdsprache die aktive Rolle des Rezipienten bei Kommunikations- und insbesondere Verstehensprozessen begreifen, da es in diesem Bereich vorwiegend um ‚eine spezifische Perspektive des fremdkulturellen Verstehens‘ geht (vgl. Altmayer 2004: 174).

Darüber hinaus greift die Kulturwissenschaft teilweise auf die Rolle des Rezipienten, wie sie in kognitionswissenschaftlichen bzw. konstruktivistischen Theorieansätzen vorgestellt wird. Denn im Gegensatz zur kognitiven, auf das Individuelle basierenden Textverstehens-

---

<sup>8</sup>Altmayer bezieht sich auf Schnotz im Kontext der Diskussion über Textverstehen in Hinsicht auf die Schematheorie.

forschung, die auf Schemata baut, (§1.1.3.1), geht es in der Kulturwissenschaft darum, „eine gemäßigt konstruktivistische Perspektive auf Texte mit einer eher traditionell textorientierten Perspektive zu verbinden, um auf diese Weise die Rolle von in Texten selbst ‚enthaltenen‘ Wissensstrukturen herausarbeiten zu können.“(Altmayer 2004: 17).

Betont wird nun, dass die Textbedeutung mittels der internen Strukturierung des Textes in Bezug auf eine konkrete Lektüre entnommen werden soll. Infolgedessen wird teilweise auf die Überlegungen der Rezeptionsästhetik zugegriffen, insbesondere auf die von Iser<sup>9</sup> erarbeiteten Begriffe ‚Appellstruktur‘ und ‚impliziter Leser‘, um die Ziele der Kulturwissenschaft in Hinblick auf das Textverstehen genauer zu erklären.

Die ‚Appellstruktur‘ soll im Zusammenhang mit einem anderen Begriff betrachtet werden, nämlich der ‚Leerstelle‘. „Wo Textesegmente unvermittelt aneinander stoßen, sitzen Leerstellen, die die erwartbare Geordnetheit des Textes unterbrechen,“ (Iser 1994: 302). Die Leerstelle ist also nicht eine ‚Pause‘ im Text, sie macht eher eine ‚Anschleißbarkeit der Textsegmente‘ aus und setzt einen impliziten Leser voraus, der sie erkennen kann und dadurch mit seinem eigenen Vorwissen auffüllen soll. In diesem Sinn behauptet Iser: „Die Leerstelle macht die Struktur dynamisch, da sie bestimmte Offenheiten markiert, die sich nur durch die vom Leser zu leistende Strukturierung schließen lassen. In diesem Vorgang gewinnt die Struktur ihre Funktion“ (Iser 1994: 315). Die Idee eines ‚impliziten Lesers‘ bezieht sich dabei auf die Steuerung des Textes bei der Sinnkonstitution, die keineswegs beliebig stattfindet. Also ist der ‚implizite Leser‘ kein realer Leser, sondern es handelt sich um die Textstruktur. Im Anschluss zeigt sich die ‚Appellstruktur‘ als die gesamten Leerstellen eines Textes (vgl. Altmayer 2004: 189).

Grundsätzlich dienen diese Überlegungen dazu, eine neue Interaktion zwischen Text und Rezipient im Kontext der Kulturwissenschaft herzustellen. Auf diese Weise wird die Basis für ein ‚normativ-dialogisches Verstehenskonzept‘ angestrebt. Altmayer bemerkt in diesem Zusammenhang:

---

<sup>9</sup> Wolfgang Iser (1926-2007) gilt zusammen mit Robert Jauß (1921-1997) als Repräsentant der Ende der 1960er Jahre entstandenen Rezeptionsästhetik, wie sie auch bei Altmayer (2004, S.184) erwähnt wurde.

„Im Sinne unseres normativ-dialogischen Verstehenskonzepts bleiben Bedeutungszuschreibungen damit nämlich prinzipiell an die im Text angelegte ‚Appellstruktur‘ gebunden. Wir wollen daher die Irsersche Begrifflichkeit für unsere Zwecke adaptieren, wollen aber, um Verwechslungen mit dem auf literarische Texte gemünzten Begriff des ‚impliziten Lesers‘ zu vermeiden, künftig vom ‚potenziellen Rezipienten‘ sprechen. Damit soll nicht eine bestimmte Rezipientenrolle angesprochen sein, sondern die in Texte angelegte Struktur kultureller Deutungsmuster, die vom Text als selbstverständlich und allgemein bekannt vorausgesetzt werden und die es in der Analyse explizit zu machen gilt“ (Altmayer 2004: 189).

Im spezifischen Interesse der Kulturwissenschaft soll berücksichtigt werden, dass die Texte gewisse Ansprüche an den Leser voraussetzen, nämlich die Erkennung und die Erarbeitung der Appellstruktur, also die implizit vorkommenden Deutungsmuster, die der ‚potenzielle Leser‘ aufgrund seines Vorwissens wahrnehmen kann. Verstehen bedeutet in dieser Konstellation, „wenn die in subjektiv-empirische Bedeutungszuschreibungen eingehenden Wissensstrukturen und Wissensschemata zumindest teilweise mit den im Text virtuell angelegten Deutungsmustern übereinstimmen“ (ebd.: 190).

Angesichts der notwendigen Analyseverfahren in Bezug auf diese Texteigenschaften wird im nächsten Abschnitt näher auf das präsupponiertes Wissen in Texten eingegangen.

### **1.2.3 Präsupponiertes Wissen und potenzieller Rezipient**

Jede Art von Text hat das Ziel, dem Leser etwas mitzuteilen. Unabhängig von der Textsorte, will der Autor immer etwas sagen, etwas zeigen. Das Interesse der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde richtet sich vor allem auf die Textrezeption des Fremdsprachenlernalers, so dass er mit Hilfe der Texte Zugang zur Kultur der Zielsprache erreicht und dementsprechend auch an den Diskursen der Zielsprache teilnehmen kann. Dieses Ziel der Landeskunde entsteht gewissermaßen deswegen, weil die Autoren neben dem sprachlichen Wissen auch auf kulturelles Wissen zurückgreifen, um Texte zu verfassen. Nicht jeder Inhalt oder Idee wird in einem Text explizit ausgedrückt, weil sie schon in anderen Texten verschiedener Art vorkommt und als kulturelles Wissen einer

Sprechergemeinschaft gilt. In diesem Fall sollen die Leser ihr Vorwissen bzw. Hintergrundwissen ins Spiel bringen.

In Zusammenhang mit der Aktivierung des Vorwissens des Lesers geht die Kulturwissenschaft auch auf den Begriff der Präsupposition aus der linguistischen Textanalyse ein (vgl. Altmayer 2004: 191). Präsuppositionen fordern den Leser auf, eine Äußerung oder einen Text mit seinem Vorwissen zu ergänzen, oder signalisieren dies deutlich in einem Text. Es wird vom Leser vorausgesetzt, dass er über dieses Wissen verfügt und an dieser Stelle anwendet. Präsuppositionen, so Ernst, „kann man sich als Sinnvoraussetzungen vorstellen, die in der Äußerung selbst nicht angesprochen, für das Verständnis aber vorausgesetzt werden“ (Ernst 2002: 31).

Präsuppositionen gelten als ein umfangreiches Phänomen für die kulturwissenschaftliche Forschung, da Präsuppositionen auch das implizit Vorausgesetzte in einem Text oder einer Äußerung nicht nur in Anspruch nehmen, sondern sogar repräsentieren.

„Unter ‚Präsuppositionen‘ wollen wir die in Texten vorhandenen und in der Textstruktur nachweisbaren Voraussetzungen verstehen, mit denen der Text einem potenziellen Rezipienten das Verfügen über bestimmte außersprachliche Wissensbestände unterstellt und die ein potenzieller Rezipient auch anhand seines außersprachlichen Wissens rekonstruieren können muss, um den Text entweder überhaupt als sinnvolle (kohärente) kommunikative Handlung verstehen oder doch zumindest zusätzliche Sinndimensionen des Textes erschließen und zu den im Text erhaltenen Geltungsansprüchen kommunikativ angemessen Stellung nehmen zu können,, (Altmayer 2004: 198).

In Übereinstimmung mit dem oben vorgestellten Konzept der Leerstelle lassen sich die Präsuppositionen als ein außersprachliches Wissen beschreiben, das sich nicht nur durch die Bedeutung von sprachlichen Zeichen beschreiben lässt, sondern dass der potenzielle Rezipient in Hinblick auf sein Hintergrundwissen bzw. Vorwissen entweder versteht oder eben nicht versteht. Darüber hinaus bilden die gesamten Präsuppositionen oder die gesamten Leerstellen eines Textes die Appellstruktur dieses Textes (vgl. Altmayer 2004: 189). Die Kulturwissenschaft legt auf die Rekonstruktion dieses impliziten Wissens, die Präsuppositionen, die Bedeutung und Sinnstrukturen in einem Text schaffen, ihren Schwerpunkt. Die Leser einer anderen Kommunikationsgemeinschaft können sich damit kritisch auseinandersetzen. Allerdings kann ein potenzieller Leser einen Text erst gut

verstehen, wenn er das vom Text geforderte kulturelle Muster kennt (vgl. Altmayer 2004: 190).

In Hinblick auf die oben genannte Definition von Präsupposition und in Bezug auf die kulturwissenschaftliche Textanalyse werden an dieser Stelle zwei unterschiedliche Ebenen von präsupponiertem Wissen dargestellt, die die Analyse unterstützen können.

Die Präsuppositionen auf der handlungsebene bieten dem potenziellen Leser Hilfestellung, einen Text situativ einzuordnen, sie geben also Orientierung angesichts der Textproduktion. Im Gegensatz zur mündlichen Kommunikation, bei der der Kontext über die Textproduktion gegeben ist, sollen bei der Textrezeption eines schriftlichen Textes die Hintergrundinformationen erst einmal rekontextualisiert werden (vgl. ebd.: 298). Allerdings passiert diese Rekontextualisierung nicht willkürlich, da dem Leser bezüglich der Appellstruktur des Textes signalisiert wird, welches Vorwissen er aktivieren soll, um die ‚Autorinstanz‘ (ebd.: 209), den ‚raum-zeitlichen-Kontext‘ (ebd.:209) und das ‚Textmusterwissen‘ (ebd.: 211) zu rekontextualisieren. Diese Präsuppositionen charakterisieren sich etwas anders, sie bilden jedoch zusammen eine wichtige Orientierung bezüglich des kommunikativen Handlungswissens. Die Autorinstanz wird meistens offen genannt, das hängt aber nicht unbedingt zusammen mit der Stellung des Autors in seinem Bereich oder in der Gesellschaft. Der raum-zeitliche Kontext lässt sich nicht unmittelbar, sondern erst durch die ‚spezifischen Vermittlungs- und Distributionsbedingungen des Textes‘ erkennen (ebd.: 209). Die Identifizierung der Textsorte bringt auch die ‚Suche‘ nach spezifischen Eigenschaften im Hinblick auf die Strukturierung des Textes hervor, so wie seine ‚Eröffnungsform‘ oder die ‚kommunikative Umgebung, in der ein Text auftritt‘ (vgl. Altmayer 2004: 214).

Außerdem kommen alle diese drei handlungsbezogenen Präsuppositionen bei der hier vorgestellten Diskursanalyse vor, da sie von Anfang an die Erwartungshaltung in Bezug auf den Inhalt und die Funktion des Textes steuern (vgl. ebd.: 209).

Die inhaltlichen Präsuppositionen bringen die kulturellen Deutungsmuster nahe. Neben sprachlichem Wissen beanspruchen sie vorwiegend die Aktivierung von inhaltlichen Voraussetzungen zum Rezeptions- und Verstehensprozess eines Textes. Der vorausgesetzte Inhalt eines Textes, also die kulturellen Deutungsmuster können aus der

Perspektive der Kulturwissenschaft nur in Bezug mit anderen Texten explizit werden. Hier wird auf den Begriff des ‚Hypertextes‘ zurückgegriffen, nachdem die Rekonstruktion von implizitem Wissen durch den Rückgriff auf weitere Texte besteht, was die wichtigste Aufgabe der Kulturwissenschaft darstellt (Altmayer 2004, 2006b, 2007a). Daneben sind „kulturelle Schlüsselwörter“ auch ein überwiegendes „Oberflächenphänomen“ (Altmayer 2004: 223), das „Wörter, Wortgruppen oder idiomatischen Wendungen“ (ebd.: 223) umfasst. Schlüsselwörter sind in Bezug auf die kulturellen Deutungsmuster:

„Sprachliche Ausdrücke, die in Texten als kommunikative Handlungen vorkommen und im jeweiligen Kommunikationszusammenhang auch eine tragende Funktion[...] haben, gelten somit als wichtigste ‚Schnittstelle‘ zwischen dem Text auf der einen Seite und den in den Text eingehenden kulturellen Deutungsmustern auf der anderen Seite insofern, als diese Deutungsmuster auf der Textoberfläche vorwiegend in Form von sprachlichen Ausdrücken präsent sind und entsprechende kommunikative Verwendung finden“ (Altmayer 2004: 231).

Schlüsselwörter kommen in den Texten nicht implizit vor, sie gewährleisten jedoch die Aufmerksamkeitssteuerung des potenziellen Lesers auf eine Leerstelle, wobei der Rezipient nur durch seinen Wissenfundus einen kohärenten Sinnzusammenhang und eine gute Textverständigung konstruieren kann.

Insofern lassen sich die kulturellen Deutungsmuster auch an der Oberfläche von Bildern sehen, an der Bildlichkeit eines Textes und vorwiegend an Karikaturen, die als Basis für die hier vorgestellte Analyse gelten. Die Rezeptionssituation von Bildern geht mit Bildlichkeit und Kommunikationsangeboten einher. Der potenzielle Rezipient soll diese Vernetzung erkennen, denn nur auf diese Weise wird er das Bild als „sinnvolle Handlung identifizieren“ (Altmayer 2004: 243).

Bilder zeigen präsupponiertes Wissen auf die gleiche Weise wie im vorhergehenden Kapitel dargestellt. „Bilder sind somit in ähnlicher Weise als Appelle an potenzielle Rezipienten zu verstehen, ihr kulturelles Hintergrundwissen zu aktivieren und mit seiner Hilfe die ‚Botschaft‘ des Bildes zu entschlüsseln, wie dies bei verbalsprachlich verfassten Texten auch der Fall ist“ (ebd.: 234).

## **1.3 Beiträge der Wissenssoziologischen Diskursanalyse**

### **1.3.1 Kulturwissenschaftliche Textanalyse**

Altmayer (2004) hat anhand einer exemplarischen Analyse über das Thema ‚Migration in Deutschland‘ ein Verfahren für die Rekonstruktion von Deutungsmustern vorgeschlagen. Es handelt sich um eine Sequenzanalyse, wobei das präsupponierte Wissen in den Texten durch Parallel- und Hintergrundtexte rekonstruiert wird (vgl. Altmayer 2007a). Aber diese Art von Analyse zeigte später „einige methodische Unschärfen und Praktikabilitätsprobleme“ (Altmayer 2007a: 577). Aufgrund dieser Problematik legt der Autor nahe, dass die Weiterentwicklung der kulturwissenschaftlichen Textanalyse in Richtung einer ‚kulturwissenschaftlichen Diskursanalyse‘ weiter gehen soll, wobei die geeignete Vorgehensweise vom Material und von der Fragestellung abhängt. Dazu behauptet Altmayer: „Sinnvoll sind vor allem solche Verfahren, die den Blick von der Textoberfläche auf die ‚darunter‘ liegende Ebene des impliziten und präsupponierten Wissens freigeben und die u.U. auch die Analyse größerer Datenmengen zulassen“ (Altmayer 2004: 580).

Da die Kulturwissenschaftliche Landeskunde immer noch über kein vollständig entwickeltes methodisches Instrumentarium für die Rekonstruktion von Deutungsmustern verfügt, entsteht der Bedarf an Verbindungen mit anderen Disziplinen, die dieses analytische Instrumentarium haben, um diese methodologische Lücke zu füllen. In diesem Fall lässt sich hier, unter anderen möglichen Forschungsperspektiven, von der schon weiter entwickelten Wissenssoziologischen Diskursanalyse profitieren, wobei angesichts der unterschiedlichen Zielsetzungen mitunter Modifikationen nötig werden. Das wird im folgenden Abschnitt näher erläutert.

### **1.3.2 Die Verbindung mit der Wissenssoziologischen Diskursanalyse**

Bei der Wissenssoziologischen Diskursanalyse handelt es sich um eine unter anderen Forschungsperspektiven, die ihren Ausgangspunkt in der qualitativen Sozialforschung haben. Ihre neuartige Methodik schließt an die Interpretationsarbeit, also an



hermeneutische reflektierte Vorgehensweisen an (Keller 2011b: 11, Keller 2011a: 59). Nachfolgend soll deutlich werden, dass die Wissenssoziologische Diskursanalyse keine neuartige Methodik für sich entwickelt hat, sondern an qualitative Methoden anschließt, weswegen auch Modifikationen bzw. Adaptationen nötig werden können (vgl. Keller 2011b: 11).

Die Wissenssoziologische Diskursanalyse hat zum Ausgangspunkt eine Perspektive der Diskursforschung, die besonders auf die Arbeit von Peter Berger und Thomas Luckmann gestützt ist. So wird davon ausgegangen, dass wir die Welt und die Wirklichkeit nicht unmittelbar wahrnehmen und erfahren, da alles “über sozial konstruiertes, typisiertes, in unterschiedlichen Graden als legitim anerkanntes und objektivierendes ‚Wissen (Bedeutungen, Deutungs- und Handlungsschemata) vermittelt wird“ (Keller 2011a: 59). Das Weltwissen hier bezieht sich auf die symbolischen Systeme, die wir als Gesellschaft erzeugen und damit Diskurse schaffen und verändern.

Darüber hinaus legen Berger/Luckmann das Hauptinteresse der wissenssoziologischen Forschung auf die „Rekonstruktion von Deutungsleistungen individueller Akteure, die nicht in Bezug zur Ebene der kollektiven Wissensvorräte gesetzt werden“ (Keller 2011b: 183). Die sozialkonstruktivistische Wissenssoziologie von Berger/Luckmann arbeitet mit einer breiten Auffassung vom Wissen in Zusammenhang mit der ‚gesellschaftlichen Konstruktion der Wirklichkeit‘ „als permanentem Prozess der interaktiven Objektivierung und Stabilisierung sowie der sozialisatorischen Aneignung von Wissensbeständen“ (Keller 2011b: 181). Daher nehmen die Autoren in Anspruch, dass der historische Wissensvorrat für jedes Individuum vorhanden ist.

Auf diese Weise reduzieren sie den Analysefokus auf „die alltäglichen, basalen Wissensvorräte der Gesellschaftsmitglieder“ (Keller 2011a: 60) und verzichten ganz bewusst auf eine umfangreiche Gesellschaftsebene. Diese Abwertung auf eine Forschungsperspektive, die die größere Gesellschaftsebene einbezieht, wird von der Wissenssoziologischen Diskursanalyse nicht unbedingt angenommen, sie interessiert sich eher für „Prozesse und Praktiken der Produktion und Zirkulation von Wissen auf der Ebene der institutionellen Felder (wie bspw. Wissenschaften, Öffentlichkeit) der Gegenwartsgesellschaften“ (Keller 2011a: 61).

Ähnlich wie die Beschäftigung mit Deutungsmustern, die die Kulturwissenschaftliche Landeskunde vorschlägt, interessiert sich die Wissenssoziologische Diskursanalyse auch für „gesellschaftliche Praktiken und Prozesse der kommunikativen Konstruktion, Stabilisierung und Transformation symbolischer Ordnungen (...)“ (Keller 2011a: 59).

Im Grunde genommen befindet sich die Wissenssoziologische Diskursanalyse in einer Lage, wobei sie entweder auf eine Mikro- oder auf eine Makrotheoretischen Herangehensweise zurückgreifen kann, je nach Situation. Untersuchungsgegenstand, Datenkorpus und Ziele spielen von daher eine entscheidende Rolle.

Ein auffälliger Unterschied zwischen der Zielorientierung der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde und der Wissenssoziologischen Diskursanalyse ist der Schwerpunkt der Untersuchung während der Diskursanalyse. Einerseits kann die Wissenssoziologische Diskursanalyse auf andere Ressourcen greifen, um ihre Diskursperspektive eher auf soziologisches Interesse zu richten als auf die Frage nach sprachlichen Strukturen, wie von Keller beschrieben wird:

„Der Methodenreichtum der Soziologie erlaubt eine wertergehende empirische Fundierung der Diskursforschung, als dies den sprachwissenschaftlich und diskurstheoretisch verankerten Zugängen möglich ist. Diese Erweiterung besteht in erster Linie in der Möglichkeit zur Lösung vom ‚Text‘, aber auch in dem Gebrauch zusätzlicher bedeutungsorientierter Rekonstruktionsmethoden. (...) Als empirische Sozialwissenschaft kann sie jedoch die Praktiken der Diskursproduktion nicht nur durch Texte erschließen, sondern mehr oder weniger in actu beobachten, deren Regeln und (ungleich verteilten) Ressourcen, die Rolle kollektiver Akteure sowie die konkret-situativen Bedingungen wie auch darüber hinaus gehende gesellschaftliche Kontextlagen einbeziehen“ (Keller 2011a: 61).

Die Wissenssoziologische Diskursanalyse kann je nach Situation oder Interesse, die Frage nach den sprachlichen Merkmalen im Hintergrund lassen und sich dann eher auf die soziologischen Interessen konzentrieren.

Andererseits soll in Erinnerung gerufen werden, dass die Kulturwissenschaftliche Landeskunde Ihre Forschungsperspektive hauptsächlich auf schriftliche Materialien stützt, denn sie versteht die Kultur als einen Vorrat von Wissen, der über die Sprache überliefert wird, nämlich die kulturellen Deutungsmustern ( vgl. Kap. 1.1.3.2). Kultur wird dann als ein sprachlich-diskursives Phänomen verstanden, das schriftlich und demzufolge

textuell zu untersuchen ist. Es wird in dieser Untersuchung von einer Wissenschaft ausgegangen, „die es mit zeichenhaften Sinnzuschreibungsprozessen, also mit Kommunikation, Sprache und Texten, kurz: mit Diskursen zu tun hat“ (Altmayer 2006b: 191).

Diese Ausführungen verdeutlichen in Hinblick auf die Wissenssoziologische Diskursanalyse, dass sie eine passende Forschungsrichtung für die Rekonstruktion von Deutungsmustern ist, da ihre Zielorientierungen mehrmals die selben sind. Keller (2011) beschreibt, wovon die Wissenssoziologischen Diskursanalyse handelt:

„Geht es der Wissenssoziologischen Diskursanalyse darum, die diskutierten Defizite durch eine Akzentverschiebung von der Konzentration auf die Wissensbestände und Deutungsleistungen individueller Akteure des Alltags hin zur Analyse von diskursiven Prozessen der Erzeugung, Zirkulation und Manifestation kollektiver Wissensvorräte auszugleichen“ (Keller 2011b: 185).

Im Anschluss an die oben dargestellte Diskussion soll im nächsten Teil bearbeitet werden, was unter Diskurs verstanden wird.

### 1.3.3 Diskursbegriff

Inhaltliche Zusammenhänge, die gleiche Thematik und ein ‚überschaubares komplexes Ganzes‘ (Adamzik 2010: 263) bilden einige Merkmale davon, was in einigen Bereichen als Diskurs beschrieben wird.

Obwohl Diskurs mehrere Definitionen hat, wird in den meisten Fällen übereingestimmt, dass es um Texte geht. Keller (2009) zeigt wie das Verständnis von Diskurs innerhalb der sozialwissenschaftlichen Diskussion auch variieren kann. Einerseits wird angenommen, dass Diskurs sich teilweise auf die sprachliche Kommunikation bezieht und dadurch auch erforscht wird. Andererseits geht es um den Inhalt und um spezifische Eigenschaften der Textproduktion (vgl. Keller 2009: 43).

In Keller (2011b) wird noch behauptet, dass der Diskurs sowohl eine inhaltliche Ebene hat als auch eine Äußerungsmodalität. Für ihn bedeutet Diskurs ein „Komplex von Aussageereignissen und darin eingelassenen Praktikern, die über einen rekonstruierbaren

Strukturzusammenhang miteinander verbunden sind und spezifische Wissensordnungen der Realität prozessieren“ (Keller 2011b:235).

Da Diskurs hier als so umfangreiche aufgefasst wird, wie bei der Wissenssoziologischen Diskursanalyse, wo die sprachliche Merkmale überschritten werden, soll hier kurz berücksichtigt werden, wie die Arbeit von Foucault für diese Weiterentwicklung der Diskursanalyse eine Rolle spielt. Obwohl er selbst keine Diskursanalyse entwickelt hat (Keller 2007, 2011b, Diaz-Bone 2005) hat er sich lange mit diesem Thema beschäftigt und wichtige Gesichtspunkte hervorgehoben. Für Foucault stehen Gesellschaft und Diskurse in einem engen Zusammenhang und von daher „prägen sie [die Diskurse] Subjektivitäten und Lebensstile, [und] führen zur Bildung von Kollektiven und sozialen Bewegungen“ (Dias-Bone 2005: 539). Diskurse können nach Foucault eine starke Wirkung auf das soziale Leben und auf die Institutionen haben, denn Diskurs stammt für ihn aus konkreten Aussageereignissen, die „wirksam [sind], sie sind Wissen hervorbringende und reproduzierende Praktiken sowie mit Machtwirkungen verkoppelte Sprechpraktiken“ (Dias-Bone 2005: 540). Um diese Spannung zwischen den Aussageereignissen und ihren Wirkungen zu untersuchen hat Foucault die „Diskurse nach den institutionellen Feldern und Gegenstandsbereichen typisiert, in denen sie zirkulieren und so wissenschaftliche von religiösen, juristischen, wirtschaftlichen oder politischen Diskursen differenziert“ (Keller 2011b: 239).

Anders als Foucault hat die folgende Untersuchung keine so intensive Beschäftigung mit diesen sozialen bzw. ideologischen Aspekten zum Ziel. Selbst die Wissenssoziologische Diskursanalyse, die hier als eine Vorgabe für die folgende Analyse gilt, konzentriert sich nicht auf institutionelle Feldern, wie Keller beschreibt: „Abschließend möchte ich darauf hinweisen, dass die Wissenssoziologische Diskursanalyse nicht nur einzelne oder isolierte Diskurse in den Blick nimmt, sondern gesellschaftliche Diskursfelder bzw. Diskursfigurationen, in denen sich mehrere Diskurse begegnen“ (Keller 2011b: 239).

In Hinblick auf die Rekonstruktion von kulturellen Deutungsmustern scheint hier die Auffassung von Keller eine bessere Orientierung zu geben:

„Diskurse existieren als relative dauerhafte und regelhafte, d. h. zeitliche und soziale Strukturierung von (kollektiven) Prozessen der Bedeutungszuschrei-

bung. (...) Diskurse kristallisieren und konstituieren Themen in besonderer Form als gesellschaftliche Deutungs- und Handlungsprobleme,, (Keller 2011b:236).

So wird davon ausgegangen, dass Diskurse Ausdruck und Bestandteil des Sozialen sind und dabei strukturieren sie die neue Bedeutungszuschreibungen durch die Zeit, da die Diskurse nicht nur produziert und reproduziert werden können, sondern auch transformiert. Keller charakterisiert Diskurs weiterhin als

“institutionell-organisatorisch regulierte Praktiken des Zeichengebrauchs. In und mittels von Diskursen wird von gesellschaftlichen Akteuren im Sprach- bzw. Symbolgebrauch die soziokulturelle Bedeutung und Faktizität physikalischer und sozialer Realitäten konstituiert“ (Keller 2011b:12).

Anschließend wird noch einmal behauptet, dass die Wissenssoziologische Diskursanalyse sich sowohl mit den sprachlichen Bedeutungszuschreibungen beschäftigt, als auch mit den gesellschaftlichen Wirkungen der Diskurse. Die Kulturwissenschaftliche Landeskunde legt ihren Schwerpunkt jedoch auf die ‚textuelle‘ Ebene des Diskurses.

### **1.3.4 ‚Kultur als Diskursfeld‘**

Ausgangspunkt der folgenden Überlegungen ist der vieldeutige Kulturbegriff, der vor allem für wissenschaftliche Zwecke hochkomplex ist. Wie im ersten Kapitel schon ausführlich vorgestellt wurde, verzichtet die Kulturwissenschaft auf die traditionellen Auffassungen von Kultur und legt für sich einen neuen Begriff zugrunde, der den kulturellen Deutungsmustern von einer Kommunikationsgemeinschaft entspricht.

Dementsprechend versucht die Wissenssoziologische Diskursanalyse auf einen Kulturbegriff zuzugreifen, der ihren Gegenstände besser entsprechen kann, und dadurch sucht sie auch mehr als einen Begriff, der in Verbindung mit einer schönen Ausbildung oder der einfachen Zugehörigkeit zu einem kollektiven Orientierungssystem steht (z.B. eine Gruppe oder Nation als Bezugsgröße hat). Selbst die hermeneutische-interpretative Auffassung von Kultur wird von Keller in Frage gestellt, da sie die Ebene der Beobachtung von menschlichen Verhaltensweise schon überstanden haben und versuchen die Bedeutungszuschreibungen zu verstehen, aber am Ende werde Kultur sowieso „als

stabiles, tradiertes, den Akteuren vorgegebenes Signifikationssystem analysiert“ (Keller 2003:284). Dann fragt er sich selbst: „Doch wie kommt ‚Kultur‘ selbst als unterscheidbare, abgrenzbare Einheit zustande?“ (ebd.: 284). Auf diese Weise zeigt sich die Suche nach einem dynamischen Kulturbegriff, den er später in Anknüpfung an Schiffauer darstellt:

„Kultur ist dann als dynamisches, konflikthafte ‚Diskursfeld‘ (Schiffauer 1995) zu begreifen, d. h. als permanenter Aushandlungsprozess von symbolischen Ordnungen, Artefakten und angemessenen Praktiken, der in unterschiedlichen sozialen Arenen, auf verschiedenen gesellschaftlichen Ebenen, unter Beteiligung heterogener gesellschaftlicher Akteure geführt wird und nur vorübergehend sozial-räumlich feste Muster oder Strukturen kristallisiert“ (Keller 2003:284).

So wird ein Weg für das Kulturkonzept beschritten, dem Kultur als Diskursfeld zugrunde liegt und die Verschränkung des kulturellen Wissens ablehnt. Und das gilt für beide Forschungsperspektiven. Die Wissenssoziologische Diskursanalyse und die Kulturwissenschaftliche Landeskunde arbeiten mit einem dynamischen Kulturverständnis, das als Diskursfeld funktioniert. Damit zeigt sich das Umsetzungspotential des Instrumentariums der Wissenssoziologischen Diskursanalyse für die folgende Erörterung.

### **1.3.5 Die Bildebene**

Da eine Karikatur für die Schlüsseltextanalyse ausgewählt wurde und Bilder auf jeden Fall eine wichtige Rolle im Bereich der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde einnehmen, zeigt sich der Bedarf, einige Elemente der Arbeit in Bildern darzustellen.

Als Ausgangspunkt arbeitet die Kulturwissenschaftliche Landeskunde mit einem umfassenden Begriff von Text (siehe oben §1.2.1), der sich nicht auf die traditionellen schriftlichen Texte beschränkt, wie Altmayer erläutert: „Bei diesen Rezeptions- und Verstehensprozessen von Bildern lassen sich prinzipiell dieselben Ebenen des präsupponierten Wissens unterscheiden, von denen oben im Zusammenhang mit ‚Texten‘ im Allgemein die Rede war“ (Altmayer 2004: 242).

Darüber hinaus soll berücksichtigt werden, dass das Datenkorpus für die vorliegende Analyse aus den Massenmedien stammt, wobei die Bilder als Kommunikationsmittel ständig eingesetzt werden und dabei eine wichtige Rolle spielen.

Obwohl die Bilder so häufig bei der aktuellen Kommunikation vorkommen, verfügt die Bildinterpretation im Bereich der Sozialforschung über keine spezifische oder gut entwickelte Orientierung und ist im Gegensatz zu der Textinterpretation „immer noch von marginaler Bedeutung“ (Bohnsack 2011:25). Keller hat sich kurz mit der Bedeutung von anderen Medienformaten wie Comics, Werbungen, Fotografie, Film usw. befasst und behauptet dazu dass sich die „Diskursanalysen zukünftig stärker mit der Analyse und Interpretation solcher Daten befassen müssen“ (Keller 2011a:81, 2011b:276).

Bohnsack (2010, 2011) stellt auf der Basis von vielen Autoren einige Überlegungen und Konzepte angesichts der Bildinterpretation und Betrachtung dar, von denen die vorliegende Analyse profitieren kann, obwohl er die Karikaturen nicht erwähnt. Für Bohnsack benötigt der Arbeit mit Bildern eine Differenzierung zwischen dem, was man über das Bild oder *durch* das Bild ausdrückt (vgl. Bohnsack 2010,2011). Außerdem behauptet er in Anknüpfung an Mitchell (1994): „Dass wir uns im Alltag *durch* Bilder verständigen, bedeutet, dass unsere Welt, unsere gesellschaftliche Wirklichkeit durch Bilder nicht nur repräsentiert, sondern auch konstituiert wird“(Bohnsack, 2011: 28).

Im Hinblick auf das Interpretationsverfahren beschreibt Bohnsack die Sequenzanalyse als ein zentrales Prinzip in diesem Bereich: „Ein textförmiges Wissen und somit auch ein textförmiger Zugang zum Bild ist vor allem durch seine *Sequenzialität*, durch eine am zeitlichen Nacheinander orientierte Ordnung, charakterisiert“ (Bohnsack 2010: 168, 2011:42). Die Bildinterpretation ist auf dieser Weise auf „das Prinzip der *komparativen Analyse*“ (2010:169, 2011:43) gegründet. Verallgemeinert bedeutet dies also, dass das untersuchte Thema entweder mit fiktiven Hypothesen oder mit anderen Situationen immer in Verbindung gebracht werden sollte.

In Hinsicht auf die obigen Überlegungen wird für die weiter unten vorgenommene Bildinterpretation folgende Behauptung Altmayers (2004) von zentraler Bedeutung.

„Aus der Sicht einer Kulturwissenschaft, die nicht primär an Fragen der Funktionsweisen verschiedener Symbolsysteme, sondern vor allem an der Interaktion zwischen ‚Text‘ und Rezipienten beim Verstehensprozess und insbesondere an der Rolle des in diesen Verstehensprozess eingehenden kulturellen Wissens interessiert ist, besteht zwischen dem kulturellen Verstehen sprachlicher und bildlicher Textelemente kein prinzipieller Unterschied. Wie wir gesehen haben, verweisen Sprach- wie Bildelemente auf einen Bestand an gemeinsam unterstelltem Wissen und lassen sich so gesehen als Appelle oder Instruktionen an einen potenziellen Rezipienten auffassen, die Wissens-

schemata, die an der betreffenden Textstelle präsupponiert werden, zu aktivieren und für das Verstehen des Textes in seiner Gesamtheit fruchtbar zu machen“ (Altmayer 2004:244).



## Teil 2 METHODISCHES VORGEHEN

---

Nachdem im vorangegangenen Kapitel die theoretische Grundlage behandelt wurde, soll in diesem Kapitel die Vorgehensweise für die Entwicklung der Analyse dargestellt werden. Zunächst werden das Thema (§2.1) und das Untersuchungsfeld (§2.1.1) vorgestellt, also die Berliner Mauer und die Feierlichkeiten um die ‘20 Jahre Mauerfall‘.

Darauf folgt die Vorstellung des Datenkorpus aus großen Massenmedien in Deutschland, die als Basis für das Erkenntnisinteresse der vorliegenden Arbeit dienen, nämlich die exemplarische Rekonstruktion von kulturellen Deutungsmustern innerhalb der Thematik über die Mauer (§2.2). Daran schließt sich die Darstellung der Datenaufteilung und der entsprechenden Kriterien an (§2.2.1). Zum Schluss wird die Entwicklung des dreistufigen Analyseverfahrens aufgezeigt (§2.3).

### 2.1 Themenstellung: Die Berliner Mauer

*„Von einem Tag auf den anderen änderte sich das Alltagsleben der Stadt und ihrer Bewohner. Zehntausende Berliner Familien wurden durch den Mauerbau auseinandergerissen, Liebespaare getrennt, Freundschaften zerstört und Nachbarschaften beendet. Zahllose Menschen verloren ihren Arbeitsplatz, ihre Lebensgrundlage, ihre Perspektive. Unbeschreibliche menschliche Tragödien spielten sich vor den Augen der Weltöffentlichkeit ab. Wo es noch möglich war, überwandten die Menschen die Stacheldrahtsperrren, durchbrachen mit Fahrzeugen die Sperranlagen oder sprangen aus den Grenzhäusern in die Sprungtücher der West-Berliner Feuerwehr“ (Maria Nooke, 2009).*

Obwohl die Mauer heute fast unsichtbar geworden ist, hat sie mehr als 28 Jahre Berlin, Deutschland und Europa geteilt. Sie galt weltweit als Symbol für den Kalten Krieg, für die Trennung zwischen einer östlichen und einer westlichen politischen Orientierung.

Seit 1952 waren schon die DDR-Demarkationslinien zur BRD versperret, damit die Menschenbewegungen von Ost nach West verhindert werden könnten. Beide Teile

Deutschlands entwickelten sich ganz unterschiedlich nach dem II. Weltkrieg. Während Westdeutschland eine besondere Beziehung mit den USA pflegte und davon profitierte (Beispiele dafür sind die Luftbrücke 1948/49 und der Marshall-Plan), litt Ostdeutschland unter Versorgungsproblemen und Mangelwirtschaft und war immer von Moskau abhängig. Diese Situation führte zu politischen Repressalien in der DDR, da bis 1961 über 3 Millionen Menschen den Osten Deutschlands verließen.

Um die Flucht nach Westen definitiv zu beenden, begannen bewaffnete Volkspolizisten am 13.08.61 den Ostsektor von Berlin mit Stacheldraht und Straßensperren zu verriegeln. Zehn Tage später wurde schon das erste Opfer der Mauer am Grenzgebiet erschossen. Die Mauer teilte jahrzehntelang mehr als Landschaften und Straßen, sie teilte und prägte Familien, Freundeskreise, also Menschenleben.

Doch eine Massenflucht über Ungarn, die Tschechoslowakei und Demonstrationen gegen die SED in allen großen Städten der DDR prägten das letzte Jahr der Mauer. Die Befreiung des Volkes wurde mit einer ‚Friedlichen Revolution‘ geschaffen, ohne dass ein einziger Schuss fiel.

Wie die Geschichte deutlich macht, stand die Mauer bis 1989 vor allem mit negativen Gefühlen wie Angst, Unsicherheit und mit Situationen wie Trennung, Verhaftungen, Fluchtwegen in Zusammenhang. Auf der östlichen Seite der Mauer gab es auch die Idee von Schutz gegen den Kapitalismus und natürlich auch Sicherheit für jene, die damit einverstanden waren.

Mit dem Fall der Mauer am 9. November 1989 mischten sich aber alle Sensationen, und in Deutschland eröffnete sich die Chance auf einen gemeinsamen Neuanfang. Jene Nacht wurde zum einem für viele auf beiden Seiten als befreiend empfunden und als die Nacht der Freiheit und der Einheit gefeiert. Wenige Wochen danach, schon im Dezember 1989, wurde entschieden, dass „die Spuren des brutalen Einschnitts in die Stadt so schnell wie möglich beseitigt werden [sollten]“ (Nooke 2009: 23). Die Mauer und die Erinnerungen an die Grenze mussten also weg.

Die Freude an den Wiederbegegnungen und die Erleichterung über das Zusammenleben standen großen Erwartungen auf das zukünftige Leben in Deutschland gegenüber. Nach

den Feierlichkeiten stellten sich auch die praktischen Fragen, wie sollte es weiter gehen, welche politische Reformen wären notwendig, denn das Zusammenleben musste organisiert werden. So merkte man, dass die Wiedervereinigung ein langer Prozess sein würde, der viele soziale, politische und wissenschaftliche Herausforderungen verlangte.

Dieser Transformationsprozess ist vorwiegend in einer Richtung gegangen: Richtung West. Das hat sicher viele Ostdeutschen enttäuscht, denn trotz vieler Gegenstimmen gegen die radikalen Veränderungen, die es auch gab, hätten sie sicher in dieser Situation mehr beitragen können. In diesem Sinn erläutert Falter (2006):

„Ostdeutsche könnten sich tatsächlich in ihren Orientierungen westdeutschen Mustern annähern. Aber auch eine Annäherung westdeutscher an ostdeutsche Muster ist nicht ausgeschlossen. Und warum sollten nicht Ost- und Westdeutsche ihre Vorstellungen ändern, wenn sie in einem vereinten Land mit neuen Chancen und Möglichkeiten, Problemen und Risiken leben, das mehr ist als die Summe von alter Bundesrepublik und DDR?“ (Falter 2006: 9).

Im Laufe all dieser Transformationen hat man mit der Mauer viele Emotionen und Ideen verbunden. Der heutigen, rückblickenden Vermittlung dieses Themas im Fremdsprachenunterricht Deutsch und der didaktischen Anwendung von damit verbundenen Elementen wendet sich das Erkenntnisinteresse der vorliegenden Arbeit. Die Mauer bedeutete eine politisch-ideologische, weltpolitisch bedingte Trennung, sie wurde durchgesetzt und zwang die Menschen zu einem Leben, das sie nicht unbedingt gewünscht hatten, und, sobald die Möglichkeit bestand, entfernten die Berliner die Mauer und machten ihre Wege wieder frei. Die Mauer war eine Tatsache und kann immer noch als Symbol für dramatische Tage und schmerzliche Trennungen gelten. Fakt ist es aber, dass trotz, oder gerade wegen dieser dramatischen Geschichte deutsche und ausländische Berlin-Besucher die Mauer unbedingt besichtigen wollen.

Aus der Vielfalt von Bedeutungen, die der Berliner Mauer beigemessen werden, leiten sich die Fragestellung und der Untersuchungsgegenstand der folgenden Analyse her.

### **2.1.1 Die Berliner Mauer als Untersuchungsgegenstand**

Die kurze Vorstellung der Geschichte und der verschiedenen Ebenen der sozialen und politischen Bedeutung der Mauer soll hier der Kontextualisierung dieser Thematik dienen und zeigen, wie aus unterschiedlichen Perspektiven die Mauer als Sujet eines langen und vielfältigen Diskurses betrachtet werden kann. Im Grunde genommen wirkt die Mauer seit 1961 auf unterschiedliche Art und Weise auf das Leben in Deutschland und weltweit, und man kann sie immer noch aus unterschiedlichen Seiten betrachten, aus der Erfahrung hinter oder außerhalb der Mauer, sowie aus den Auffassungen für oder gegen ihre Einrichtung und späteren Fall.

In Zusammenhang mit den Zielen und Aufforderungen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde steht die Mauer hier nicht als faktisches Thema der deutschen Geschichte sondern als Zentrum der Festlegung eines kulturellen Deutungsmusters bzw. mehrerer kultureller Deutungsmuster. Dadurch ist sie in der Sprache vorhanden und kann einen gewissen Grad an Hintergrundwissen aktivieren. Dieses unterstellte Hintergrundwissen ist Gegenstand der folgenden Analyse als Beitrag zur allgemeinen kulturwissenschaftlichen Landeskunde.

Die Mauer wird andererseits als Sujet eines besonderen Diskurses bezüglich einer thematischen Orientierung (Altmayer 2006a, 2006b, Keller 2003, 2011a, 2011b) angenommen. Die Berliner Mauer scheint angesichts der verfügbaren Instrumentarien und Ressourcen immer noch ein sehr umfassendes Thema zu sein für die vorgeschlagene exemplarische Analyse. Deswegen wird der Fokus reduziert, und die Mauer soll als Diskursfeld betrachtet werden im Zusammenhang der Jubiläumsfeier ‚20 Jahre Mauerfall‘.

## **2.2 Das Datenkorpus und Fragestellung**

Seit dem Fall der Mauer gab es eine Menge von Veränderungen in Deutschland, die immer noch im Laufe sind. Politische und wirtschaftliche Reformen, das Zusammenleben von ‚Ossis‘ und ‚Wessis‘ musste sich wieder neu organisieren. Es ist im Allgemeinen

bekannt, dass die Mauer ein Land, viele Familien und Lebensgeschichten getrennt hat, und dazu viel Trauer, Schwierigkeiten und teilweise den Kalten Krieg verursacht hat.

Auf diese Weise zeigt sich wie der damit verbundene gesellschaftliche und historische situative Kontext eine große Rolle spielt und insbesondere im Rahmen der gewünschten Analyse berücksichtigt werden muss. Denn hier liegt das Erkenntnisinteresse insofern in der Frage, wie im Kontext der Jubiläumsfeier ‚20 Jahre Mauerfall‘ über die Berliner Mauer berichtet wurde. Welche Deutungsmuster kommen in diesem Kontext vor und durch welchen roten Faden werden sie verknüpft. Ziel unserer Fragestellung ist im Wesentlichen die Annäherung an Deutungsmuster, die innerhalb dieses Diskurses erzeugt und verbreitet wurden.

Das Datenkorpus für die exemplarische Analyse und dementsprechende Rekonstruktion von Deutungsmustern wurde konsequenteingeschränkt auf einen recht bedeutenden Untersuchungszeitraum bezüglich der Thematik, nämlich den Monat November 2009, in dem das Jubiläum ‚20 Jahre Mauerfall‘ in Deutschland gefeiert wurde. Dies verspricht ein ergiebiges Untersuchungsfeld für die Charakterisierung von Deutungsmustern, denn dieses Thema lieferte der Pressewegen der Gedenkfeier am 9. November 2009 viel Stoff für gut strukturierte Diskussionen. Darüber hinaus soll verdeutlicht werden, dass es hier um eine exemplarische Analyse geht, die sich lediglich mit einem Ausschnitt aus dem gesamten Diskurs über die Mauer beschäftigt.

Die empirische Grundlage für die exemplarische Analyse wurde aus Artikeln, Karikaturen und Bildern aus den Printmedien, die sich mit dem Thema ‚20 Jahre Mauerfall‘ beschäftigen, zusammengestellt: *DIE ZEIT*, *DER SPIEGEL* und *DIE WELT*. Die Medienwahl orientiert sich sowohl an der Auflagenstärke und an den Qualitätsmedien als auch an der Qualität und Verfügbarkeit des Materials im Internet. Die redaktionellen Linien des ausgewählten Materials bilden auch ein interessantes und buntes Spektrum. Bei *Die Welt* handelt es sich um eine überregionale Tageszeitung, die seit 1946 erscheint. Sie geht mit dem politischen Szenario eher konservativ um. *Die Zeit* zeigt sich liberaler und wendet sich an Zielgruppen mit einem gewissen Bildungsstandart wie Akademiker bzw. Bildungsbürger. Das Nachrichtenmagazin *Der Spiegel* arbeitet mit einer Mischung aus alltäglichen und aktuellen Neuigkeiten und kritischem Hintergrundjournalismus. Es

erscheint jeden Montag und ist das wöchentliche Nachrichtenmagazin Deutschlands mit der höchsten Auflage, so dass er einen großen Einfluss auf das öffentliche Meinungsbild im Land hat.

### 2.2.1 Aufteilung des Korpus

Das zusammengestellte Datenkorpus für die vorliegende Analyse wurde nach einigen Kriterien in verschiedene Textsorten aufgeteilt, nämlich Schlüsseltexte und Metatexte. Darüber hinaus werden auch Hintergrundtexte hinzugezogen. Das Gesamtkorpus wurde nach folgenden Relevanzkriterien ausgeteilt und gebildet:

- Zunächst wurden die Texte innerhalb der Themenbereiche ausgewählt, sie sollten die Mauer, den Mauerfall oder die deutsche Einheit zum Schwerpunkt haben und es sollte sich nicht um eine persönliche Erzählung handeln (vgl. Keller 2011a:90).
- Zum zweiten wurden die Texte nach den Prinzipien des *theoretical sampling*<sup>10</sup>, der minimalen und maximalen Kontrastierung ausgewählt. In diesem Fall wurde nur mit der maximalen Kontrastierung für die Auswahl der Schlüsseltexte gearbeitet. Die maximale Kontrastierung handelt von der Suche innerhalb des Datenkorpus nach den maximalen kontrastierenden Aussagen über das entsprechende Thema oder den entsprechenden Diskurs, damit ein Gesamtspektrum geschaffen wird. Auf diese Weise kann die Auswahl der Daten für die Feinanalyse innerhalb des Forschungsprozesses begründet werden (vgl. Keller 2011a: 92, Strübing 2008: 32).
- Die Texte, die eine maximale Kontrastierung ausbilden, werden in diesem Kontext als Schlüsseltexte angenommen und sie dienen als Ausgangspunkt für die Mikroanalyse. Sie sollen über eine umfassende Bedeutsamkeit in diesem Bereich verfügen.

---

<sup>10</sup>Das *theoretische Sampling* handelt von einer aktiven Auswahl von Datenquellen und ist innerhalb der GroundedTheory entwickelt worden. Nach diesem Prinzip muss die Datenbasis nicht ausschließlich in einer frühen Phase herangezogen werden, sie kann jedoch bezüglich der Forschungsfrage während des Forschungsprozesses kontinuierlich erweitert werden. Die GroundedTheory wird auch als ‚constantcomparativemethod‘ bezeichnet und wurde von Barney Glaser und Anselm Strauss im Rahmen der qualitativen Sozialforschung konzipiert.

- Die verbleibenden Texte sollen sowohl als Quelle für eine bessere Kontextualisierung der Thematik gelten, als auch eine weitere Informationsgewinnung unterstützen. Sie handeln meistens von persönlichen Geschichten bezüglich der Mauer, von historischen Fakten oder von wiederholten Betrachtungen des Themas. Diese Texte sind weniger inhaltsreich als die Schlüsseltexte.
- Die Hintergrundtexte haben die untersuchten Deutungsmuster als Gegenstand und beschäftigen sich ausführlich mit dem entsprechenden Thema. Dieses Datenkorpus kann nur im Verlauf der Analyse zusammengestellt werden und existiert am Anfang nicht real. Diese Texte können aus unterschiedlichen Quellen stammen und sie sollten eine längere Rezeptionsgeschichte haben. Hier wird wieder an das ‚*theoretische Sampling*‘ angeknüpft, so wird davon ausgegangen, dass diese Daten „nicht nach einem Auswahlplan organisiert werden“ (Strübing 2008:30), da sich die Auswahlkriterien nur während der Analyse in Bezug auf ihren Gegenstand erkennen lassen. Die Hintergrundtexte unterstützen die Validierung und die Rekonstruktion von den kulturellen Deutungsmustern.

## 2.3 Analyseverfahren

Für die Rekonstruktion der kulturellen Deutungsmuster stellt die Kulturwissenschaftliche Landeskunde keine spezifische Methodik vor.

In diesem Sinn behauptet Altmayer, dass dieser Prozess „in hohem Maßen vom Material und von der konkreten Fragestellung [abhängt]“ (Altmayer 2007a: 580). Darüber hinaus muss die Analyse nicht nur explizite Formulierungen berücksichtigen, sondern auch vorwiegend die impliziten Aussagen und kulturellen Wissensbestände, wie Altmayer betont: „Sinnvoll sind vor allem solche Verfahren, die den Blick von der Textoberfläche auf die ‚darunter‘ liegende Ebene des impliziten und präsupponierten Wissens freigeben...“ (ebd.: 580). So wurde in dem zusammengestellten Datenkorpus das soziale, typische und implizite Wissen berücksichtigt, damit die kulturellen Deutungsmuster bezüglich der Feierlichkeiten ‘20 Jahre Mauerfall’ rekonstruiert werden konnten.

Die Analyse stützt sich auf ein dreistufiges Verfahren: die Schlüsseltextanalyse, die Metatextanalyse und die Hintergrundtextanalyse.

## 2.3.1 Die Schlüsseltextanalyse

### 2.3.1.1 Die Makroanalyse

Die Makroanalyse fängt mit einer Vorstellung der Textsortenmustern an, die als eine Kontextualisierung oder auch als eine „soziale Situiertheit“ (Keller 2011a: 99) des Materials dient und wichtige Informationen über das Thema, Autorinstanz und raumzeitlichen Kontext bringen soll. So wird die Ebene des präsupponierten Kontextwissens einbezogen, wie im ersten Kapitel erläutert wurde (§1.2.3). Nach Angabe von Altmayer muss ebenfalls folgender Aspekt berücksichtigt werden:

„Kulturwissenschaftliche Textanalysen müssen also in der Regel Texte nicht isoliert, sondern grundsätzlich im Rahmen ihres Publikations- und Verbreitungskontexts sehen, wollen sie den auch mit diesen Kontexten verbundenen impliziten Wissensbeständen gerecht werden“ (Altmayer 2004: 211).

Der nächste Schritt der Analyse soll die Untersuchung näher an die inhaltliche präsupponierte Ebene des Textes bringen, also näher an die kulturellen Deutungsmuster. In diesem Sinn sollen die Texte nicht als ‚fertige Produkte‘ betrachtet werden, ‚sondern als Prozesse‘ bezüglich eines potenziellen Rezipienten und ihren Sinnzuschreibungen (vgl. Altmayer 2004: 245).

Die Gegenstände der exemplarischen Untersuchung sind nämlich die kollektiven Sinngehalte, das überindividuell geltende, typisierte Sinnzuschreibungen bezüglich der Mauer, 20 Jahre nach dem Mauerfall in Deutschland.

Dafür werden die Tiefenstrukturen des Textes mit Hilfe eines diskursanalytischen und interpretativen Textverständnisses untersucht. Die Untersuchung fängt auf diese Weise mit einer Sequenzanalyse an, die nach Altmayer nachgebaut wird:



„Dies geschieht zum einen durch eine kleinschrittige Sequenzanalyse, die den Prozess der Rezeption des Betreffenden Textes durch einen ‚idealen‘ Rezipienten so weit rekonstruiert, dass das Repertoire an kulturellem Wissen, das der Text präsupponiert und das ein Rezipient aktivieren muss, um dem Text einen kulturell angemessenen Sinn zuschreiben zu können, sichtbar wird“ (Altmayer 2007a:580).

Dadurch werden die Sinnstrukturen des Textes aufwendig durch einen Interpretationsprozess verfolgt, um die in den Texten vorkommenden Deutungsmuster zu identifizieren. Die sequenzanalytische Interpretationsstrategie orientiert sich an der Richtlinie der sozialwissenschaftlichen Hermeneutik. Angesichts der Sequenzanalyse sagt Keller:

„Das Prinzip der Sequenzanalyse besteht darin, im Hinblick auf die interessierenden Untersuchungsfragen dem Textfluss folgend zunächst möglichst viele Interpretationshypothesen für einzelne Sätze bis hin zu ganzen Textabschnitten oder zum Gesamttext zu entwerfen“ (Keller 2011a:109).

So wird nach und nach mit dem Text gearbeitet, mit Hypothesenbildungen bis zu der ersten Identifikation und Rekonstruktion von Deutungsmustern, die in der Form von sprachlichen Aussagen festgelegt und formuliert werden.

### 2.3.1.2 Die Mikroanalyse

Die Mikroanalyse soll im Zusammenhang mit der Makroanalyse stattfinden, um diese zu ergänzen. Obwohl die Analyse ihren Fokus nicht auf die sprachliche Form der Aussagen legt, sondern vor allem auf ihre Bedeutungen, wird auch auf das linguistische Instrumentarium zurückgegriffen, damit die Aktivierung von inhaltlichen Voraussetzungen besser bearbeitet werden kann. Dabei interessieren v.a. Bilder, Metaphern, lexikalische Einheiten, Personifikationen und rhetorische Figuren (vgl. Altmayer 2007a: 580).

Bei der interpretativ-analytischen Untersuchung des Materials sind diese sprachlich-semiotischen Mittel von großer Bedeutung, insbesondere im Hinblick auf die Identifikation von impliziten Aussagen auf der Bildebene. Sie wurden z.B. für die Analyse der Karikatur sehr wichtig, wobei die Bildebene eine entscheidende Rolle gespielt hat.

### 2.3.2 Die Metatextanalyse

Die Metatextanalyse stellt die zweite Phase des analytischen Vorgehens dar und soll die Makro- und Mikroanalyse unterstützen und ergänzen. In diesem Untersuchungsschritt besteht eine wichtige Aufgabe darin, einen weiteren und intensiveren Zugang zu den hervorgehobenen kulturellen Deutungsmustern zu schaffen. Dieses Material wird untersucht mit dem Ziel, möglichst umfassende und hinreichende Assoziationsräume und Erklärungsargumente im Hinblick auf die untersuchten kulturellen Deutungsmuster zu finden. So beginnt die Arbeit anhand von Schlagwörtern. Diese Schlagwörter sollen während der ersten Phase der Untersuchung ins Blickfeld genommen werden, da sie in Zusammenhang mit diesem Kontext stehen sollen.

In diesem Sinn lassen sich die Schlagwörter als Analysekategorien verstehen, die danach in den Metatexten herausgesucht werden. Zu den korrespondierenden Schlagwörtern wurden dann die Syntagmen aus den Texten in einer Tabellenform organisiert. Aus diesem Material sollen induktiv inhaltliche Assoziationen herausgearbeitet werden, damit durch die Korrelation von Bedeutung und Inhalt zwischen den verschiedenen Syntagmen und Textausschnitten eine umfassende Aussage oder sogar ein Konzept gebildet werden kann.

Damit ergibt sich die Möglichkeit, die rekonstruierten Deutungsmuster und die neu aufgelisteten Konzepte zusammen zu bearbeiten, um somit eine mögliche inhaltliche Bedeutungsspannbreite weder künstlich noch willkürlich zu finden.

Dazu wurde mit Hilfe eines Kodierverfahrens gearbeitet, das die Erarbeitung von Zusammenhängen zwischen Kategorien ermöglicht. Infolgedessen dient das Konzept von Kodierung aus der *GroundedTheory* als eine wichtige Orientierung. In Anknüpfung an Strauss und Corbin 1996 meint Keller bezüglich des *axialen Kodierens*:

„[Es] geht darum, die gewonnenen Kategorien im Rahmen eines „Kodier-Paradigmas“ zueinander in Beziehung zu setzen, das zwischen ursächlichen Bedingungen, intervenierenden Bedingungen, dem Kontext, den Handlungsstrategien zur Problembewältigung, den interaktionalen Strategien der Beteiligten und den Konsequenzen dieser Interventionen im Hinblick auf ein untersuchtes Phänomen unterscheidet“ (Keller 2007: 21).

Das Hauptanliegen besteht auch hier darin, die Deutungsmuster angesichts ihrer Variationen zu untersuchen und eventuell zu präzisieren.

### **2.3.3 Die Hintergrundtextanalyse**

In dieser dritten Analysephase geht es um eine Ergänzung oder eine Kontextualisierung im Hinblick auf die untersuchten kulturellen Deutungsmuster. Im Gegensatz zu den ersten Untersuchungsschritten, hat die Hintergrundtextanalyse die Beschäftigung mit Textenzur Aufgabe, die die bearbeiteten Deutungsmuster selbst zum Gegenstand haben. Die Deutungsmuster kommen also in diesen Texten ganz offensichtlich vor und nicht mehr nur als Präsupposition, als implizites Wissen. So wird man einen grundlegenden Anspruch der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde berücksichtigt haben, und zwar:

„Die in der kulturwissenschaftlichen Textanalyse in einem ersten Schritt vorzunehmende Deutung bestimmter im Text präsupponierter Wissensbestände als kulturelles Wissen kann ihre Plausibilität und damit ihre Validität nur dadurch legitimieren, dass der betreffende Text mit anderen Texten in eine sinnvolle Beziehung gebracht wird“ (Altmayer 2004:250).

Zwei Ansätze wurden somit beachtet: Einerseits wurde an den Inhalt des Musters herangeführt in Verbindung mit den ersten Untersuchungsschritten und den daraus entstandenen Bedeutungsvarianten des Deutungsmusters. Andererseits wurde auf Grund von ‚sozialen, kulturellen und historischen Hinsichten‘ (vgl. Altmayer 2007a: 582) auch eine Kontextualisierung des Deutungsmusters angestrebt. So wurde genauer auf die Rekonstruktion des Deutungsmusters anhand aller Bedeutungsvariationen geachtet, um „soweit wie möglich die innere Struktur und Konsistenz des Deutungsmusters zu rekonstruieren“ (Lüders 1991: 384).

Außerdem wurde die Entwicklung jedes Schrittes aufmerksam und sorgfältig durchgeführt. Die Gütekriterien, die diesen Prozess validieren sollen, basieren auf der Prämisse von Transparenz und Nachvollziehbarkeit (Barenfänger/Stevenier 2001). Damit wurde die gesamte Analyse auf diese Weise so beschrieben und konstruiert, dass der Leser ihr unproblematisch folgen und sie nachvollziehen kann. Auch Schwächen und

Schwierigkeiten, die während der Analyse aufgetreten sind, werden erwähnt, wie es auch Bärenfänger/Stevener erläutern (ebd.: 2001).

## TEIL 3 DIE BERLINER MAUER ALS KULTURELLES DEUTUNGSMUSTER – EINE EXEMPLARISCHE ANALYSE

---

Das Datenkorpus besteht aus 70 im November 2009 publizierten Texten. Mehrere Texte beschäftigen sich wesentlich mit der Beschreibung der Feierlichkeiten am 9. November und besprechen dazu die Art und Weise, wie die Personen den Mauerfall erfahren und erlebt haben. Das zeigt sich durch die wenigen kontrastiven und die vielen eher harmonisierenden Meinungen und Perspektiven auf den Mauerfall. Das hat die Suche nach den besten Texten für die Durchführung der Analysen sehr umständlich gemacht. Viele Texte thematisieren außerdem die Ereignisse in Deutschland nach dem Mauerfall und die darauf folgenden Veränderungen. Im Hinblick auf das Hauptziel dieser Arbeit wurden zwei Texte anhand einer maximalen Kontrastierung (§ 2.2.1) für die Analyse ausgewählt, nämlich eine Karikatur von Barbara Henninger und ein Text von Reinhard Mohr. Beide Texte gelten dann als Schlüsseltexte und mit ihnen fängt die Analyse an. Die üblichen Texte sind Stoffmaterial für die Metatextanalyse.

An dieser Stelle soll noch kurz erläutert werden, dass das Ziel der gesamten Arbeit in Anknüpfung an die Auffassung von Altmayer über Kultur sich an die Lehrenden des Faches Deutsch als Fremdsprache richtet, deren Gruppe die Verfasserin dieser Arbeit auch gehört. Infolgedessen stellt sich für die Autorin dieser Arbeit die Herausforderung, die Nuancen der Sprache und das dementsprechende Hintergrundwissen aus dieser ausländischen Perspektive zu erkennen, damit ihre Zielgruppe die gezielten kulturellen Deutungsmuster rekonstruieren können.

### 3.1 ‚Mauer im Kopf‘

### 3.1.1 Die Makroanalyse – Kontextualisierung und Vorstellung des Textsortenmusters

Der erste Schlüsseltext ist die Karikatur von Barbara Henniger, die am 4. November 2009 auf Spiegel-Online publiziert wurde. Bei demselben Artikel wurden auch 23 andere Karikaturen von Henniger veröffentlicht, sowie ein Text über das Leben der Autorin. Christoph Gunkel, Verfasser des Textes, beschreibt Henniger als ‚die bekannteste ostdeutsche Karikaturistin‘. Die Karikaturen und der Text stehen online unter der Thematik *20 Jahre Mauerfall* mit dem Titel „Geboren am 9. November“.

Nach Angabe der Autorin entstand die hier zu besprechende Karikatur im Herbst 1996 ursprünglich für den Fernsehsender ZDF. Danach bot sie dem Berliner *Tagesspiegel* eine schwarz-weiß Fassung an, die dort in der Ausgabe vom 9. November 1996 erschien.

In dem Artikel im *Spiegel*-Online steht außerdem, dass diese Karikatur auch in vielen Schulbüchern abgedruckt wurde. Auf diese Weise geben sowohl die inhaltliche Relevanz der Karikatur als auch die Anerkennung der Arbeit von Henniger neben der inhaltlichen maximalen Kontrastierung noch einen weiteren Grund für die Auswahl dieser Karikatur im Rahmen der vorgeschlagenen Analyse.

Zur genaueren Kontextualisierung des ausgewählten Schlüsseltextes werden im Folgenden einige Merkmale der Textgattung ‚Karikatur‘ präsentiert. Bestandteile einer Karikatur sind die bildliche Form und die zeichnerischen Präsentationen ihrer Themen, manchmal auch in Verknüpfung mit kleinen Texten. Karikaturen beschäftigen sich häufig mit politischen Themen und auch mit gesellschaftlichen Zuständen oder Verhaltensweisen. Sie greifen auf Ressourcen wie Humor, Ironie, Sarkasmus und Übertreibungen zurück, die ermöglichen, einen neuen Blick auf die Realität zu werfen, denn damit wird eine Lektüre der Welt, ihre Kontraste und Widersprüche mit einer Betonung geschaffen, die typisch für Karikaturen ist. Einerseits können diese Eigenschaften als selbstverständlich angesehen werden, also als Teil des impliziten Wissens, das der Rezipient erkennen soll. Andererseits können sie den Erwartungen des Lesers in Hinblick auf diese Textgattung korrespondieren.

Dazu kommt, dass Humor und Ironie auf verschiedene Art und Weise ausgedrückt werden können, und dies mitunter in Zusammenhang mit spezifischen Kontexten und Situationen des Landes oder der Regionen, wo sie vorkommen. Dementsprechend bilden die Bestandteile von Karikaturen eine große Herausforderung für den ausländischen Rezipienten.

### 3.1.2 Makro- und Mikroanalyse - Die ersten Schritte zur Identifikation des Deutungsmusters

Als erstes soll die bildliche Ebene der Karikatur verfolgt werden und danach soll dies in Zusammenhang mit dem kleinen Text gebracht werden.



Im Vordergrund ist eine Menschenmenge zu erkennen und in der Mitte ein Weg, der die Menschenmenge teilt. Auf diesem Weg befindet sich eine kleine Gruppe von Personen, die vermutlich Touristen sind, denn sie schauen in alle Richtungen, einer hat sogar einen

Fotoapparat dabei. Vor der kleinen Gruppe steht eine Frau mit offenen Armen und sie spricht der Gruppe zu. Auf dem Weg stehen auch zwei Hunde. Im Hintergrund sieht man die *Skyline* von einer großen Stadt.

In einem zweiten und detaillierten Blick auf der Karikatur sieht man, wie die beiden Menschenmengen sich gar nicht sehen. Jeder geht weiter in seiner Richtung, die Gruppen treffen sich nicht, sie mischen sich nicht. Eine weitere und gründliche Beobachtung der *Skyline* der Stadt zeigt am Ende des Weges ein Tor, daneben eine riesige Kuppel, eine Fernsehantenne und andere Gebäude. Falls man schon in Berlin war oder die Stadt im Fernsehen oder anderen Medien gesehen hat, kann man die Stadt erkennen. Und wenn man Berlin auf der Karikatur erkennt, sieht man nicht mehr nur ein Tor, sondern das Brandenburger Tor und folgend den Berliner Dom, den Fernsehturm, das Berliner Rathaus, die Gedächtniskirche und das Berliner Reichstagsgebäude. Die Gebäude links des Brandenburger Tors sind ein wenig dunkler, grauer als die Gebäude rechts des Brandenburger Tors. Dieser Farbunterschied ist aber ganz subtil.

Auf der Bildebene kann der Rezipient also Berlin erkennen, falls er das dafürerforderliche Hintergrundwissen hat. Nun bringen wir den kleinen Text der Frau in Zusammenhang mit den schon gesammelten Informationen. Die Frau sagt zur Gruppe: „Hier hat einst eine schreckliche Mauer die Menschen getrennt!“ Als Erstes bestätigt diese Rede, dass es sich bei der kleinen Gruppe in der Mitte wirklich um eine touristische Gruppe handelt und die Frau vorne die Reiseleiterin ist. Und wenn sie sagt, dass es dort eine schreckliche Mauer gab, assoziiert man entweder erst dann die Mauer mit Berlin oder bestätigt dies, wenn die Stadt schon als Berlin erkannt wurde.

Nun ist es möglich zu sagen, dass Bild- und Sprachebene nicht im Kontrast stehen, sich aber ergänzen. Darüber hinaus kann das, was auf der Bildebene als ein Weg beschrieben wurde, im Angesicht der Sprachebene eine andere Bedeutung annehmen, und zwar dass diese Trennung zwischen den Menschenmengen die Berliner Mauer repräsentiert. Die Rede der Reiseleiterin gibt noch einen Hinweis dafür, dass dieser leere Weg die Mauer symbolisiert, denn zum einen sagt sie „**hier** hat einst eine ...“, und *hier* bezieht sich auf den Ort, wo sie sind. Zum anderen ist es nun deutlich zu erkennen, dass sie die einzigen sind, die sich an diesem Ort befinden, die Menschenmenge behält die Trennung bei,



ebenso wie früher, als die Mauer noch stand. Außerdem zeigen sich hier ganz deutlich zwei Menschenmengen, die man nun erkennen kann, es handelt sich um die Ostdeutschen und die Westdeutschen, wie sie auch heute noch immer genannt werden, also zwei Gruppen von Deutschen, die wegen der Mauer getrennt lebten.

Die Karikatur schafft aber einen Kontrast oder sogar eine Ironie, wenn die Frau die Mauer als in der Vergangenheit existierende Struktur vorstellt, und die Bildebene als Repräsentation der Gegenwart eine deutliche Teilung zwischen den Menschenmengen zeigt. Also existiert immer noch etwas, das die Menschen teilt, und wenn es keine echte Mauer aus Beton und Stacheldraht ist, ist es etwas anderes.

So kann man davon ausgehen, dass die Mauer noch in anderen Instanzen existiert, sie ist irgendwie immer noch omnipräsent und beeinflusst das Verhalten und das Denken von vielen. Denn die Menschenmenge steht da, die Leute sind frei, und es gibt keine materielle Grenze mehr, die den Kontakt oder die Mischung verhindern könnte. Sie bleiben trotzdem getrennt, schauen sich sogar nicht einmal an. Somit existiert die Mauer aus unterschiedlichen Gründen immer noch in den Köpfen vieler, die sich möglicherweise die Transformationen und Anpassungen, die der Mauerfall verlangt hat, irgendwie anders gewünscht oder vorgestellt haben.

In der Karikatur kann man nicht die Gründe erkennen, die die Menschenmenge immer noch geteilt hält, und somit können zur Erklärung dieser Situation einige Ereignisse der jüngeren deutschen Geschichte, die sowieso in Zusammenhang mit der Mauer stehen, hilfreich sein. Diese Ereignisse haben im ganzen Land auf unterschiedlichen Ebenen des Lebens viele Veränderungen verursacht, von denen viele noch im Laufe sind. Einige von diesen Transformationen finden nicht unbedingt auf materieller, geografischer oder wirtschaftlicher Ebene statt, sondern auf einer mentalen Ebene, wo der Wandel auch akzeptiert werden muss. Dies scheint die Ebene zu sein, worauf die Karikatur sich bezieht, und das ist nicht sofort identifizierbar.

Zur Hypothesenbildung über diese ‚Mauer im Kopf‘ sollen für die Entfaltung des nächsten Untersuchungsschrittes als Schlagwörter die Begriffe ‚Mauer‘, ‚Mauerfall‘ und ‚Einheit‘ gelten. Ziel ist es damit, die Gründe für die Trennung zwischen den Gruppen zu verstehen. Dies wird in den nächsten Schritten der Analyse weiter berücksichtigt, so dass

bei der Hintergrundanalyse das schon identifizierte Deutungsmuster ‚Mauer im Kopf‘ rekonstruiert werden kann.

### 3.1.3 Metatextanalyse des Deutungsmusters ‘Mauer im Kopf’

#### Mauer

Konzept:	Syntagmen:
<i>Mauer nicht mehr als materielle Grenze, sondern mit anderen Merkmalen verbunden und auch als mentale Instanz verstanden</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• [...] Mauern, ob real oder in den Köpfen und Herzen der Menschen, Mauern lösen keine Probleme (<i>Spiegel 3 – 09.11.09</i>)</li> <li>• [...] „ist die Mauer ein Museum, etwas, das man sich anschaut, aber nichts, das einem mehr Angst macht.“ (<i>Welt 33 – 10.11.09</i>)</li> <li>• Mauern in den Köpfen, die Mauern zwischen Gegenwart und Zukunft zu durchbrechen, seien die Herausforderungen des 21. Jahrhunderts. (<i>Welt 39 – 10.11.09</i>)</li> <li>• Ich spüre die Mauer wie eine Art Geist, über den die Menschen hier reden. (<i>Zeit 6 – 06.11.09</i>)</li> </ul>

#### Mauerfall

Konzept:	Syntagmen:
<i>‚Die Mauer ist nicht gefallen, sie wurde zu Fall gebracht’</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Die Mauer ist nicht gefallen, sie ist zu Fall gebracht worden. (<i>Welt 27 – 09.11.09</i>)</li> <li>• So einfach war es damals zwar nicht, aber, sagt Merkel, „der Mauerfall zeigt, dass jeder Einzelne etwas bewegen kann!“ (<i>Spiegel 8 – 09.11.09</i>)</li> <li>• Der Mauerfall vor 20 Jahren ist nicht das Ergebnis einer genialen Politik und genialer Politiker, sondern des Mutes vieler namenloser Menschen (...). (<i>Spiegel 3 – 09.11.09</i>)</li> <li>• Die Mauer sei jedoch „nicht gefallen“. „Sie wurde eingedrückt“. (<i>Zeit 11 – 09.11.09</i>)</li> </ul>
<i>Was wirklich gefallen ist, ist das System, eine Ideologie</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1989 fiel nicht die Mauer, sondern eine Diktatur! (...) Nicht eine Mauer fiel, die wurde</li> </ul>

	<p>später abgebaut, sondern die kommunistische Ideologie wurde zu Grabe getragen(Welt 41 - 11.11.09)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bundespräsident Horst Köhler bezeichnete in einer Rede anlässlich der Feierlichkeiten den Mauer-Fall als „eine Epochenwende zu Freiheit und Demokratie“ (Zeit 11 – 09.11.09)</li> </ul>
Der Mauerfall wird nicht als Fakt oder Ende betrachtet, sondern als Prozess und Anfang einer neuen Phase	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Denn als am 9. November 1989 die Mauer fiel, war dies nicht Endpunkt, sondern Wendepunkt aus der Statik eines bipolaren Systems in die Dynamik einer unberechenbaren Zukunft. (Welt 07 - 05.11.09)</li> <li>• Für die Ostdeutschen aber war der Mauerfall kein Ende. Er war ein Anfang. Ein Neuanfang zur Hälfte des Lebens. Ein Gang ins Offene. (Spiegel 6 – 09.11.09)</li> <li>• Der Fall der Mauer, für uns Deutsche das Startsignal für die Wiedervereinigung, ist weltweit das Symbol für den Niedergang des Sowjet-imperiums geworden und damit für das Ende der globalen Konfrontationen des 20. Jahrhunderts. (Welt 20 - 07.11.09)</li> </ul>

### Einheit

Konzept:	Syntagmen:
Die Einheit ist nicht vollendet	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Kanzlerin Merkel forderte anlässlich des Jahrestages des Mauerfalls weitere Anstrengungen zur Vollendung der deutschen Einheit. (Spiegel 3 – 09.11.09)</li> <li>• Die deutsche Einheit bezeichnete Merkel als noch nicht vollendet. (Welt 32 – 10.11.09)</li> <li>• „Die deutsche Einheit ist noch nicht vollendet“, sagte Merkel im ARD-„Morgenmagazin“. (Spiegel 9 – 09.11.09)</li> <li>• Vereint und immer noch getrennt. (Zeit 8 – 08.11.09)</li> <li>• Der 9. November 1989 markiert den Beginn der deutschen Einheit (...) (Welt 9 – 06.11.09)</li> <li>• Selbstverständlich weiß ich, dass mit Verfassung, Hymne und Feiertag nicht die innere Einheit herbeigezaubert werden kann. Die nicht</li> </ul>

	<p>beendeten Provisorien sind mir Symbole dafür, dass noch viel zu tun bleibt, um die Einheit wirklich zu vollenden. (Welt 20 – 07.11.09)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Und – ist die deutsche Einheit nun vollzogen? „Im Prinzip ja“, sagt Reiter. „Es knirscht noch ein bisschen, und an manchem Rand brennt’s.“ (Spiegel 5 – 09.11.09)</li> </ul>
Einheit bedeutet Kosten	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Das IWH warnt aber davor, die Zahlen der Studie als „Kosten der Einheit“ aufzurechnen. (Welt 28 – 09.11.09)</li> <li>• Diskutieren in Talkshows über Ost- und West-Ungerechtigkeit und die Kosten der Einheit.(Spiegel 4 – 09.11.09)</li> <li>• Weg frei für die Wirtschafts-Einheit (...) - Ist die Einheit also bald auch ökonomisch vollzogen? (Spiegel 7 – 09.11.09)</li> </ul>

### 3.1.4 Hintergrundtextanalyse

#### 3.1.4.1 „Der Mauerspringer“ – Peter Schneider (1982)

Viele Jahre vor dem Mauerfall, als keiner noch realistisch davon träumte, hat Peter Schneider in seinem Buch ‚Der Mauerspringer‘ (1982) den prophetischen Satz geschrieben: „Die Mauer im Kopf einzureißen wird länger dauern, als irgendein Abrissunternehmen für die sichtbare Mauer braucht“ (Schneider 1995:110). Seitdem hat seine Vorstellung von ‚Mauer im Kopf‘ allmählich in die deutsche Sprache gefunden und wurde dann weiter zur Repräsentation des Spannungsfeldes zwischen West- und Ostdeutschen benutzt. Infolgedessen gilt sein Text als wichtige Quelle für die Rekonstruktion des Deutungsmusters ‚Mauer im Kopf‘, denn er hat dieses Muster zum ersten Mal erwähnt und sich mit der Herausforderung des kommenden Zusammenlebens der Deutschen beschäftigt.

Die ganze Erzählung dreht sich um die Mauer und um das Leben von Ost- und Westdeutschen in einer geteilten Stadt, in einem geteilten Land. So beschreibt er die

Mauer aus der Perspektive von einer westlichen Figur, die manchmal die persönlichen Erfahrungen des Autors zur Geschichte mitbringt:

„Als ich nach Berlin zog, wurde die neue Mauer gerade fertig gestellt. Nachdem der erste Schrecken vorbei war, verdünnte sich das massive Ding im Bewusstsein der Westdeutschen immer mehr zur Metapher. Was jenseits das Ende der Bewegungsfreiheit bedeutete, wurde diesseits zum Sinnbild für ein verabscheutes Gesellschaftssystem. Der Blick nach drüben verkürzte sich zu einem Blick auf die Grenzablagen und schließlich zum gruppentherapeutischen Selbsterlebnis: die Mauer wurde den Deutschen im Westen zum Spiegel, der ihnen Tag für Tag sagt, wer der Schönste im Lande ist. Ob es ein Leben gab jenseits des Todesstreifens, interessierte bald nur noch Tauben und Katzen“ (Schneider 1995:12)-

Schneider stellt die Mauer sowohl als konkretes Bauwerk als auch als Abstraktum vor. Fiktive und realistische Beschreibungen mischen sich, um die besondere Atmosphäre in Berlin zu dieser Zeit zu rekonstruieren. Er erzählt die Geschichte von Menschen, die mit der Teilung nicht zufrieden waren und diese Situation nicht mehr akzeptieren mochten, außerdem schildert er die Missverständnisse zwischen dem gegenseitigen Vergleich von ost- und westdeutschen Verständnissen. Und an dieser Stelle merkte er, dass ein Zusammenleben in Deutschland nicht nur von einer Mauer aus Beton blockiert ist, sondern auch von einer Mauer im Kopf, die wesentlich aus verschiedenen Ideologien, Weltwahrnehmungen, Vorurteilen und unterschiedlichen gegenseitigen Erwartungen entsteht.

Die Freundschaft zwischen einem Ost- und einem Westdeutschen verdeutlicht, dass es Wessis und Osis gibt und dass auch Missverständnisse zwischen ihnen existieren. Damit bringt der Autor nahe, welche Herausforderungen die Wiedervereinigung von zwei entgegengesetzten Gesellschaftssystemen verlangen wird.

Darüber hinaus werden auch unterschiedliche Sozialisationsmerkmale, Sprachschwierigkeiten und generelle Informationen über die Mauer im Umgang der beiden Figuren beschrieben, so dass wechselnde Erzählperspektiven und Ansichten in beiden Richtungen stattfinden und zwar von West nach Ost und von Ost nach West.

Aus diesem fiktiven Zusammentreffen von unterschiedlichen Kollektiverfahrungen schafft Schneider eine umfassende Situation, aus der zu erkennen ist, wie Vorurteile und

Sozialisation unser Denken beeinflussen und weswegen der Abriss einer Mauer aus Beton und Stacheldraht leichter ist, als der einer Mauer im Kopf.

#### 3.1.4.2 ‚Getrennt vereint?‘ Katja Neller

Bei der weiteren Untersuchung des Deutungsmusters ‚Mauer im Kopf‘ wird nun ein Artikel von Neller (2005)<sup>11</sup> untersucht, der darüber mehr Informationen und Merkmale anbieten kann und hier als Hintergrundtext gilt. Ihr Artikel ist in einem Buch veröffentlicht worden, wobei das ganze Werk sich mit der inneren Einheit Deutschland aus facettenreichen Perspektiven beschäftigt.

Neller hat als Gegenstand in ihrem Beitrag die Annäherung zwischen Ost- und Westdeutschen nach der Wiedervereinigung, somit interessiert sie sich auch für die Faktoren, die bei der Entwicklung der Einheit einen starken Einfluss haben.

Als erstes wird in dem Text gezeigt, wie präsent und existierend die Mauer im Kopf ist. Das passiert zum Teil, weil sich für viele Ost- und Westdeutsche kein ‚Wir-Gefühl‘ oder, anders gesagt, keine Identität von einem Gesamtdeutschland in der Tat entwickelt hat. Und daraus entsteht diese ‚mentale Spaltungslinie‘ zwischen den wiedervereinigten Deutschen, die als Mauer im Kopf gesehen wird.

Die Schwierigkeiten dafür liegen nicht lediglich in diesem Moment der deutschen Geschichte, sondern können auch ältere Wurzeln haben. Hinweise dafür sind die wiederkehrenden Versuche, ein ‚Wir-Gefühl‘ oder eine ‚nationale Identität‘ in Deutschland zu schaffen, da die „späte Nationalstaatsbildung, das Bismarckreich, die Weimarer Republik und der NS-Staat kaum Ansatzpunkte dafür [boten], dass sich eine positive nationale Identität entwickeln konnte“ (Neller 2006:13).

Mit der Wiedervereinigung, der ganzen Freude und Euphorie kamen von beiden Seiten viele Erwartungen an die Zukunft, alle hatten Träume und Hoffnungen. Im Zeitverlauf

---

<sup>11</sup>Neller, Katja (2006): „Getrennt vereint? Ost-West Identitäten, Stereotypen und Fremdheitsgefühle nach 15 Jahre deutscher Einheit“, in: Falter, J. W.; Gabriel, O. W.; Rattinger, H.; Schoen, H.; (Hrsg.): Sind wir ein Volk? Ost- und Westdeutschland im Vergleich, München: Beck.

zeigte sich aber, dass diese Erwartungen nicht unbedingt die gleichen waren, und dazu wurden die Unterschiede zwischen DDR und BRD hervorgehoben.

Die Autorin stellt die Frage: „Wie nehmen sich Ost- und Westdeutsche gegenseitig wahr?“ und ab dieser Frage behauptet sie, dass Stereotypisierungen oder Fremdheitsgefühle an dieser Stelle eine große Rolle spielen. In diesem Sinn erläutert die Autorin, wie sich die Klischees bestätigen, diese seien nämlich „gegenseitige Vorurteile: Westdeutsche Arroganz, Geschäftstüchtigkeit und Dominanz stehen ostdeutscher Unzufriedenheit, aber auch Unselbständigkeit gegenüber“ (Keller 2006: 29).

Die bekannten Jargons „Jammerosis und Besserwessis“ decken weitere Eigenschaften von diesen gegenseitigen Wahrnehmungen auf, wie Neller in Anknüpfung an Kollmorgen (2005) erwähnt: „Die Ostdeutschen sehen die Westdeutschen überwiegend durch Eigenschaften, die ‚Wettbewerbsvorteile‘ bzw. ‚Herrschaftsattitüden‘ symbolisieren, charakterisiert, während die Westdeutschen die Ostdeutschen vor allem mit Attributen versehen, die für ‚Abhängigkeits- und Verlierersyndrome‘ stehen“ (Neller 2006:30).

Die oben erwähnten ‚Wettbewerbsvorteile‘- und ‚Verlierersyndrome‘-Stereotypisierungen legen die Schwerpunkte dar, auf die sich Abgrenzungen und Herausforderungen für Ost- und Westdeutschen stützen. Denn für die Ostdeutschen entstand eine riesige Aufforderung an Weiterentwicklung und Assimilation an diese neue Realität. Für die Westdeutschen im Gegensatz dazu könnte eine kompetente Präsenz von Ostdeutschen eine Art Bedrohung repräsentieren (vgl. Neller 2006: 30).

Anschließend stellt Neller anhand ihrer Daten die folgende Situation dar, dass zum einen die Bindung von West- und Ostdeutschen an einem Gesamtdeutschland sich in einem sehr ähnlichen Rhythmus entfaltet, obwohl ein Teil der Ostdeutschen sich immer noch nach der DDR oder nach der Mauer sehnt, was vollkommen nachvollziehbar ist. Zum anderen schreibt sie bezüglich der Stereotypisierungen und der gegenseitigen Wahrnehmung:

„Beträchtliche Anteile der Ost- und Westdeutschen sind einander auch heute noch fremd; beide Seiten zeigen stereotypisierte Selbst- und Fremdbildkonstruktionen und ein großes Maß an Vorurteilen. Die viel zitierte „Mauer in den Köpfen“ konnte in Bezug auf die gegenseitige Wahrnehmung offenbar bisher nicht wesentlich abgebaut werden“ (Neller 2006:35).

### 3.1.4.3, Mauer im Kopf' – Schlussfolgerung

Auf der Grundlage von den oben durchgeführten Analysen kann man einsehen, wie umfangreich das Hintergrundwissen ist, das die Karikatur vom potenziellen Rezipienten verlangt. Schon in der ersten Phase der Untersuchung wurde klar, wie der situative Kontext für die Rezeption der Karikatur entscheidend ist, und das betrifft insbesondere das Wissen über die frühere deutsche Geschichte in Zusammenhang mit Berlin. Erst dann kann man nachvollziehen, dass es um die Berliner Mauer geht.

Weiter wurde die Präsenz der Mauer deutlich, so dass aus verschiedenen Gründen die Menschenmenge, Ost- und Westdeutsche, immer noch wenigstens teilweise getrennt lebt. Im deutschsprachigen Raum wird diese Situation mit dem vom Schriftsteller Peter Schneider formulierten Ausdruck, 'Mauer im Kopf' bezeichnet. Was dieser Ausdruck meint, setzt eine subtile Art von Hintergrundwissen voraus, die sich in den Texten nicht unmittelbar befindet und den Lesern nur anhand von anderen Quellen deutlich wird bzw. gemacht werden kann.

Die Konzepte, die bei der Metatextanalyse hervorgehoben wurden, weisen auf eine immaterielle Ebene der Mauer hin, so dass der Mauerfall als Metapher für die gesamten Ereignisse des 9. November 1989 steht. Die Mauer gilt als mentale Instanz, sie repräsentiert das Ende eines Systems und einer Ideologie und der Mauerfall repräsentiert gleichzeitig das Ende einer Phase und eines neuen Anfangs für Deutschland als wiedervereinigtes Land. Und genau diese immaterielle Existenz der Mauer hat Veränderungen und neue Orientierungen von Ost- und Westdeutschen verlangt, die immer noch im Gang sind und die Mauer im Kopf größtenteils verursachen.

Dieser Transformationsprozess in Deutschland brachte eine Menge an Herausforderungen für die Politik und für die Gesellschaft mit sich. Neben die Freude und Euphorie über alle herkömmlichen Veränderungen stellten sich auch gegenseitige Erwartungen und Vorstellungen von einer gemeinsamen Gesellschaft, die sich im Laufe des Kennenlernens beider Gruppen manchmal anders entwickelten als gedacht. Der Hintergrundtext von Neller hat diese Situation erläutert und verdeutlicht, welche Vorurteile und Stereotypisierungen es zwischen Ost- und Westdeutschen gibt.



Weitere Beweise dafür sind die herausgearbeiteten Konzepte über die Einheit bei der Metatextanalyse. Die Einheit steht in mehreren Texten und sogar bei der Rede der Bundeskanzlerin als noch nicht vollendet. Die Gründe dafür stehen in engem Zusammenhang mit den Ursachen der Mauer im Kopf, und zwar der materiellen und mentalen Abgrenzung von Ost gegen West und umgekehrt.

Wenn aber weiter davon die Rede ist, dass die Einheit mit Kosten zusammenhängt, also von der einseitigen Finanzierung aus dem Westen abhängig ist, entdeckt man eine entscheidende Ursache für die Vorurteile und ein Hindernis für die Annäherungen. Die Kosten der Einheit und die Häufigkeit von diesem Thema in den Metatexten legt das Ziel offen, so schnell wie möglich gleichwertige Lebensverhältnisse von Ost und West zu schaffen. Wirtschaftlich dominiert als Vorbild zweifelsohne der West. Gute Beispiele dafür sind leicht in den Metatexten zu finden. *Die Welt* schreibt am 09.11.2009 auf dem Titelblatt, neben Nachrichten über die Feierlichkeiten um den Mauerfall, über die Rolle vieler DDR-Bürger und ihren Mut im Zusammenhang mit diesem Transformationsprozess: „Nach einer Studie des Instituts für Wirtschaftsforschung Halle (IWH) sind in den vergangenen 20 Jahren unter dem Strich rund 1,3 Billionen Euro vom Westen in den Osten geflossen.“<sup>12</sup> Ein anderes Beispiel ist ein Online-Text vom *Spiegel* über die Talkshow von Anne Will, der auch am 9.11.09 ins Netz gestellt wurde. Der Verfasser des Artikels setzt sich mit der typischen deutschen Ansicht über die Einheit auseinander, denn solange viele die Freude und das Wunder von Berlin feiern, diskutieren viele in Deutschland nur die ‚Ost- und West-Ungerechtigkeit und die Kosten der Einheit‘. Sein deutliches Beispiel dafür ist dieser Satz: „„Deutschland einig Vaterland?“ – so fragte am Vorabend des großen Jubiläums Anne Will ihre Gäste, und es dauerte diesmal immerhin drei Minuten, bis man wieder beim Geld war.“<sup>13</sup>

Das stellt die folgende Situation dar: Der Aufschwung im Osten wird immer nach dem Maßstab des Westens beurteilt, und das führt teilweise zur Verstärkung der unsichtbaren Linien zwischen Ost- und Westdeutschen, wie zum Beispiel, wenn die Ostdeutschen als

---

12 *Die Welt*: „9. November: Ein Tag, der Geschichte schrieb“, 09.11.09, S.01.

13 *Spiegel online – Kultur*: „Mauerfall-Talk bei Anne Will – Deutsch, aber glücklich“, von Reinhard Mohr, 09.11.09.

unselbstständig und die Westdeutschen als geschäftstüchtig beschrieben werden. Dazu erklärt aber Neller: „Die Bindungen der Ostdeutschen am Gesamtdeutschen entwickelten sich zwar insgesamt parallel zur denen der Westdeutschen, erreichen jedoch nie dasselbe Niveau“ (2006: 34). Tatsache ist es, dass die strukturellen Unterschiede so groß waren, dass man im Osten nicht alle materiellen Transformationen von einem Tag auf den anderen hervorbringen konnte.

Abschließend ist zu erkennen, dass die Mauer ihren Fall überlebt hat. Die materielle Grenze ist weg, jedoch sind andere Spuren immer noch zu merken. Desillusionierung und überzogene Erwartungen zeigen, wie komplex die Schaffung von einem Gemeinschaftsgefühl in Deutschland ist. Und so lange Fremdheitsgefühle und Vorurteile bei diesem Transformationsprozess zu identifizieren sind, lassen diese sich als ‚Mauer im Kopf‘ gut bezeichnen und erklären.

## **3.2 ‚Die Mauer als Mythos‘**

### **3.2.1 Die Makroanalyse – Kontextualisierung und Vorstellung des Textsortenmusters**

Der zweite Schlüsseltext wurde von Reinhard Mohr verfasst und handelt von einer Publikation aus ‚*Spiegel-Online Kultur*‘, die am 9. November 2009 erschien. Der Text steht unter dem Titel: „Mauerfall-Talk bei Anne Will – Deutsch, aber glücklich“ und thematisiert das Geschehen am 09.11.89 und wie dieses 20 Jahre später in den Medien, hauptsächlich in der Talkshow von Anne Will (08.11.09) angesprochen wurde. Schwerpunkt des Textes ist die oberflächliche Art und Weise, wie ‚das Wunder von Berlin‘ betrachtet wurde.

Wie es charakteristisch für diese Online-Publikationen ist, wurde ein Forum veröffentlicht, in dem die Leser über den Artikel diskutieren konnten. Die Diskussion hat 118 Beiträge und alle Kommentare sind immer noch verfügbar, doch die Diskussion wurde abgeschlossen.

Seit 2006 arbeitet Reinhard Mohr als freier Mitarbeiter für *Spiegel-Online*, vorher hatte er als Kulturredakteur beim *Spiegel* gearbeitet, sowie für die *Frankfurter Allgemeine Zeitung* und für die Zeitschrift *PflasterStrand* geschrieben.

### 3.2.2 Makro- und Mikroanalyse – Die ersten Schritte zur Identifikation des Deutungsmusters

Die Analyse wird sich einem bestimmten Abschnitt des Textes widmen, allerdings soll hier erstmals der Text in Bezug auf einige zentralen Behauptungen des Autors kurz zusammengefasst werden.

Mohr beschäftigt sich vorwiegend mit der Sendung von Anne Will, die am 08.11.09 beiARD ausgestrahlt wurde. Das Thema in dieser Sonntagnacht lautete „20 Jahre Mauerfall – Deutschland einig Vaterland?“. Diese Sendung und die Moderatorin sind bundesweit bekannt. In dieser Nacht waren zu Gast dabei: Joachim Gauck (ehemaliger Bundesbeauftragter für die Stasi-Unterlagen), Klaus von Dohnanyi (ehemaliger Erster Bürgermeister von Hamburg – SPD), Alice Schwarzer (Publizistin), Leander Haußmann (Regisseur) und Gesine Löttsch (stellvertretende Fraktionsvorsitzende im Bundestag – Die Linke)<sup>14</sup>.

Im Text von Mohr kann man feststellen, wie diese Sendung gewisse Erwartungen in Bezug auf den Inhalt und Seriosität wecken, die nach seiner Einschätzung im diesem Fall nicht erfüllt wurden. Auf diese Weise schreibt er: „Auch Anne Wills Mauerfall-Sendung geriet in Gefahr, im handelsüblichen Klein-Klein zu versanden“ (Z. 2). Mit diesem ‚auch‘ vergleicht er diese prinzipiell gut angesehene Sendung mit anderen und setzt sie alle unter das gleiche Niveau, nämlich das des ‚handelsüblichen Klein-Klein‘. Die Diskussion erscheint dabei nicht ernstgenug, sondern inhaltsarm, was Mohr in Anne WillsTalkshows nicht erwartete.

Weiterhin problematisiert Mohr, wie die Deutschen sich gerne mit sich selbst und mit ihrer Geschichte beschäftigen. Dafür sei die Sendung von Anne Will ebenso ein gutes Beispiel gewesen. So schreibt er: „Und auch wenn wir schon 20 Jahre lang diskutiert haben, kommt immer noch jemand und sagt, wir müssten uns jetzt aber noch mal unsere ganz persönlichen Geschichten erzählen...“ (Z. 31). Darüber hinaus erklärte er, wie unterschiedlich die Gäste die Thematik auffassten: „Es war allein den drei männlichen

---

<sup>14</sup> Diese Informationen über die Sendung wurden am 30.03.2012 recherchiert unter: [http://www.will-media.de/26.0.html?&tx\\_ttnews\[pS\]=1257030000&tx\\_ttnews\[pL\]=2592000&tx\\_ttnews\[cat\]=1&tx\\_ttnews\[t\\_news\]=183&tx\\_ttnews\[backPid\]=27&cHash=67df204999](http://www.will-media.de/26.0.html?&tx_ttnews[pS]=1257030000&tx_ttnews[pL]=2592000&tx_ttnews[cat]=1&tx_ttnews[t_news]=183&tx_ttnews[backPid]=27&cHash=67df204999).

Gästen zu verdanken, dass das Gespräch über ein magisches Jahrhundertereignis nicht im handelsüblichen Kleinklein versandete ...“ (Z. 39).

Am Ende zitiert Mohr den Dokumentarfilm „Tschüss DDR“, der während der Sendung erwähnt wurde und in dem die „Flucht von 6000 DDR-Bürgern über die polnische Grenze“ erzählt wird. In Anknüpfung daran, sagte der Gast Leander Haußmann: „Du musst doch am Ende sagen können, dass es nicht umsonst war“ (Z.79) und in dieser Anlehnung endet Mohr den Text mit den Sätzen: "Wie schön, dass wir wenigstens von einem Tag ganz sicher sagen können, dass er nicht umsonst war. Es war der 9. November 1989“ (Z.81).

Zur Analyse wurde nun eine Textstelle ausgewählt, die im Anschluss an ein Kommentar von Mohr über das Verhalten von Anne Wills Gäste am 8. November 2009 vorkommt. Mohr hatte kurz davor behauptet, nicht sicher zusein, ob die Gäste ehrlich waren, oder aber nur gespielt haben angesichts der Ossi- und Wessi-Provokationen. Zum Thema könne er selbst nichts sagen, doch die Wirklichkeit. Er schreibt:

„Wie gut, dass es die Wirklichkeit gibt. Jene Wirklichkeit, in der Zehntausende Touristen aus aller Welt, für die das Wunder vom 9. November 1989 in Berlin immer noch eine Weltsensation ist, rund ums Brandenburger Tor flanieren und den mythischen Ort suchen, wo sich vor genau 20 Jahren die Freiheit Bahn brach“ (Z. 17).

Für Reinhard Mohr geht es letzten Endes um die Menge von Touristen, die Berlin reizt, wegen des ‚Wunders vom 9. November 1989‘, das Berlin zur einer ‚Weltsensation‘ mache. ‚Wunder‘ und ‚Weltsensation‘, was kann man davon ableiten? Was können diese Substantive angesichts der politischen Ereignisse vom 9. November 1989 in Deutschland hervorrufen? Welche Eigenschaften verleihen sie den entsprechenden sozialen und politischen Veränderungen?

Im Folgenden erklärt Mohr, was eine Weltsensation in Berlin sein könnte. Er erwähnt zum Beispiel das Brandenburger Tor, das öfters in der deutschen Geschichte eine wichtige Bedeutung hatte.

Ebenfalls bezieht er sich auf einen ‚mythischen Ort, wo sich genau vor 20 Jahren die Freiheit Bahn brach‘ (Z. 20). Diesem Satzteil widmet sich die größte Aufmerksamkeit der

Analyse, denn das Ziel ist es, genau zu rekonstruieren, was unter ‚mythischem Ort‘ verstanden wurde. Als Erstes wollen wir die entsprechenden Informationen noch einmal genauer betrachten. Dazu soll auch darauf hingewiesen werden, dass der Artikel mit einem Foto versehen ist, worauf man im Hintergrund das Brandenburger Tor sehen kann. Es ist Nacht und eine Menge steht oder sitzt auf der Mauer. Der Untertitel zum Foto heißt: „Berlin, Brandenburger Tor, 9. November 1989: Mythischer Ort“. Die wiederholte Erwähnung des Begriffs bekräftigt die Idee von Mythos.

Die Berliner Mauer und ihr Fall werden zu einem zeitgenössischen Mythos in Hinsicht auf die Ereignisse, die unmittelbar vor und nach dem 9. November 1989 eintraten. Die Schlagwörter „Mythos“ bzw. „mythisch“, „Weltsensation“ und „Wunder“ dienendem nächsten Untersuchungsschritt als seinen Ausgangspunkt.

### 3.2.3 Metatextanalyse des Deutungsmusters ‚Mauer als Mythos‘

#### Mythos

Konzept:	Syntagmen:
<i>Die Mauer/der Mauerfall als eine idealisierte oder phantasierte Erinnerung</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• [...] sonst droht die Erinnerung an die Wende zu einer hohlen Inszenierung, einem Phantasma, einem lebensfernen Mythos zu werden. (<i>Spiegel</i> 6 – 09.11.09)</li> <li>• Damit die Erinnerung nicht zu einem Phantasma, einem lebensfernen Mythos wird (<i>Zeit</i> 4 – 05.11.09)</li> </ul>

#### Wunder

Konzept:	Syntagmen:
<i>Der Fall der Mauer als ein überraschendes und unerwartetes Geschehen</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vor 20 Jahren habe man ein Wunder erlebt. (<i>Spiegel</i> 3 – 09.11.09)</li> <li>• Bundespräsident Horst Köhler würdigte den 9. November 1989 als ein Wunder. (<i>Zeit</i> 14 – 09.11.09)</li> <li>• [...] ist auf vielen Bildern zu sehen, die das</li> </ul>

	<p>Wunder am Brandenburger Tor zeigen. (Welt21 – 07.11.09 )</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Als Pole nach Berlin zu reisen, in ein Berlin ohne Mauer, über Grenzen, die keine mehr sind, empfinde ich nach wie vor als ein Wunder. (Welt23 – 08.11.09)</li> </ul>
<i>Der Fall der Mauer als ein pazifistisches Ereignis</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Das Wunder des heutigen, wiedervereinigten Berlins ist eine Herausforderung – und sogar eine Provokation allen Mauern gegenüber (Welt 38 – 10.11.09)</li> <li>• Das Wunder des Mauerfalls sollte unser Volk zu neuer Dankbarkeit gegenüber dem Herrn im Himmel führen. (Welt41 – 11.11.09 )</li> <li>• Dass es ohne großes Blutvergießen dahinsank, kommt einem Wunder gleich. (Welt 10 – 07.11.09)</li> </ul>

#### Weltsensation

Konzept:	Syntagmen:
<i>Mauerfall als ein wichtiger Fakt weltweit</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fast zwei Stunden bleibt sie im Reichstag abgeschnitten von der Weltsensation (Welt 25 – 09.11.09)</li> </ul>

### 3.2.4 Hintergrundtextanalyse

#### 3.2.4.1 „Mythos Mauer: Wo verlief sie eigentlich?“ Deutsche Welle-TV

Der hier genannte Text ist ein Bericht der freien Journalistin Aygül Cizmecioglu, der am 17.08.2009 bei Deutsche Welle in der Sendung Kultur.21 ausgestrahlt wurde und seit 13.10.2009 bei YouTube abgerufen werden kann. Der Bericht gehört mit anderen Sendungen zur DW-Reihe ‚20 Jahre Mauerfall‘.

Schwerpunkt der Sendung ist die Suche nach den Spuren der Mauer im Berlin. Aygül Cizmecioglu stellt schon am Anfang der Sendung die Mauer als ‚Symbol der deutschen Geschichte‘ und als ‚ein Mythos aus Beton‘ dar. Darüber hinaus erzählt sie von

ihrepersönlichen Bezug zur Mauer, der als Vorgabe für die Sendung gilt: „Ich, junge Westdeutsche, bin auf der Suche nach ihren Spuren, bis jetzt war sie für mich nur ein Kapitel im Geschichtsbuch“. (Transkription von R. C., auch im Folgenden.) Weiterhin legt sie den Schwerpunkt der Sendung: „Jetzt will ich schauen, was steckt hinter den Mythos Berliner Mauer“.

In dieser kurzen Einführung der Sendung gibt es zwei Charakterisierungen über die Berliner Mauer, sie ist ein Teil der deutschen Geschichte und ein Mythos, ein Mythos aus Beton. Obwohl die Mauer anscheinend sehr wichtig ist, konnten die meisten Berliner, die für die Sendung interviewt wurden, nicht mehr sagen, wo die Mauer stand. Also gibt Cizmecioglu einen guten Tipp für alle, die die verteilten Mauerreste finden möchten: „Wer sie finden will, muss eigentlich immer nur den Touristen folgen“. Die Mauer steht auch für eine ‚Hauptstadtattraktion‘.

Die Sendung stellt interessante Kontraste der Mauer dar. Einerseits ist sie allgemein bekannt, aber man kann sie nicht überall finden, sie muss gesucht werden. Andererseits, wenn die echte Mauer nicht überall sichtbar ist, gibt die Journalistin angesichts des vielen ‚historischen Schnickschnacks‘ über Mauermotive folgende Perspektive: „Die Mauer ist zumindest kommerziell überall“.

Bei einem Besuch in der Gedenkstätte Bernauer Straße zeigt Cizmecioglu in ihrem Film die eigentliche Facette der Mauer, nämlich die Mauer als Grenzgebiet und die entsprechenden Todesstreifen. Außerdem werden wieder zwei unterschiedliche Perspektiven der Mauer näher gebracht, denn zum einen galt die Mauer nach den Maßstäben der DDR „als Schutz vor westlichen Einflüssen“ und deswegen wurde sie aufgebaut. Zum anderen sagt die Journalisten „doch sie wird zum historischen Wunder“, denn nach 28 Jahren schmerzlicher Trennung fiel die Mauer ganz unerwartet und friedlich und bracht dazu die Möglichkeit für einen neuen Anfang.

Der 9. November 1989 wird als die Nacht beschrieben, in der ‚das unmögliche wahr geworden ist‘. Schließlich bringt die Sendung noch eine Facette der Mauer ans Licht: Sie wurde von vielen Künstlern, wie dem Iraner Kani Ala, zum ‚Kunstobjekt‘ gemacht, und seitdem ist die bemalte Strecke der Mauer als ‚East Side Galerie‘ bekannt.

So wird in der Sendung klar, wie die Mauer sich nicht auf eine Ost-Seite und eine West-Seiten reduzieren lässt, denn ihre Wahrnehmung und der Umgang mit ihr haben sich seit dem 9. November 1989 sehr dynamisch weiterentwickelt.

#### 3.2.4.2 „Metapher Mahnmal Mythos“ – Professor Dr. Klaus-Dietmar Henke

Dieser weitere Schlüsseltext ist ein Artikel von Professor Dr. Klaus-Dietmar Henke, der am 12. 08. 2011 in der *Frankfurter Allgemeine Zeitung* erschien. Der Artikel hat zum Thema die Berliner Mauer, und ihre Beschreibung gleich am Anfang des Aufsatzes bringt folgende interessante Überlegung: „Die Berliner Mauer war nichts Starres, sondern durchlief mehrere Erscheinungsformen“. Dies betrifft nach dem Text sowohl ihre Rolle bezüglich der DDR, als auch ihre Präsenz im aktuell wiedervereinigten Deutschland.

Der Text von Professor Henke beschreibt die Entwicklung der Mauer im Laufe der Zeit angesichts ihrer physikalischen Struktur und auch in Bezug auf ihre Rolle und Folgen in der deutschen Geschichte. Auf diese Weise zeigt der Autor durch eindeutige Bemerkungen, wie die Mauer bzw. ihre Wahrnehmung sich verändert hat. Er schreibt:

„In den Wochen und Monaten nach dem 9. November 1989 beinahe rückstandslos abgerissen, in bunte Souvenirs zerklopft oder zu Straßengranulat zermahlen, ist die Mauer heute zu einer universellen Metapher und zu einer politischen Ikone der Menschheit avanciert; auch zu einem Mythos der Deutschen. Auf diesem Weg durchlief die Mauer schwankende Erinnerungskonjunkturen, doch nun hat sich der Kurvenverlauf stabilisiert. Das Bild der Mauer in der Geschichte gewinnt Kontur. Das ist keine Selbstverständlichkeit, denn die Deutung der Mauer ist eng mit der Selbstverständigung der Deutschen über das vereinte Deutschland verknüpft“. (S. 1)

Dies bedeutet, dass der Mythos Berliner Mauer oder die entsprechenden Metaphern noch nicht zu Ende geschrieben sind, sie können noch verändert oder ergänzt werden. Die Mauer hat eine dunkle Seite, die mit Tod, Kaltem Krieg und Stacheldraht verbunden ist. Andererseits hat die Mauer auch eine helle Seite, die Seite der Befreiung und des neuen Anfangs. Erst nach der historischen Wende konnte die Mauer neu betrachtet und bewertet werden, wie Henke behauptet: „sie musste fallen für diesen Aufstieg“.

Merkwürdiger als der Aufstieg der Mauer ist die Art und Weise, wie alles passiert ist. Dazu Henke:



„Die Berliner Mauer wurde gebaut, um diktatorischen Sozialismus in Europa auf Dauer zu sichern. Die Erinnerung an die Mauer sichert nun, dass das Scheitern dieses Gesellschaftsmodells für immer im Gedächtnis der Welt verankert bleibt. Bis zum 9. November 1989, als sich die Mauer von einem Augenblick zum andern in ein Denkmal verwandelte, war diese Perspektive gänzlich unwahrscheinlich“.  
(S.2)

Der Mauerbau fing am 13. August 1961 an, als Erstes wurden ‚Stacheldrahtsperrern‘ organisiert und die Mauer sah nicht wie eine Mauer aus. Sie war eher ein „langgestrecktes, mit Tausenden Soldaten besetztes militärisches Sperrgebiet“. Dieses Sperrgebiet entwickelte sich mit Hilfe der technologischen verfügbaren Mittel immer weiter. Sie ist aber in ihrer letzten Form „in das Gedächtnis der Welt eingegraben“, also „als weißes Betonband“.

Darüber hinaus stellt Henker die Perspektive des Alltagslebens mit der Mauer dar: “Man hatte sich an die Mauer gewöhnt, sich aber nicht mit ihr abgefunden“. (S. 5) Denn die Grenze, die Angst und die Maueropfer konnten nicht ignoriert werden, so dass “der Fall der Mauer [alles] veränderte, die Erinnerung an die Mauerzeit nicht ausgenommen”. (ebd.)

Weiterhin bringt der Autor weitere Anregungen, die seine Argumentation über ‘mehrere Erscheinungsformen’ der Mauer bestätigen, wie zum Beispiel das Spannungsverhältnis zwischen der immateriellen und der materiellen Mauer. So erläutert Henker diese Situation: „Während die immaterielle Mauer ihrer Imagination und symbolischen Überhöhung Flügel verlieh, entledigen sich die Berliner der wirklichen Mauer.“ In diesem Sinn erklärte er auch, wie über die „Gedenk- und Erinnerungskonzept für die Berliner Mauer“ diskutiert wurde und wie diese Anforderung sich später an der Gedenkstätte Bernauer Straße verwirklichte.

Anschließend meint Henke, wie schwer es immer noch ist, nachzuvollziehen, dass eine Stadt, eine Metropole wie Berlin ‚auseinandergemauert‘ war und genau deswegen kommt diese ‚spektakuläre‘ Geschichte so oft in Filmen und Bildern vor. Die Geschichte und die Präsenz der Berliner Mauer sind weder zu Ende gekommen noch überholt, wie Henke dazu behauptet: „Die Berliner Mauer ist fast ganz verschwunden, doch sie ist gegenwärtiger denn je“.

### 3.2.4.3 Die Mauer als Mythos – Schlussfolgerung

Bei der Untersuchung über den Mythos Berliner Mauer wurde erkennbar, dass die Geschichte der Mauer sehr dynamisch ist und deswegen von einem potenziellen Rezipienten einen anspruchsvollen Wissensfundus verlangt. Das Wort Mythos setzt schon selber viele Deutungsmöglichkeiten voraus und nimmt viel implizites Wissen in Anspruch.

Ausgangsposition, um die Mauer als Mythos zu verstehen, ist eine Art von Offenheit, da ihre Mehrdeutigkeit nicht mit einem starren Blick wahrgenommen werden kann. Beide Hintergrundtexte haben sich mit der Verwandlung der Mauer im Laufe der Zeit beschäftigt, dadurch wurde erkennbar, wie die Mauer immer gegenseitige Facetten darstellt. Ein Blick in die Geschichte verdeutlicht, dass sie ein Symbol für Trennung, Schmerz Tod und Trauer ist. Dennoch steht die Mauer auch für die freundlichsten Momente der aktuellen deutschen Geschichte, als der Mauerfall einen ersten Schritt zur Wiedervereinigung ermöglichte. Die Mauer ist ein Mythos, der gleichzeitig schockieren und faszinieren kann.

Eine weitere Zwiespältigkeit der Berliner Mauer wurde sowohl bei der Sendung von Deutsche Welle, als auch im Text von Henke festgestellt, und zwar die materielle-immaterielle Präsenz der Mauer. Die Sendung hat sogar metaphorisch mit dieser Idee operiert, indem sie mit ‚ein Mythos aus Beton‘ betitelt wurde: Die Bezeichnung stellt sich aus zwei sich widersprechenden Begriffen zusammen. So wird ausgedrückt, dass die Mauer eine so unfassbare Geschichte hat, dass sie einerseits in eine andere Ebene versetzt werden kann, nämlich dahin, wo das Udenkbare wahr werden kann, wie in der Mythologie. Andererseits repräsentiert diese Metapher auch die ehemalige materielle Mauer, die heutzutage fast ganz verschwunden ist, aber gleichzeitig lebendig in Erinnerung bleibt. Sie weckt deswegen überall Neugier und dient dem Tourismusmarkt.

Der Text von Henke weist auf die ‚mehreren Erscheinungsformen‘ der Mauer aus einer ergänzenden Perspektive hin. Für ihn hat die Mauer auch eine dunkle und eine helle Seite, sie bedeutet Trennung und Befreiung. Darüber hinaus entwickelt sich die Geschichte und die Wahrnehmung der immateriellen Mauer immer noch anhand der Wirklichkeit und der Imagination. Auf diese Weise werden die ‚Selbstverständigung der Deutschen‘ und ihre Geschichte von der immateriellen Mauer weiterhin geprägt und beeinflusst.

Daraus lässt sich schlussfolgern, dass die Idee von einer Mauer als Mythos sehr eng mit der Idee von Verwandlung vorkommt. Und das fordert Rezeptionsbedingungen, wo der Leser in der Lage sein soll, die Verwandlung der Mauer im Laufe der Zeit nachzuvollziehen.

Weiterhin zeigt die hier vorliegende Untersuchung, dass der Mythos um die Berliner Mauer sich auch in Anlehnung an die Idee von Wunder verdeutlicht, wie die Analyse der Metatexte dargestellt hat. In diesem Sinn haben mehrere Textausschnitte den Mauerfall als ein überraschendes und unerwartetes Geschehen beschrieben oder als ein friedliches Ereignis. Die Journalistin Aygül Cizmecioglu hat in dem Bericht bei Deutsche Welle erwähnt, dass die Mauer zu ‚einem historischen Wunder‘ geworden ist und dass der Mauerfall für viele kaum zu glauben war. Wie ein Mythos entsteht dieses Wunder aus Ereignissen mit symbolischer Bedeutung, die nicht immer gründlich erklärt werden müssen oder können. Das Wunder um den Mauerfall zeigt, wie schwer es nachzuvollziehen ist, dass eine Stadt wie Berlin auseinandergemauert wurde und der Fall der Mauer Jahrzehnte später nichtsdestotrotz unerwartet und friedlich geschehen konnte.

Die Verwandlungseigenschaft der Mauer und der überraschende Mauerfall am 9. November 1989 unterstützen angesichts der Repräsentation dieser Ereignisse in der deutschen Geschichte den ‚Mythos Mauer‘ in wesentlicher Form. Dieser ‚Mythos‘ weist darauf hin, was die deutsche Gesellschaft in den letzten Zeiten geschaffen hat. Aus der Tragödie des zweiten Weltkrieges haben sie gleichzeitig zwei Konjunkturverläufe gewährleistet. Danach haben die Leute hinter der einen Seite der Mauer sie friedlich gefallen, und heute versuchen alle mit diesem Mythos gut umzugehen. Die unsichtbare, zeitlose und immaterielle Existenz der Mauer legt dennoch die Tatsache nahe, dass die Mauer weg ist, aber immer noch wirkt. Sie ist irgendwie immer da, wie ein Mythos.

## TEIL 4 AUSBLICK: PRAKTISCHE ANWENDUNG DER VORLIEGENDEN ARBEIT

---

In diesem Kapitel geht es um das Forschungsdesiderat im Bereich der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde, hauptsächlich mit Blick auf eine didaktische Umsetzung ihrer Prämissen und Ergebnisse. Außerdem wird kurzreflektiert, ob die Leitziele der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde die Bedürfnisse eines kulturbezogenen Lernens in Brasilien erfüllen können, oder vielleicht doch weiter bearbeitet und der Realität vor Ort angepasst werden müssen. Abgeschlossen wird das vorliegende Kapitel mit einer Darstellung von Beiträgen, die für kulturwissenschaftliche Themen im Fremdsprachenunterricht ein Forschungsinteresse bekunden.

### **4.1 Praktische Implikationen, brasilianischer Kontext und Weiterentwicklungen**

Voraussetzungen für die Weiterentwicklung der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde sind die Theoriebildung, die Kulturwissenschaftliche Diskursanalyse und die Empirische Forschung (vgl. Altmayer 2006a, 2006b). Wie im ersten Kapitel dargestellt wurde, hat die Theoriebildung ihre Vorgabe größtenteils schon bearbeitet. Die Kulturwissenschaftliche Diskursanalyse verfügt immer noch nicht über ein bestimmtes Instrumentarium und lässt sich anhand von anderen Disziplinen weiterentwickeln, wie der Wissenssoziologischen Diskursanalyse, die beispielsweise im zweiten Kapitel der vorliegenden Arbeit die Rekonstruktion von Deutungsmustern unterstützt hat. Außerdem soll beachtet werden, dass all diese vorausgesetzten Fachgebiete oder methodischen Vorgehensweisen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde Erkenntnisinteresse an der Praxis haben sollen (vgl. Altmayer 2004, 2006a, 2006b, 2007b). So fördert das hier bevorzugte Forschungsinteresse von Anfang an die konsequente Einbeziehung von Lehr- und Lernprozessen und ihrer praxisbezogenen Dimension.

Die Kulturwissenschaftliche Landeskunde hat sich immer noch allzu wenig entfaltet, so dass es keine präzise Orientierung gibt angesichts einer didaktischen Umsetzung der Forschungsergebnisse, sie steht auch deswegen immer noch, wie selbst Claus Altmayer (2006a, 2007b) behauptet, auf ‚recht wackligen Beinen‘.

Einige Richtlinien für weitere Forschungen im Bereich der Lehr- und Lernprozesse hat Altmayer in mehreren seiner Texte formuliert. Als Erstes nennt er die Lernprozesse bei dieser neuen Perspektive der Landeskunde als ‚kulturelles Lernen‘ (Altmayer 2006a: 55) oder ‚kulturelle Lernprozesse‘ (Altmayer 2009: 130).

Die Ziele für das ‚kulturelle Lernen‘ sind eine „Partizipation an den in der fremden Sprache geführten Diskursen“ und eine kritische Auseinandersetzung mit den damit verbundenen Texten und Diskursen, so dass der Lerner ‚Stellung nehmen kann‘ bezüglich des vorhandenen Diskurses (vgl. Altmayer 2006a, 2006b, 2009). So wird in Anspruch genommen, dass für Anfänger angesichts ihrer umfangreichen Hintergründe eine intensive Beschäftigung mit Texten aller Art nicht geeignet ist. Man kann nämlich davon ausgehen, dass eine solche Beziehung zwischen Leser und Text erst existieren kann, wenn der Leser, in dem Fall der Sprachlerner, über Grundkenntnisse der gelesenen Fremdsprache verfügt. Demzufolge widmet sich die Arbeit mit Texten aus der Perspektive der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde eher fortgeschrittenen Lernern der Fremdsprache.

Dabei spielt der Sprachlehrer eine zentrale Rolle, denn er soll sowohl das sprachliche Niveau der Lernergruppe als auch die Gestaltung von Unterricht und Materialien berücksichtigen. Dazu ist der Sprachlehrer auch für die Unterstützung und Orientierung der Sprachlerner während des Verstehensprozesses eines landeskundlichen Textes verantwortlich, insbesondere in Bezug auf die Vermittlung von ihren Prämissen und impliziten Deutungsmustern.

Daraus folgt, dass die Forschung über kulturelle Deutungsmuster im Bereich des Fremdsprachenunterrichts eine Anwendung der zu gewinnenden Erkenntnisse und der diesbezüglich resultierenden Materialien zum Ziel haben soll.

### *Der brasilianische Kontext*

Gute wirtschaftliche Beziehungen zwischen Brasilien und Deutschland und die beachtliche deutschstämmige Bevölkerung, insbesondere im Süden des Landes, gewährleisten eine bedeutende Präsenz des Deutschen als Fremdsprache in Brasilien, so dass es heutzutage über 80.000 Lerner und Studenten des Deutschen im Land gibt (vgl. Soethe 2009, 2010).

Ein weiterer Aspekt ist die vorwiegende Verwendung von ‚aus Deutschland importierten Lehrwerken‘, die den Ansprüchen bzw. Notwendigkeiten der brasilianischen Lerner nicht unbedingt entsprechen. Denn zum einen richten sich diese Bücher auf „multinationale Gruppen, die Deutsch als Zweitsprache lernen (...), zu denen sie nicht gehören“ (Bohunovsky/Bolognini 2005: 3), zum anderen stimmen die Kosten dieser importierten Lehrwerke nicht mit der „finanziellen Situation vieler LernerInnen“ (ebd.) überein.

Brasilianer lernen Deutsch insbesondere aus drei Gründen: weil sie bei einer deutschen Firma arbeiten möchten, weil sie deutscher, österreichischer oder schweizerischer Herkunft sind, oder aus persönlichem Interesse (vgl. Bohunovsky 2011: 84).

Von hier aus stellt sich angesichts der ‚Partizipation an den deutschsprachigen Diskursen‘ die Frage, ob diese Perspektive der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde in der Tat die Bedürfnisse und Erwartungen von Lernern des Deutschen außerhalb Deutschlands mit bedenkt. Es sollte daher berücksichtigt werden, dass nicht jeder, der Deutsch lernt, nach Deutschland will oder kann. Viele möchten einfach in der Begegnung mit Deutschen über ihre eigene Realität auf Deutsch sprechen, und auf Deutsch ihre Gedanken über ihr Land und brasilianische Themen äußern können.

Somit zeigt sich als Herausforderung für das Fachgebiet in Brasilien (und anderswo), dass Wissenschaftler, Lehrer und Lerner sich an solchen Diskursen in deutscher Sprache beteiligen können. Und wie lernt man das? Es muss betont werden, dass hier kein Vergleich zwischen Deutschland und Brasilien angedacht wird und die ‚Partizipation an den deutschsprachigen Diskursen‘ nicht dieser Frage untergeordnet werden soll. Die Idee ist es aber, in die Kulturwissenschaftliche Landeskunde neue Perspektiven einzubringen, die weltweit viele Lerner des Deutschen betreffen können, auch in Brasilien.

## Forschungen

Trotz aller Bemühungen hat die Kulturwissenschaftliche Landeskunde noch nicht viel Empathie für sich geschafft. Gründe dafür wären vielleicht ihre kühnen Prämissen und die dazu noch fehlende didaktische Umsetzung. Demgegenüber schreitet die Forschung voran und entwickelte sich durch einige Studien weiter, wie von Katharina Scharl (2010), die sich mit dem Textrezeptionsprozess angesichts des ‚kulturbezogenen Sinnbildungsprozesses‘ beschäftigt hat. Das Ziel war die Entwicklung eines Instrumentariums für die Erforschung von Schwierigkeiten und Strategien bei individuellen Deutungsprozessen.

Ein anderes Beispiel ist die Dissertation von Isabelle Maringer (2009), die eine Methodik für die Aufdeckung von kulturellen Deutungsmustern entwickelt und bearbeitet hat. Das machte sie in Zusammenhang mit der Rekonstruktion von kulturellen Deutungsmustern über den ‚EU-Beitritt der Türkei‘.

Anja Ucharim (2009) hat Lehrwerke für Integrationskurse untersucht, um die dort vorgestellte Wirklichkeit im Zusammenhang mit sprachlichen und visuellen Mitteln zu rekonstruieren. Während der Analyse wurden auch die Integrationskonzepte und der pädagogisch-landeskundedidaktische Ansatz berücksichtigt.

Eine weitere Initiative zeigt sich durch das Forschungsprojekt von Jan P. Pietzuch (2009). Das Projekts hat vor, „an der Entwicklung einer ebenso empirisch wie theoretisch fundierten Kulturdidaktik mitzuwirken, die sich zu wissenschaftlichen und realgesellschaftlichen Entwicklungen wie auch zur jeweiligen Fremd-/Zweitsprachen lernenden Person auf Augenhöhe positioniert“ (Pietzuch 2009: 108).

All diese Arbeiten sind leider noch nicht veröffentlicht worden, zusammenfassende Beiträge sind aber schon verfügbar und bringen einen umfangreichen Überblick über die Herausforderungen und neuen Wege der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde. Auch die hier rekonstruierten kulturellen Deutungsmuster über die Berliner Mauer verstehen sich als Beitrag zu weiteren Arbeiten über den methodischen Rekonstruktionsprozess sowie zur Umsetzung dieses Musters mit Hinsicht auf zukünftige didaktische Planungen.

Daher hat die vorliegende Arbeit Materialien präsentiert und bearbeitet, die von der Perspektive der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde dazu geeignet sein sollen, bei Deutschlehrern Reflexionen zur Kulturvermittlung im Fremdsprachenunterricht anzuregen. Ausgangsposition dafür ist die Problematisierung des Kulturbegriffs. Der methodisch-didaktische Beitrag liegt nun daran, dass Sprachlehrer anhand vom hier vorgelegten Material mit einem kulturwissenschaftlich fundierten Kulturbegriff und zu seiner Besprechung geeigneten Lerngegenständen konfrontiert werden und sich mit diesem Stoff auch theoretisch auseinandersetzen können. Ein weiteres Ziel dieser Arbeit ist es, die Kulturwissenschaftliche Landeskunde in Brasilien bekannter zu machen und die Aufmerksamkeit brasilianischer Lehrer in diese Richtung zu lenken.



## TEIL 5 SCHLUSSBETRACHTUNG

---

Hauptziel dieser Arbeit war die Rekonstruktion von kulturellen Deutungsmustern rund um die Jubiläumsfeier ‚20 Jahre Mauerfalls‘. Als Hauptbasis und Anregungen dafür galten die von Claus Altmayer (2004) entwickelten Prämissen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde. Darüber hinaus wurde auch auf das Instrumentarium der Wissenssoziologischen Diskursanalyse gegriffen, um die Analyse der Materialien durchzuführen, da die Kulturwissenschaftliche Landeskunde immer noch nicht über das nötige Instrumentarium dafür verfügt.

Im ersten Kapitel sollte klar gemacht werden, dass Altmayer (2004) einen spezifischen Begriff von Kultur für den Bereich des Fremdsprachenunterrichts entwickelt und vorgeschlagen hat. Nach seinem Konzept bezieht sich Kultur auf sprachliche diskursive Phänomene, die sich durch kulturelle Deutungsmuster erkennen lassen, die in den Texten implizit vorkommen (§ 1.1). Um diese in den Texten impliziten kulturellen Deutungsmustern zu erkennen und zu verstehen, wird von dem potenziellen Rezipienten des Textes die Aktivierung seines Hintergrundwissens verlangt (§ 1.2).

Aus diesem Grund zeigt sich die Kulturwissenschaftliche Landeskunde wesentlich an die Auseinandersetzung mit Texten aller Art interessiert, so dass die Sensibilität für kontextabhängige Vorwissensaktivierung bearbeitet werden kann, denn erst damit ist es ein kulturelles Textverstehen möglich. Hintergrund dafür ist der Anspruch von Claus Altmayer, dass Kultur nicht mehr als eine Bündelung nationalbezogener Eigenschaften betrachtet werden soll: Sie ist ein sprachliches Phänomen, das innerhalb von Kommunikationsgemeinschaften elaboriert und verändert werden kann.

Zusammenfassend bilden sich diese Kommunikationsgemeinschaften durch die Sprache und nicht durch politische Grenzen (§ 1.1.2). An diesem Punkt sollte man überlegen, ob eine so radikalisierende Trennung von Nation und Sprache bzw. Kommunikationsgemeinschaften geeignet und produktiv ist. Denn es ist immer noch nachvollziehbar, dass selbst im deutschsprachigen Raum sich Kommunikationsgemeinschaften bilden können, die nationalbezogen sind. So ist beispielsweise das Leben in Deutschland und in der

Schweiz nicht gleich, und dieser unterschiedliche Alltag prägt die Personen und ihre Sprache und Kommunikation auf unterschiedlicher Weise. Eine flexible Betrachtung über die Bildung von Kommunikationsgemeinschaften oder über nationalbezogene Faktoren angesichts der Sprache können für die Kulturwissenschaftliche Landeskunde also sehr nützlich sein.

Im methodischen Vorgehen bestand eine große Herausforderung dieser Arbeit, da es keine vorgegebenen Modelle dafür gibt, außer dass es sich um eine Diskursanalyse handeln soll, die wesentlich von der Fragestellung und vom Material abhängt (vgl. Altmayer 2007a). Daher erweist sich hier die Zusammenarbeit mit anderen Disziplinen wie der Wissenssoziologischen Diskursanalyse als empfehlenswert, ja unentbehrlich. Die Wissenssoziologische Diskursanalyse hat sich für die Rekonstruktion von kulturellen Deutungsmustern in Konsonanz mit den Zielen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde als tragfähig gezeigt (§ 1.3). Zur Weiterentwicklung der hier besprochenen Untersuchungsstrategie sollte man anmerken, dass die Auswahl der Materialien auch in einer anderen Richtung hätte gehen können. Die ausgewählten Quellen hätten z.B. noch mit anderen Zeitungen oder Zeitschriftmagazinen ergänzt werden können, die nicht in Deutschland erscheinen. So wäre es möglich gewesen, andere Perspektiven auf den Mauerfall im deutschsprachigen Raum erfasst zu haben.

Weiterhin haben die bearbeiteten Materialien eine eher übereinstimmende Betrachtung über den Mauerfall gebracht, was bei der Vorbereitung der Analyse nicht erwartet wurde. Das kann auch signalisieren, dass sich bestimmte Diskurse über die Mauer schon mehr oder weniger etabliert haben. Abgesehen davon haben die Analyseschritte sowohl die Identifikation als auch die Rekonstruktion von in den Texten am meisten kontrastiven kulturellen Deutungsmustern (§ 2.2.1) über die Berliner Mauer effizient unterstützt (§ 2.3). Das Deutungsmuster ‚Mauer im Kopf‘ (§3.1) lässt sich also als Symbol für die immer noch existierende immaterielle Mauer deuten. Sie ist eine Mauer, die die Herausforderung von einem Zusammenleben zwischen zwei Wertesystemen repräsentiert. Deswegen wird gesagt, dass die deutsche Einheit immer noch im Gange ist, denn so lange sich das Land noch mit ‚neuen‘ und ‚alten‘ Bundesländern als West und Ost bezüglich der früheren Teilung beschreiben lässt, zeigt sich, dass die Vollendung der Einheit noch nicht stattgefunden hat.

Das Deutungsmuster ‚Mauer als Mythos‘ (§ 3.2) fasst alle friedlichen Bewegungen um die Berliner Mauer 1989 zusammen. Es repräsentiert das Wunder der völlig unerwarteten Lösung einer Bedrohung, die 40 Jahre mitten in Europa bestand. Die ‚Mauer als Mythos‘ beinhaltet auch die Geschichte und die Verwandlungen der Mauer im Laufe der Zeit. Von 1961 bis 1989 hat sich die Mauer sehr in ihrer materiellen Struktur verändert, und ihre immaterielle Präsenz in Berlin entwickelte sich immer noch als Teil der Geschichte, als Sehenswürdigkeit, als Symbol für die Kuriosität und als Beweis für schreckliche Zeiten, die man sich nicht wieder wünscht.

Einen weiteren Schwerpunkt stellt der Versuch dieser Arbeit dar, alle Prämissen der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde und die rekonstruierten Deutungsmuster mit der pädagogischen Praxis in Bezug zu setzen, wobei noch ein großes Forschungsdefizit besteht (§ 4.1). Um diesen neuen Weg zu beschreiten, leiten sich nach den durchgeführten Auseinandersetzungen einige Aussagen her. Am Ausgangspunkt steht eine intensive Interpretationsarbeit von Texten, so dass das Hintergrundwissen und die Wissensstrukturen des Lesers dabei aktiviert werden müssen, um ein ‚kulturelles‘ und kritisches Textverstehen zu leisten. Das ‚kulturelle Lernen‘ und die Beschäftigung mit kulturellen Deutungsmustern soll einen aktiven Textrezeptionsprozess gewährleisten, der die Partizipation an deutschen Diskursen, die Übertragung von Informationen über die eigene Realität ins Deutsche und - insbesondere für Lerner, die Deutsch nicht in Deutschland lernen - vor Ort die Durchführung von allgemeinen Diskursen in deutscher Sprache ermöglicht.

Insgesamt ist wohl zu bedenken, dass die Interpretationsarbeit bezüglich des kulturellen Deutungsmusters erst möglich ist, wenn die Lehrenden mit diesen Inhalten vertraut sind und über eine gute Deutungskompetenz verfügen. Damit entstehen die Anforderungen, diese Inhalte und Auffassungen zu verbessern und weiterzuentwickeln, denn dadurch können sie in die Aus- und Fortbildung des pädagogischen Personals integriert werden.

Die Kulturwissenschaftliche Landeskunde hat also einen langen und aufregenden Weg vor sich, sowohl im Bereich der praktischen als auch der theoretischen Anforderungen an den Fremdsprachunterricht. Diese Arbeit hat versucht, angesichts der Rekonstruktion des Deutungsmusters ‚Mauer im Kopf‘ und ‚Mauer als Mythos‘ eine nähere Erklärung der

Ansprüche und Eigenschaften der Kulturwissenschaftlichen Landeskunde zu bringen und dadurch mit einigen Fragen und Überlegungen etwas zu diesem Prozess beizutragen.

# ANHANG

---

Der Anhang umfasst alle Texte, die die Analyse unterstützt haben. Die Schlüsseltexte werden an dieser Stelle in ihrer Vollversion erwähnt.

Die Metatexte entstehen aus einem größeren Datenkorpus, aus diesem Grund wird hier lediglich ihre Web-Adresse zitiert. Die Metatexte als Vollversion stehen in einer CD zur Verfügung.

## I - SCHLÜSSELTEXTE

- 1- *Mauer im Kopf* - Texte abrufbar

unter: [http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/5363/geboren\\_am\\_9\\_november.html](http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/5363/geboren_am_9_november.html)

## 20 JAHRE MAUERFALL GEBOREN AM 9. NOVEMBER



**Am Tag ihrer Geburt brannten die Synagogen, an ihrem 51. Geburtstag fiel die Mauer: Der 9. November prägte das Leben der bekanntesten ostdeutschen**

**Karikaturistin *Barbara Henniger*. SPIEGEL ONLINE stellt die ungewöhnliche Künstlerin vor - und zeigt ihre besten Karikaturen aus der Wende-Zeit. Von *Christoph Gunkel***

Ein wenig hat sie ihren eigenen Geburtstag gehasst - und das ein halbes Jahrhundert lang. Barbara Henniger, die bekannteste Karikaturistin der DDR, wurde am 9. November 1938 geboren. An jenem tragischen Schicksalstag, den die Nazis zynisch "Reichskristallnacht" taufen, der in Wirklichkeit aber ein organisiertes Massengpogrom war. In der Nacht vom 9. zum 10. November 1938 zündeten Schlägertrupps von SA und SS im ganzen Land Hunderte Synagogen an und zertrümmerten jüdische Geschäfte. Allein in dieser Nacht kamen vermutlich 400 Juden gewaltsam zu Tode - es war das Vorspiel zur Vernichtung.

"Für mich war mein Geburtstag immer belastet", sagt Henniger. "Ein Tag der Schande, an dem keine Freude aufkam". Sogar Scham habe sie empfunden, "nicht als Barbara Henniger, aber als Teil dieses Volks". Denn auch in Dresden, ihrem Geburtsort, wütete der nationalsozialistische Mob, als sie zur Welt kam. Der Furor der NS-Rassisten machte nicht einmal vor der altehrwürdigen Synagoge des berühmten Architekten Gottfried Semper halt. Die SA brannte das Gotteshaus nieder; die Ruine wurde später gesprengt.

Ihren 50. Geburtstag feierte Henniger dann doch groß. Das war 1988. Und dann, im Jahr darauf, erlebte sie den schönsten Geburtstag ihres Lebens. Es war der Tag, an dem in Berlin die Mauer fiel - und der Fluch von ihrem Geburtstag genommen wurde. Mit einer Flasche Sekt und einem Blumenstrauß zog Barbara Henniger in die Stadt, umarmte wildfremde Menschen und jubelte ihnen zu: "Ich habe heute Geburtstag!" Ein "völlig idiotischer Satz", sagt sie im Rückblick, doch damals war es ein Akt der Befreiung. Endlich hatte der 9. November für sie eine positive Bedeutung bekommen.

**Einfach nur furchtbar**

Und noch einen besonderen Satz rief sie an diesem 9. November 1989 völlig euphorisiert in das Mikrofon eines Reporters: "Ich bin stolz, DDR-Bürgerin zu sein." Nie zuvor hatte sie so etwas gesagt. Doch in dem Moment war sie stolz, dass "wir es geschafft haben, diese Mauer zu öffnen". Friedlich und aus eigener Kraft. Nur Stunden zuvor hätte sie sich noch nicht träumen lassen, dass ihr je so pathetische Worte über die Lippen kommen würden. Gerade ihr, einer Intellektuellen, die über Jahrzehnte das DDR-System kritisiert und mit spitzer Feder aufs Korn genommen hatte.

Es war ein verschlungener Weg, der Barbara Henniger in der DDR zu einer populären Karikaturistin machen sollte. Zu zeichnen angefangen hatte sie Ende der fünfziger Jahre während eines Architekturstudiums. Doch das gab sie 1958 entnervt auf, als sie ständig stupide Skizzen für standardisierte Plattenbauten anfertigen musste. Das Angebot, für das "Sächsische Tageblatt" ("ST") Karikaturen zu zeichnen, kam zufällig, nicht als Berufung. Aber es gab 20 Mark pro Zeichnung, und sie lernte ihren späteren Mann Heinfried kennen, einen Kulturredakteur. Aber sogar der fand ihre ersten Karikaturen „furchtbar“.

Sie sattelte um auf Journalismus und wurde Redakteurin beim "Sächsischen Tageblatt". Das war kein SED-Blatt, sondern eine Zeitung der Liberal-Demokratischen Partei Deutschlands (LDPD), einer der vier DDR-Blockparteien. Das "ST" war eine der wenigen Publikationen, die anfangs noch etwas eigenständig und manchmal auch kritisch berichteten konnten. "Für den damaligen Chefredakteur zählte Demokratie noch etwas, geistig war er ein Kind der Weimarer Republik", erinnert sich Henniger. "Wenn wir an allen Barrieren der Zensur vorbei etwas ins Blatt brachten, war das ein Sieg."

**Zeichnen für den "Gemüsegarten"**

Doch die Grenzen des Möglichen wurden von den Herrschenden immer enger gesteckt. Alle DDR-Zeitungen hingen am Tropf der staatlichen Nachrichtenagentur ADN. "Wir konnten nur versuchen, undogmatischer zu berichten und die agitative Sprache rauszuwerfen", erklärt ihr Mann Heinfried Henniger. Berichte über Kulturereignisse im Westen sollten "etwas freie Welt in die DDR holen". Doch die Möglichkeiten, auch nur ansatzweise eigenständigen Journalismus zu betreiben, wurden nach dem Mauerbau immer weiter eingeengt. Heinfried Henniger passte - und wechselte den Job: 1967 fand er eine Stelle in einem Berliner Verlag.

Wieder wurde für Barbara Henniger ein 9. November zum Schicksalstag - am 9. November 1967 zogen die Hennigers in ihre neue Wohnung ein. "Das war eine Bretterbude in Strausberg, mitten im Wald", erinnert sie sich mit Schauern, "weit weg von Berlin, nichts funktionierte". Aber es war die einzige Bleibe, die über den Zentralen Wohnungstausch zu bekommen gewesen war. Nur: Mit der entlegenen Wohnung war es vorbei mit der Arbeit als festangestellte Redakteurin. "Fürchterlich für ein Großstadtkind", fand Henniger ihre Lage.

Aber so wurde der 9. November 1967 zum Startschuss für Barbara Hennigers steile Karriere als freie Karikaturistin - ein Weg, den sie sonst vielleicht nie eingeschlagen hätte. Sie schickte Entwürfe an die Redaktion der einzigen DDR-Satirezeitschrift "Eulenspiegel" - und durfte sich bald in der Rubrik "Gemüsegarten" auf der vorletzten Seite probieren. 1971 schaffte sie es erstmals auf den Titel des in der DDR überaus begehrten und gern gelesenen Heftes.

### **Zu gut, um gedruckt zu werden**

Schon bald merkte sie, dass sie als Karikaturistin deutlich mehr Kritik an den Zuständen üben durfte als in ihrer Zeit als schreibende Journalistin. "Man konnte die Mauer nicht zeigen, wie sie ist", berichtet die heute 70-Jährige, "man musste eine Metapher, eine Codierung oder eine Analogie in einem Märchen finden." So verklausuliert attackierte sie in einer Karikatur beispielsweise den politischen und kulturellen Kahlschlag in den siebziger Jahren: Ein Zwerg steht inmitten abgeholzter Baumstümpfe, neben ihm liegt seine ebenfalls abgesäbelte Zwergenmütze. Er sagt: "Manchmal ist es gesünder, ein Zwerg zu sein."

Doch mancher Entwurf war "zu gut" um gedruckt zu werden, wie es in der "Eulenspiegel"-Redaktion umschrieben wurde, wenn eine Zeichnung dem Zensor zum Opfer fiel. Und natürlich fand auch Selbstzensur statt: "Ich hätte keine diffamierende Zeichnung von Honecker gemacht, aus Angst, dass ich mich damit kriminalisiere", gibt Henniger offen zu. "Die Hemdbrust aufreißen, heroisch einen Schuss abfangen - das war nicht mein Ding. Es galt, listig die Zensur zu unterlaufen." Dass ihre Zeichnungen im Westen mitunter als harmlos kritisiert wurden, störte sie herzlich wenig. Sie wusste ganz genau, dass sie von denen, auf die es ihr ankam, verstanden wurden: "Die DDR-Bürger hatten ein Gespür für die versteckten Botschaften."

In der Tat fand der "Eulenspiegel" reißenden Absatz. Und Zehntausende besuchten Karikaturausstellungen, auf denen auch manches gezeigt werden durfte, was dem "Eulenspiegel" zu bisant war. Es war eine seltene Gelegenheit, um endlich einmal lachen zu können über die Missstände in der DDR - die es offiziell natürlich gar nicht gab. Bis zu einem gewissen Grad war solch ein Ventil vom System durchaus gewollt. Doch je stärker die DDR Ende der achtziger Jahre ins Wanken geriet, desto rigider wurde die Gängelung durch die SED. "Es war auf der Haut zu spüren, dass etwas passiert", sagt Henniger von dieser Endzeit.

### **Ein West-Bier auf den Mauerfall**

Schon von Berufs wegen glaubte die Zeichnerin, ein recht feines Gespür für die Ausschläge der Politik entwickelt zu haben. Aber der Mauerfall am Abend ihres 51. Geburtstags überraschte auch sie völlig. Auf dem Weg in die Komische Oper - von ihren Kindern hatte sie zum Geburtstag Karten geschenkt bekommen - hörte sie die später berühmt gewordenen Worte von Günter Schabowski, die die Maueröffnung ins Rollen brachten. "Doch irgendwie habe ich den Satz nicht richtig interpretiert", lacht Barbara Henniger zwanzig Jahre später. Völlig ahnungslos lauschten sie und ihr

Mann in der Oper Georg Friedrich Händels "Giustino". Und völlig arglos fuhren sie nach der Vorstellung zur Tochter nach Berlin-Weißensee.

Erst die Nachrichten im West-Fernsehen öffnete ihnen dort die Augen: "Plötzlich stand da der Journalist Ruprecht Eser und berichtete, eben sei ein Ehepaar tränenüberströmt über die Grenze gelaufen." Einfach so, nur mit Personalausweis! Barbara Henniger konnte es nicht fassen. Sie packte Sekt und einen Blumenstrauß ein und fuhr mit ihrem Mann Richtung Grenzübergang Bornholmer Straße. Doch mit dem Auto gab es kein Durchkommen. Zu Fuß schlug sich das Ehepaar zum Übergang durch. "Die Leute jubelten und jauchzten wie die Verrückten, das war der Wahnsinn. So was erlebt man nur einmal." Was für ein Geburtstag!

Als das große Tor sich öffnete, kochte die Stimmung über. Den Blumenstrauß schenkte die Karikaturistin einem Grenzer, der das Präsent mit dem letzten Funken eiserner DDR-Disziplin ablehnte. Wildfremde Menschen lagen sich in den Armen. Von ihrem bisschen Westgeld leisteten sich die Hennigers ein Bier in einer Weddinger Eckkneipe - für zwei Bier reicht das Geld nicht. "Ich habe dem Wirt gesagt, dass wir aus dem Osten kommen", lacht Henniger. "Aber er hat nur komisch geguckt. Wahrscheinlich wusste er auch noch nicht, dass die Mauer gefallen war."

### **Auf Normalmaß geschrumpft**

Und wieder verändert sich Barbara Hennigers Leben an ihrem Geburtstag von Grund auf. Fast wehmütig spricht sie heute von der "anarchischen Wendezeit". Vor Arbeit konnte sie sich kaum retten; viele ihrer bekanntesten, vielfach preisgekrönten Zeichnungen entstanden in der verrückten Zeit zwischen Mauerfall und Wiedervereinigung. Wieder landeten etliche ihrer Entwürfe im Mülleimer - aber nicht mehr wegen der Zensur, sondern meist, weil sie binnen Stunden von der Aktualität überholt worden waren.

Und auch ihr Selbstverständnis als Karikaturistin verschob sich nach dem Ende der DDR. Im Realsozialismus hatte ihr Wirken "eine größere politische Bedeutung", glaubt Henniger. Vor ihrem 51. Geburtstag kritisierte sie verschlüsselt das System. Heute glaubt sie an das politische System und kann mit offenem Visier kämpfen. Das ist einfacher, aber auch ein Stück mehr Unterhaltung als Politik. "Die Bedeutung der Karikatur ist wieder auf ein normales Maß geschrumpft", sagt sie - und klingt dabei keineswegs traurig. Denn die DDR wollte sie nie zurück.



2 – Mauer als Mythos - Text abrufbar unter:

<http://www.spiegel.de/kultur/gesellschaft/mauerfall-talk-bei-anne-will-deutsch-aber-gluecklich-a-660094.html>

**Mauerfall-Talk bei Anne Will**

## Deutsch, aber glücklich

*Von Reinhard Mohr*



Berlin, Brandenburger Tor, 9. November 1989: Mythischer Ort

**Zehntausende feiern das Wunder von Berlin - und was machen wir? Diskutieren in Talkshows über Ost- und West-Ungerechtigkeit und die Kosten der Einheit. Auch Anne Wills Mauerfall-Sendung geriet in Gefahr, im handelsüblichen Klein-Klein zu versanden. Doch zum Glück hatte ein Gast deutliche Worte parat.**

- 5 Heute morgen, zu Beginn dieses großen Tages, fiel mir ein: Warum eigentlich hat sich Günter Wallraff, der als "Ali" ganz unten, bei "Bild" ganz oben und jüngst ganz schwarz war, noch nie als waschechter Ossi verkleidet? Warum also war er nie Fabrizio aus Elsterwerda mit Minipli, Schnauzer und "KiK"-Tüte - der von rassistischen Wessis diskriminierte "Bürger zweiter Klasse"? Jener Fabrizio aus dem Osten, dem man die Würde raubte, die Biografie und schließlich auch noch
- 10 seine "Melancholie", wie die Autorin Jana Hensel in ihrem neuen Buch "Achtung Zone" raunt.

- Ist also selbst Günter Wallraff, der Anwalt aller Entrechteten, ein Besserwessi, dem das Schicksal von Fabrizio egal ist? Oder gibt es "Fabrizio" alias Günter Wallraff schon - nur dass er in die Rolle von Uwe Steimle geschlüpft ist? So heißt jener schauspielernde und schlimm sächselnde Kabarettist, der als beleidigter Parade-Ossi zurzeit in jeder zweiten Mauerfall-Talkshow sitzt und
- 15 Sätze drehselt, die so falsch sind, dass nicht einmal ihr Gegenteil wahr ist. Kurz: Will Wallraff alias Steimle West-Ressentiments gegen den Uwe aus dem Osten provozieren?

Wir wissen es nicht. Aber wie gut, dass es die Wirklichkeit gibt.

20 Jene Wirklichkeit, in der Zehntausende Touristen aus aller Welt, für die das Wunder vom 9. November 1989 in Berlin immer noch eine Weltsensation ist, rund ums Brandenburger Tor flanieren und den mythischen Ort suchen, wo sich vor genau 20 Jahren die Freiheit Bahn brach.

25 Wie verkrampt-freudlos, gedankenarm und sturzdeutsch viele Talkshows der letzten Wochen verliefen, verdeutlicht noch ein Erlebnis aus dem richtigen Leben: Als vor wenigen Tagen ein internationaler Journalistenpreis verliehen wurde, teilten sich die Moderation der Veranstaltung im *Collegium Hungaricum*, einen Steinwurf von Angela Merkels Wohnung entfernt, eine Polin und ein Russe. Wettbewerbssieger wurde ein junger Slowake, und die Laudatio hielt der polnische Botschafter, ein brillanter Mann: Marek Prawda, einst Aktivist der Solidarnosc. Alle sprachen ein staunenswert gutes Deutsch, und selten war das Glück einer europäischen Zukunft ohne Mauern und Grenzen derart greifbar.

**"Wer noch nie beim Ostzahnarzt war, kann hier nicht mitreden!"**

30 Aber natürlich sind wir in Deutschland am liebsten mit uns selbst beschäftigt, und da wird erstmal gründlich diskutiert. Und auch wenn wir schon 20 Jahre lang diskutiert haben, kommt immer noch jemand und sagt, wir müssten uns jetzt aber noch mal unsere ganz persönlichen Geschichten erzählen, unsere wechselseitigen Nöte und Befindlichkeiten, wenn' sein muss jahrelang.

35 "Deutschland einig Vaterland?" - so fragte am Vorabend des großen Jubiläums Anne Will ihre Gäste, und es dauerte diesmal immerhin drei Minuten, bis man wieder beim Geld war. Nicht nur bei den annähernd 1,5 Billionen Euro Transferleistungen für den Osten, sondern auch bei Löhnen und sozialer Sicherheit. Ein Wunder, dass der Mindestlohn für Gebäudereiniger und Hartz IV nicht zur Sprache kamen.

40 Es war allein den drei männlichen Gästen zu verdanken, dass das Gespräch über ein magisches Jahrhundertereignis nicht im handelsüblichen Kleinklein versandete - allen voran dem Regisseur Leander Haußmann ("Sonnenallee"), dessen Vater Edzard zu DDR-Zeiten zehn Jahre Auftrittsverbot als Schauspieler hatte, weil er einen Kranz vor der Prager Botschaft ablegte.

45 Immer wieder erregte sich Leander Haußmann im Verlauf der Sendung über das routiniert-geschichtsvergessene Gerede von Alice Schwarzer und Gesine Löttsch, Bundestagsabgeordnete der "Linken", die bereits 1984, als in der Sowjetunion die SS-20-Atomraketen Europa bedrohten, in Erich Honeckers Friedenspartei SED eingetreten war. Mehrfach durchbrach er den politisch korrekten Talkshow-Comment und sagte Sätze, die man früher nur vom als reaktionär geltenden Gerhard Löwenthal im berühmten "ZDF-Magazin" hören konnte:

50 "Wer noch nie beim Ostzahnarzt war, kann hier nicht mitreden!"  
 "In der DDR gab es Sippenhaft wie bei den Nazis."  
 "Auf jedem Arbeitsplatz in der DDR saßen doch vier Leute."  
 "Die DDR war alles andere als harmlos: die Stasi hat Menschen ermordet."  
 "Stalin hat mehr Kommunisten umgebracht als Hitler".

55 Margot Honecker schließlich, die Witwe des großen Vorsitzenden Erich, die im sonnigen chilenischen Exil den nächsten Anlauf des Sozialismus abwartet und sich bis dahin über Wahlerfolge der "Linken" in Deutschland freut, nennt er eine "Faschistin" und "Verbrecherin", die "vor ein internationales Strafgericht gehört". Ihre eiserne "Blockwartmentalität", die sie bis in den letzten Schulhof durchgesetzt hat, sei im Osten auch heute noch präsent.

**"Es geht doch um den Sinn des Lebens"**



- 60 Angesichts dieser leidenschaftlichen Anfälle von Wahrheitsliebe blieb Joachim Gauck, Ex-Bürgerrechtler beim "Neuen Forum" und erster Bundesbeauftragter für die Stasi-Unterlagen, und Klaus von Dohnanyi, einst sozialdemokratischer Bürgermeister in Hamburg und lange Jahre Aufbauhelfer in der Ex-DDR, nur die Rolle der mahnenden Weltvernunft. "Ich gehöre zu denen, die wirklich dankbar sind, dass die Wessis uns 1989 mit den Ossis nicht alleine gelassen haben",
- 65 bekannte Gauck und erinnerte noch einmal an die historische Reihenfolge: Erst kam die Freiheit und dann die Einheit. Und was den "Mythos vom Sozialstaat DDR" betreffe: Auch in der sozialen Frage ziehe die Diktatur "in jedem Punkt" den Kürzeren gegenüber der Demokratie.

- Auch Dohnanyi verwies ein ums andere Mal auf die wirklichen Verhältnisse vor 20 Jahren- vom katastrophalen Zustand der komplett ruinierten DDR-Planwirtschaft bis zum politisch-moralischen Bankrott des "real existierenden Sozialismus", der keine realistische Alternative mehr aus sich selbst heraus hervorbringen konnte und regelrecht implodierte.
- 70

- "Tschüss DDR!" heißt ein Dokumentarfilm der "Stiftung für deutsch-polnische Zusammenarbeit", der bislang nur einem ausgewählten Publikum gezeigt wurde. Er beschreibt die bisher kaum bekannte Flucht von 6000 DDR-Bürgern über die polnische Grenze zur (west-)deutschen Botschaft in Warschau kurz vor dem Mauerfall. Wer ihn gesehen hat, braucht keine einzige Talkshow mehr, um Motivforschung und Untergangsanalyse zu betreiben.
- 75

"Es geht doch um den Sinn des Lebens", sagte Leander Haußmann. "Du musst doch am Ende sagen können, dass es nicht umsonst war."

- Wie schön, dass wir wenigstens von einem Tag ganz sicher sagen können, dass er nicht umsonst war. Es war der 9. November 1989.
- 80

## II - METATEXTEADRESSE:

### Der Spiegel

09.11.09

Spiegel 3: 20-jähriges Jubiläum – „Berlin feiert den

Mauerfall“<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/20-jaehriges-jubilaum-berlin-feiert-den-mauerfall-a-660124.html>

Spiegel 4: Mauerfall – Talk bei Anne Will „Deutsch, aber glücklich“, von Reinhard Mohr

<http://www.spiegel.de/kultur/gesellschaft/mauerfall-talk-bei-anne-will-deutsch-aber-gluecklich-a-660094.html>

Spiegel 5: TV-Sender – „Im nahen Osten – so fern“, von Thomas Tuma

<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-67682710.html>

Spiegel 6: Essay – „Der Fremde Blick“, von Jana Hensel<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-67682732.html>

Spiegel 7: Ost-West-Vergleich – „Weg frei für die Wirtschafts-Einheit“, von Ole

Reißmann<http://www.spiegel.de/wirtschaft/soziales/ost-west-vergleich-weg-frei-fuer-die-wirtschafts-einheit-a-660175.html>

Spiegel 8: 20 Jahre Mauerfall – „Rendezvous mit der Revolution“, von Claus C. Malzahn  
<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/20-jahre-mauerfall-rendezvous-mit-der-revolution-a-660243.html>

Spiegel 9: 20 Jahre nach der Wende – „Studie offenbart weltweite Unzufriedenheit mit der Kapitalismus

<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/20-jahre-nach-der-wende-studie-offenbart-weltweite-unzufriedenheit-mit-kapitalismus-a-660085.html>

## Die Welt

Die Welt stellt ihre Gesamtausgaben als ePaper-Archiv zur Verfügung, auf diese Weise sollen die Texte erstmals nach Datum gesucht werden. Danach kann man nach Seite und Titel suchen. Es wurden nur die ‚Ausgabe Berlin‘ untersucht.

<http://epaper.apps.welt.de/wams/archiv/list/?etag=2009-11-01>

Welt 07 – 05.11.09, s.7: Essay – „Der unterschätzte Kanzler“, von Michael Stürmer

Welt 09 – 06.11.09, s. 14: Wirtschaft – „Gegründet am 9. November“

Welt 10 – 07.11.09, s. 01: „Das unverhoffte Glück der Deutsche – Das Ende des Kommunismus hätte auch blutig ausfallen können. Wir haben ein Grund, dankbar zu sein“, von Thomas Schmid

Welt 20 – 07.11.09, s.34: Mauerfall – „Das Ende der Anomalie“, von Jens Reich

Welt 21 – 07.11.09, s. 08: 20 Jahre Mauerfall – „Auf der Mauer stehen: ein Statement“

Welt 23 – 08.11.09, s. 08: „Mit der gefallenen Mauer wich die Angst“, von Jerzy Buzek

Welt 25 – 09.11.09, s.02: 20 Jahre Mauerfall – „Der Tag“, von Sven Felix Kellerhoff

Welt 27 – 09.11.09, s. 6: Leitartikel - „ Die Revolution hat gerade erst begonnen“, von Mathias Döpfner.

Welt 28 – 09.11.09, s. 9: Wirtschaft – „In den Osten flossen bislang 1,3 Billionen Euro“

Welt 32 – 10.11.09, s.01: Frontartikel – „Dafür hat es sich gelohnt zu kämpfen“

Welt 33 – 10.11.09, s.2: 20 Jahre Mauerfall - „Zwanzig Jahre sind ein Tag: So Feiert Berlin den Mauerfall“

Welt 38 – 10.11.09, s. 6: Gastkommentar – „Was die Welt von Berlin lernen könnte – Und ewig trennt die Mauer?“, von Dominique Moisi

Welt 39 – 10.11.09, s. 27: Wissenschaft - „Die Mauern des Denkens niederreißen“, von Wolfgang W. Merkel

Welt 41 – 11.11.09, s. 07: Leserbrief - „Der Freiheit Gedenken“, von Lothar G. Kopp

## **Die Zeit**

Zeit 6 – 06.11.09: Kultur – „Ich liebe Grenzen“, von Wenke Husmann  
<http://www.zeit.de/kultur/kunst/2009-11/Faithfull-Interview>

Zeit 8 – 08.11.09: Gesellschaft – „20 Jahre danach: Was ist Deutschland?“, von Helmut Schümann  
<http://www.zeit.de/politik/2009-11/was-ist-deutschland>

Zeit 9 – 09.11.09: Gesellschaft – „Merkels zweiter Gang über die Bornholmer Brücke“  
<http://www.zeit.de/politik/deutschland/2009-11/merkel-mauerfall-jahrestag>

# LITERATURVERZEICHNIS

---

- Altmayer, Claus (2010): „Kulturwissenschaft – eine neue Perspektive für die Germanistik in Afrika?“, *Acta Germanica* 38, 86-102.
- Altmayer, Claus / Koreik, Uwe (2010): „Geschichte und Konzepte einer Kulturwissenschaft im Fach Deutsch als Fremdsprache“, in: Krumm, Hans Jürgen (Hrsg.): *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache, Teilband 2 – Ein internationales Handbuch*, Berlin: De Gruyter Mouton, 1378-1391.
- Altmayer, Claus (2009): „Instrumente für die empirische Erforschung kultureller Lernprozesse im Kontext von Deutsch als Fremdsprache“, in: Hu, Adelheid; Byram, Michael (Hrsg.): *Interkulturelle Kompetenz und fremdsprachliches Lernen: Modelle, Empirie, Evaluation*, Tübingen: Narr, 123-138.
- Altmayer, Claus (2007a): „Kulturwissenschaftliche Diskursanalyse im Kontext des Faches Deutsch als Fremdsprache – Ziele und Verfahren“, in: Redder, Angelika (Hrsg.): *Diskurse und Texte. Festschrift für Konrad Ehlich zum 65. Geburtstag*, Tübingen: Stauffenburg, 575-584.
- Altmayer, Claus (2007b): „Von der Landeskunde zur Kulturwissenschaft – Innovation oder Modetrend?“, *Germanistische Mitteilungen* 65, 7-21.
- Altmayer, Claus (2006a): „„Kulturelle Deutungsmuster“ als Lerngegenstand – Zur Kulturwissenschaftlichen Transformation der ‚Landeskunde‘“, *FLuL* 35, 44-58
- Altmayer, Claus (2006b): „Landeskunde als Kulturwissenschaft. Ein Forschungsprogramm“, *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache* 32, 181-199.
- Altmayer, Claus (2004): *Kultur als Hypertext. Zu Theorie und Praxis der Kulturwissenschaft im Fach Deutsch als Fremdsprache*, München: Iudicium.
- Assmann, Aleida (2006): *Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, München: Beck.
- Assmann, Aleida ; Assmann, Jan (1994): „Das Gestern im Heute. Medien und soziales Gedächtnis“, in: Merten, K.; Schmidt, S.J.; Weischenberg, S. (Hrsg.): *Die Wirklichkeit der Medien. Eine Einführung in die Kommunikationswissenschaft*, Opladen: Westdeutscher, 114-140.
- Assmann, Jan (2007): *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München: Beck.
- Bärenfänger, Olaf; Stevener, Jan (2001): „Datenerhebungsverfahren“ *FLuL* 30, 13-27.
- Bohunovsky, Ruth / Bolognini, Carmen Zink (2005): „Deutsch für Brasilianer: Begegnungen mit dem fremden als Vorbereitung für interkulturelle Kompetenz“, ZIF

[Online] 10/3, 14 S. (abrufbar unter <http://zif.spz.tu-darmstadt.de/jg-10-3/beitrag/BohunovskyBolognini2.htm>, Stand: 10.02.12)

Bohnsack, Ralf (2010): Rekonstruktive Sozialforschung – Einführung in qualitative Methoden, Wien: Barbara Budrich, 155-172.

Bohnsack, Ralf (2011): Qualitative Bild- und Videointerpretation, Wien: Barbara Budrich, 25-49.

Diaz-Bone, Rainer (2005): „Diskursanalyse“, in: Mikos, Lothar; Weneger, Claudia (Hrsg.): Qualitative Medienforschung. Ein Handbuch, Konstanz: UVK/UTB, S. 538-552.

Deutsche Welle TV – „20 Jahre Mauerfall - Mythos Mauer: Wo verlief sie eigentlich?“  
<http://www.youtube.com/watch?v=9YORdq-RAzw>

Ernst, Peter (2002): Pragmalinguistik: Grundlagen, Anwendungen, Probleme, Berlin: de Gruyter, 19-59.

Falter, J.W.; Gabriel, O. W.; Rattinger, H.; Schoen, H. (Hrsg.) (2006): Sind wir ein Volk? Ost- und Westdeutschland im Vergleich, München: Beck.

Geertz, Clifford (1995): Dichte Beschreibung. Beiträge zum Verstehen kultureller Systeme, Frankfurt a. M.: Suhrkamp.

Groenewold, Peter (2005): 'Lässt sich ein Land erlernen wie eine Fremdsprache? Überlegungen zu einem unerlaubten Vergleich', Info DaF 32, 515-527.

Hu, Adelheid (2010): "Fremdverstehen und kulturelles Lernen", in: Krumm, Hans-Jürgen (Hrsg.): Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, Berlin: De Gruyter Mouton, 1391-1399.

Keller, Rainer (2003): „Kultur als Diskursfeld“, in: Geideck, Susan & Liebert, Wolf-Andreas (Hrsg.): Sinnformeln: linguistische und soziologische Analysen von Leitbildern, Metaphern und anderen kollektiven Orientierungsmustern, Berlin: De Gruyter, 283-305.

Keller, Rainer (2007): „Diskurse und Dispositive analysieren. Die Wissenssoziologische Diskursanalyse als Beitrag zu einer wissensanalytischen Profilierung der Diskursforschung“, FQS[Online] 8 (2), Art. 19 (abrufbar unter: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/index>, Stand: 15.02. 10)

Keller, Rainer (2009): Müll – Die gesellschaftliche Konstruktion des Wertvollen. Die öffentliche Diskussion über Abfall in Deutschland und Frankreich, Wiesbaden: VS Verlag.

Keller, Rainer (2011 a): Diskursforschung – Eine Einführung für Sozialwissenschaftlerinnen, Wiesbaden: VS Verlag.

Keller, Rainer (2011 b): Wissenssoziologische Diskursanalyse – Grundlegung eines Forschungsprogramms, Wiesbaden: VS Verlag.

- Knapp, Annelie (2010): „Interkulturelle Kompetenz: eine sprachwissenschaftliche Perspektive“, In: Auernheimer, Georg (Hrsg.): Interkulturelle Kompetenz und pädagogische Professionalität, Wiesbaden: VS Verlag, 81-97.
- Koreik, Uwe/ Pietzuch, Jan Paul (2010): „Entwicklungslinien landeskundlicher Ansätze und Vermittlungskonzepte“, in: Krumm, Hans-Jürgen (Hrsg.): Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, Berlin: De Gruyter Mouton, 1441-1454.
- Kriz, Willy Christian (2000): Lernziel: Systemkompetenz. Planspiele als Trainingsmethode, Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 118-183.
- Lüders, Christian (1991): „Deutungsmusteranalyse – Annäherung an ein risikoreiches Konzept“, in: Garz, Detlef; Kraimer, Klaus: Qualitativ-empirische Sozialforschung: Konzepte, Methoden, Analysen, Opladen: Westdeutscher, 377-403.
- Maringer, Isabelle (2009): „Kulturelle Deutungsmuster in deutschsprachigen Medienbeiträgen zum EU-Beitritt der Türkei“, in: Peuschel, Kristina/ Pietzuch, Jan P. (Hrsg.): Kaleidoskop der jungen DaF/DaZ Forschung, Göttingen: Univ. Verl., 67-88.
- Neller, Katja (2006): „Getrennt vereint? Ost-West Identitäten, Stereotypen und Fremdheitsgefühle nach 15 Jahre deutscher Einheit“, in: Falter, J.W.; Gabriel, O. W.; Rattinger, H.; Schoen, H.; (Hrsg.): Sind wir ein Volk? Ost- und Westdeutschland im Vergleich, München: Beck.
- Nooke, Maria (2009) „Vom Mauerbau zum Mauerfall – Kurze Geschichte der Teilung“, in: Kaminsky, Anna (Hrsg.): Die Berliner Mauer in der Welt, Berlin: Berlin Story, 8-23.
- Oevermann, Ulrich (1973): Zur Analyse der Struktur von sozialen Deutungsmustern. Abrufbar unter: <http://publikationen.ub.uni-frankfurt.de/home>
- Padrós, Alicia/ Biechele, Markus (2004): *Didaktik der Landeskunde*, Berlin u.a. : Langenscheidt (Fernstudienheit 31).
- Pietzuch, Jan P. (2009): „Kulturelles Lernen als Modifikation personaler Kulturkonstrukte – Eine Projektheuristik“, in: Peuschel, Kristina/ Pietzuch, Jan P. (Hrsg.): Kaleidoskop der jungen DaF/DaZ Forschung, Göttingen: Univ. Verl., 107-124.
- Rösler, Dietmar (1993): Drei Gefahren für Sprachlehrforschung im Bereich Deutsch als Fremdsprache: Konzentration auf prototypische Lernergruppen, globale Methodendiskussion, Trivialisierung und Verselbständigung des Interkulturellen, Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache 19, 77-79.
- Scharl, Katharina/ Altmayer, Claus (2010): „ ‚Ich bin stolz ein Deutscher zu sein‘. Kulturbezogene Sinnbildungsprozesse bei Lernern des Deutschen als Fremdsprache“, in: ZIF [Online] 15/2, S. 43-60 (abrufbar unter <http://zif.spz.tu-darmstadt.de/jg-15-2/beitrag/AltmayerScharl.pdf>, Stand: 12.02.12)
- Schnotz, Wolfgang (2006): „Was geschieht im Kopf des Lesers. Mentale Konstruktionsprozesse beim Textverstehen aus Sicht der Psychologie und der kognitive Linguistik“, in: Blühdorn, Hardarik; Breindl, Eva; Waßner, Elrich Hermann (Hrsg.): Text-Verstehen. Grammatik und darüber hinaus, Berlin: de Gruyter, 222-238.



- Schulz, Renate A. / Tschirner, Erwin (Hrsg.) (2008): *Communicating Across Borders. Developing Intercultural Competence in German as a Foreign Language*, München: Iudicium.
- Schramm, Karen (2001): *L2-Leser in Aktion. Der fremdsprachliche Leseprozess als mentales Handeln*, Münster: Waxmann.
- Soethe, Paulo A. / Weininger, Markus J. (2009): “ Interkulturelle Zusammenarbeit im akademischen Bereich – Geschichtsbewusstsein, Multidisziplinarität und Reziprozität als Rezept für erfolgreiche Projekte”, in: Lüttich, Hess (Hrsg.): *Wie kann man vom ‘Deutschen’ leben? : zur Praxisrelevanz der interkulturellen Germanistik*, Berlin : Lang, 361-376.
- Soethe, Paulo A. (2010): „Deutsch in Brasilien“, in: Krumm, Hans-Jürgen (Hrsg.): *Deutsch als Fremd- und Zweitsprache – Ein internationales Handbuch*, Berlin: de Gruyter, 1624-1627.
- Strübing, Jörg (2008): *Grounded Theory – Zur sozialtheoretischen und epistemologischen Fundierung des Verfahrens der empirisch begründeten Theoriebildung*, Wiesbaden: VS Verlag.
- Ucharim, Anya (2009): „Die traditionelle Lehrwerkanalyse und die Diskursanalyse – Zwei Methoden zur inhaltlichen Analyse von Lehrwerken für Intefrationskurse“, in: Peuschel, Kristina/ Pietzuch, Jan P. (Hrsg.): *Kaleidoskop der jungen DaF/DaZ Forschung*, Göttingen: Univ. Verl., 149- 167.
- Unger, Tim (2007): *Bildungsidee und Bildungsverständnis. Eine grundlagentheoretische Analyse und empirische Fallstudie zum Bildungsverständnis von Lehrenden an Berufsschulen*, Münster: Waxmann, 159 – 202.
- Wolfgang, Iser (1994): *Der Akt des Lesens*. München : Fink, 301-315.

# SELBSTÄNDIGKEITSERKLÄRUNG

---

Ich erkläre, dass ich die vorliegende Masterarbeit selbständig und unter Verwendung der angegebenen Quellen und Hilfsmittel angefertigt habe.

---

RosaneInêsChapiewsky

Curitiba, den 27.03.2013.